

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINÃ
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JORNAL O ESTADO:

uma história em construção (1915-1931)

MARIA MARGARETE SELL DA MATA

FLORIANÓPOLIS
1996

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JORNAL © ESTADO:

uma história em construção (1915-1931)

MARIA MARGARETE SELL DA MATA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História
da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do
título de Mestre em História

FLORIANÓPOLIS
1996

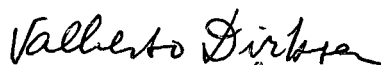
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JORNAL © ESTADO:

uma história em construção (1915-1931)

MARIA MARGARETE SELL DA MATA

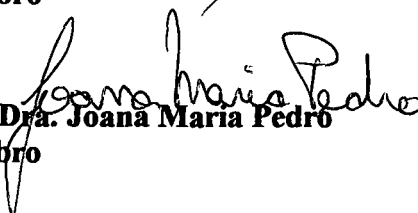
Banca Julgadora:



Prof. Dr. Valberto Dirksen
Orientador



Prof. Dr. Walter Fernando Piazza
Membro



Prof. Dra. Joana Maria Pedro
Membro

FLORIANÓPOLIS
1996

AGRADECIMENTOS

Na vida tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito ...
Há tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou ...

Durante o tempo que fiz esta pesquisa, “tempo de plantar”, foram muitos que participaram da sementeira. Por isso, deixo registrados os agradecimentos:

Em primeiro lugar, a DEUS, por me ter concedido inteligência e raciocínio;

Ao meu companheiro, Francisco José da Mata e aos filhos, Guilherme Sell da Mata e Glauber Sell da Mata, que sentiram minha “ausência-presente”, mas sempre me estimularam e acreditaram no sucesso de “subir mais um degrau” na vida profissional;

Aos meus pais, Waldemar Sell e Maria de Lourdes Schmidt Sell, que investiram na minha educação e apostaram em mim;

Ao Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UFSC, pela minha liberação para formação, durante um semestre, em tempo parcial, e quatro semestres, em tempo integral. E, em especial, à Professora Claudia Gonçalves de Souza, na época Chefe do Departamento, por ter assumido, durante minha ausência no Departamento, além dos encargos administrativos, minhas disciplinas e sempre tendo primado pela qualidade do ensino da Biblioteconomia;

À Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, por cumprir o seu papel de guardiã da memória catarinense, e manter em seu acervo a coleção, em formato original, do jornal **O Estado**. E, aos funcionários do Setor de Santa Catarina pelo atendimento prestado;

À aluna, bolsista Elaine Cristina Vicente, por me auxiliar na coleta dos dados;

Às amigas, Ivonete Pereira e Patrícia Zumblick May dos Santos, que tive o privilégio de conhecê-las durante a trajetória do mestrado, e que se dispuseram a discutir e criticar academicamente o trabalho, sempre de maneira estimulante e com sugestões que enriqueceram o andamento e a conclusão da pesquisa;

À Professora, Dra. Joana Maria Pedro, pelo brilhantismo profissional das sugestões e análises feitas acerca dos temas abordados;

Ao colega dos “idos tempos” da Faculdade de Educação da UDESC, Professor Dr. Sérgio Schmitz, que lançou para mim “boas sementes” e que hoje os frutos estão sendo colhidos;

Ao Orientador Professor, Dr. Valberto Dirksen pela sua virtude humana, orientação e lisura profissional. O registro de minha gratidão;

Enfim, o meu agradecimento a todos que durante o mestrado deram incentivo e apoio, principalmente, nos momentos críticos.

SUMÁRIO

	Folha
RESUMO	vi
RESUMÉ	vii
À GUISA DE UMA ESCRITA	1
CAPÍTULO I JORNAL O ESTADO: UMA EMPRESA ALÉM DE SEUS LIMITES	5
CAPÍTULO II JORNAL O ESTADO: UMA VIA DE MÃO-DUPLA: FUNDADORES, DIRETORES, REDADORES E ARTICU- LISTAS	36
CAPÍTULO III JORNAL O ESTADO: O ESPELHO DE UMA ÉPOCA.....	56
ALÉM DE UMA MATÉRIA	86
FONTES	88

MATA, Maria Margarete Sell da. **Jornal O Estado** : uma história em construção (1915-1931) . Florianópolis, 1996. vii, 95 f. Dissertação (Mestrado em História) UFSC, Florianópolis, 1996.

Orientador: Prof. Dr. Valberto Dirksen

RESUMO

Estudo historiográfico sobre um dos componentes da [imprensa catarinense], o jornal [**O Estado**], durante o período de 1915 a 1931. Com ênfase na discussão de que o referido órgão apresentava-se [além de uma empresa jornalística], mostrava-se um [agente suscitador de mudanças] que interferia no cotidiano da cidade de Florianópolis, tentando ditar [novos valores e regras] e enraizando outros.

MATA, Maria Margarete Sell da. **Jornal O Estado** : uma história em construção (1915-1931) . Florianópolis, 1996. vii, 95 f. Dissertação (Mestrado em História) UFSC, Florianópolis, 1996.

Orientador: Prof. Dr. Valberto Dirksen

RESUMÉ

Cette recherche est fondée sur une étude historiographique du journal “**O Estado**”, pendant la période 1915-1931. L'étude fait ressortir l'importance de ce périodique, comme instrument de changement des valeurs établis, dans la vie quotidienne de la ville de Florianópolis.

À GUISA DE UMA ESCRITA

A utilização dos jornais, como fonte de documentação para uma análise temática dentro da história, tem sido uma ferramenta largamente utilizada nas pesquisas acadêmicas. Entretanto, poucos historiadores direcionam suas produções em torno dos próprios jornais, ou seja, para uma história da própria imprensa. Dada a baixa produção nesta área, citamos o trabalho **Nas tramas entre o público e o privado**, de Joana Maria Pedro, onde a autora, procurando compreender os limites entre o público e privado, aprofunda esta questão, tomando como foco de análise os jornais surgidos na imprensa desterrense entre 1831 e 1889. Ainda, registramos as dissertações de Adélia dos Santos Silveira, **Catálogo analítico descritivo dos jornais de Desterro (1850-1894)**, Laura do Nascimento Rótulo Moraes, **Catálogo analítico descritivo dos jornais de Florianópolis (1894-1914)**, e Aída Melo Schlichiting, **Catálogo analítico descritivo dos jornais de Florianópolis (1914-1930)**, as mesmas, focando os jornais com lentes diferentes das usadas por Joana Maria Pedro, descrevem características dos jornais publicados em Florianópolis no final do século XIX e início do século XX.

Desta feita, percebemos que os estudos históricos no Brasil, mais precisamente em Florianópolis, têm dado pouca importância à imprensa como objeto de investigação, utilizando-se dela apenas como fonte confirmadora de análises apoiadas em outros tipos de documentação¹.

Assim, a presente pesquisa se ensaia numa direção de instituir o jornal **O Estado**² como fonte principal de investigação e análise. Fazendo a referida análise dentro de um diálogo com uma produção bibliográfica, publicada tanto no formato de livro como de periódico, que versa sobre a imprensa, considerando que um documento - no caso o jornal - não pode ser estudado isoladamente, mas em relação com outras fontes que ampliem sua compreensão. Maria Helena Rolim Capelato, na obra **Imprensa e história no Brasil**, afirma que analisar isoladamente um jornal é

¹ CAPELATO, Maria Helena Rolim, PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino : imprensa e ideologia**, o jornal **O Estado** de S. Paulo. São Paulo : Alfa-Omega, 1980. p. xix //

² No período de 1892 a 1902, circulou em Florianópolis o jornal **O Estado**, sob o comando do Partido Republicano-Federalista. Apesar de ter seu título homônimo de nosso objeto de pesquisa, trata-se de outro jornal com objetivos e plataforma própria.

impossível, devemos “trabalhar dentro e fora dele”, a fim de “considerar suas significações explícitas e implícitas (não manifestas)”³.

A escolha de um jornal, como objeto de estudo, prende-se ao fato de compreendermos a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção da vida social. Um exemplo típico deste instrumento de manipulação, foi, recentemente, a morte de PC Farias e Suzana Marcolino, demonstrando como a fragilidade da esfera privada burguesa é exposta pela imprensa, vindo, de encontro com as colocações de Jürgen Habermas, sobre a questão do envolvimento entre o público e o privado, que continua ainda em nossos dias a suscitar as mesmas seqüelas e conflitos do modelo da esfera pública helênica, tal como os gregos nos transmitiram⁴.

O corte cronológico, 1915/1931, deu-se pela constatação da importância que as décadas em questão representaram no contexto mundial e nacional, onde a presença da 1ª Guerra Mundial e as perturbações políticas que culminaram com o colapso da Primeira República, foram fundamentais para a compreensão dos problemas enfrentados pela sociedade brasileira e florianopolitana.

Este trabalho acompanha a “esteira”, cada dia mais arraigada da história social. Pois o período, em Florianópolis, é marcado por uma era de mudanças urbanas e tentativa de reajustamento social e moral. Com a instalação da rede de água (1910), de luz elétrica (1910) e de esgotos (1917), o espaço urbano aos poucos ia sendo transformado para tornar-se uma cidade limpa, saudável e “civilizada”, sendo que era imprescindível que seus habitantes se ajustassem às mudanças⁵ e a imprensa constituía-se como porta-voz destas mudanças.

Ao tentarmos “lançar um olhar para o passado com os olhos do presente”, os editoriais e outros artigos que constituem a parte opinativa d’**O Estado**, foram o pano de fundo da pesquisa.

No meio acadêmico, vários autores têm abordado questões entre os limites do público e do privado. Para a análise do jornal **O Estado**, tentamos seguir as balizas

³ CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo : Contexto : EDUSP, 1988. p. 24 (Repensando a história)

⁴ HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública : investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1984. p. 9

⁵ PEREIRA, Ivonete. “As decaídas”: mulheres no cotidiano de Florianópolis (1900-1940). Florianópolis, 1996. Dissertação (Mestrado em História) UFSC, Florianópolis, 1996. Cfe o capítulo I, onde a mesma apresenta algumas mudanças urbanas em paralelo a esta tentativa de reajustamento social e moral.

construídas por Jürgen Habermas, na obra **Mudança estrutural da esfera pública**, na qual o mesmo faz uma análise do tipo “esfera pública burguesa”. Concebendo esta esfera como uma categoria típica da Idade Moderna europeia, procura mostrar a questão da “opinião pública” na Inglaterra no século XVIII, considerando a esfera pública como uma categoria histórica e ao mesmo tempo observa a manipulação da imprensa que transforma-se num “pórtico de entrada de privilegiados interesses na esfera pública”.

Seguir a trajetória do Jornal, no contexto de Florianópolis, é perceber o seu entrelaçamento entre o público e o privado. Para tanto, tentamos ainda projetar no presente trabalho os marcos de Richard Sennett teorizados na obra **O declínio do homem público**, no que tange às mudanças no domínio público, onde o autor, ao estabelecer uma linha divisória entre público e privado, identifica uma via de mão-dupla, criado no “universo” das relações sociais, ou seja, a oscilação de papéis atribuída ora à vida pública, ora à vida privada.

Ainda, dentro da linha teórica, o marco referencial de Hannah Arendt, traçado na obra **A condição humana**, sustentaram nosso arcabouço teórico, onde a autora ao discutir a bondade realizada dentro do âmbito da esfera pública e privada, indica um significado entre ambas, ou seja, aspectos que devem ser ocultados e outros que necessitam ser expostos “*em público para que possa adquirir alguma forma de existência*”⁶.

Dentro desta contextualização, a autora ao analisar a bondade, nos dá as bases teóricas para discutirmos a benemerência praticada por homens “ilustres” de Santa Catarina, os quais constantemente eram exaltados, devido a seus atos, pelo **O Estado**.

O enaltecimento de homens públicos é uma prática criada pela burguesia, quando da criação do Estado Moderno, onde a figura de pessoas públicas era enaltecida através de estratégias dos meios de comunicação. Isto fica evidenciado através da obra **A fabricação do rei**, de Peter Burke⁷. Traçando um paralelo entre as colocações de Burke e pensando no enaltecimento de figuras públicas promovidas pelo **O Estado**, percebemos que o Jornal ao passo que promovia figuras “ilustres da terra”, criando novos heróis, em uma época em que os heróis a todo o instante, eram criados

⁶ ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 7. ed. rev. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1995. p. 84

⁷ BURKE, Peter. **A fabricação do rei** : a construção da imagem pública de Luís XIV. Rio de Janeiro : Zahar, 1994. p. 176-179

e apresentavam-se como figuras que faziam parte da memória coletiva da cidade e que deveria ser preservada, destacava-se entre os demais jornais ultrapassando sua tiragem habitual de venda, fato este de suma importância para sua sobrevivência enquanto empresa.

Assim, pelas discussões de Habermas, Sennett e Arendt, pretendemos demonstrar como a imprensa de Florianópolis, nas primeiras décadas do século XX, através do jornal **O Estado**, instrumento privilegiado da esfera pública burguesa, indicava um “*entrelaçamento entre o poder público e os interesses privados*”⁸ nas suas páginas. Entrelaçamento este que se dava por intermédio das relações de poder, com o enaltecimento de figuras “públicas”, buscando o Jornal, um espaço público garantindo o que a elite local podia oferecer-lhe.

O trabalho compõe-se de três capítulos; o primeiro apresenta além dos aspectos relativos ao conteúdo e à história do Jornal, o seu funcionamento enquanto empresa jornalística, como também, a deflagração de campanhas beneméritas e cívicas suscitadas pelo diário e a demonstração de como, O Jornal, encontrava diversas estratégias para sobreviver e como interagia com os leitores numa “via de mão-dupla” e num “arremedo” de constituição da esfera pública. No segundo capítulo, discutimos as disputas político-ideológicas dos dirigentes do periódico, que se alternavam no cargo, as quais acabavam se refletindo nas suas páginas, bem como, as mudanças de dono e articulistas que influenciaram no Jornal, principalmente, considerando-se que Florianópolis, na época, era uma cidade de poucos recursos onde praticamente era impossível sobreviver apenas do jornalismo. O terceiro capítulo indica a inserção d’**O Estado** na conjuntura da cidade de Florianópolis, ao acompanhar as transformações, não somente no que tange às evoluções da imprensa, como também na modificação de seu espaço público e no modo de vida do florianopolitano. O mesmo mostra também, o Jornal como um documento que reflete as problematizações de uma época.

⁸ PEDRO, Joana Maria. **Nas tramas entre o público e privado : a imprensa de Desterro(1831-1889)**. Florianópolis, 1993. f. 5 (Trabalho apresentado à UFSC no Concurso de Professor Titular, abril de 1993)

CAPÍTULO I

**JORNAL O ESTADO:
UMA EMPRESA ALÉM DE SEUS LIMITES**

A imprensa florianopolitana iniciou-se com **O Catharinense**, primeiro jornal editado em Desterro, fundado a 28 de julho de 1831, por Jerônimo Coelho, que estava "*imbuído das idéias liberais que sopravam da Europa e dos Estados Unidos*"¹.

Em Florianópolis, as três primeiras décadas do século XX, caracterizaram-se pela proliferação de periódicos, não propriamente "políticos" no conceito de Nelson Werneck Sodré², mas ligados de uma forma ou de outra à política partidária. Neste período foram publicados e circularam, nesta cidade, 88 títulos de jornais. Observando-se a obra **Catálogo de jornais catarinenses (1850-1989)**, organizado pela Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, percebe-se que, a maioria dos jornais não sobreviveram aos primeiros números, outros, porém, permaneceram. Joana Maria Pedro, em seu trabalho, **Nas tramas entre o público e o privado**, informa que no século XIX, os "*jornais, resultado de empreendimentos individuais, tiveram sua subsistência dependente de partidos políticos e/ou subvenções do poder público. O jornalismo literário, dito imparcial, teve vida efêmera*"³. Este mesmo diagnóstico persistiu, ainda, nas primeiras décadas do século XX.

Vários fatores concorreram para a expansão da imprensa. No início do século XX com a ascensão da classe média, o combate à política vigente no país, que privilegiava os estados produtores de café, tornava-se agudo. Os jornais dividiam-se refletindo as polarizações da opinião pública nacional. De um lado estavam aqueles que assumiam postura governista, do outro os que se organizavam como força de oposição. Outro fator que marcou a participação da imprensa nacional, diminuindo o impacto dos conflitos políticos, foi o surgimento da I Guerra Mundial. Neste contexto, a imprensa tornou-se um veículo ativo na divulgação das transformações vivenciadas.

Alguns jornais organizaram-se como forças contrárias ao governo vigente, e foi a imprensa o veículo capaz de levar estes sopros às suas conseqüências mais visíveis⁴. Havia jornais que apoiavam o governo, assumindo assim, postura governista. Constatamos aqueles que defendiam o germanismo, bem como, os que assumiam o caráter de jornal independente e/ou popular.

¹ CALLADO JÚNIOR, Martinho. *Imprensa catarinense : resumo histórico (1831-1961)* In: EL-KHA-TIB, Faissal (org.) **História de Santa Catarina**. Curitiba : GRAFIPAR, 1979. v. 3, p. 134.

² Para maiores informações ver "A imprensa política", na obra de SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 3. ed. São Paulo : Martins Fontes, 1983. p. 323-355.

³ PEDRO, Joana Maria, op. cit., f. 10

⁴ SCHLICHITING, Aída Melo. **Catálogo analítico descritivo dos jornais de Florianópolis (1914-1930)**. Florianópolis, 1989. f. 73. Dissertação (Mestrado em História) UFSC, Florianópolis, 1989.

Florianópolis era, nos primeiros momentos do século XX, uma cidade ainda provinciana que estava passando por uma série de transformações, tanto urbanas quanto sociais. É neste contexto que surge em Florianópolis o jornal **O Estado**, como veículo de comunicação voltado primeiramente para o Estado de Santa Catarina. Era um jornal diário e popular que compilava e divulgava notícias do dia-a-dia da cidade, contendo principalmente informações políticas, culturais, sociais, econômicas, religiosas e educacionais. Redigido em linguagem clara e concisa para o seu tempo, e polarizando o pensamento e a tendência de uma época.

O Estado se dizia entrar na vida florianopolitana "(...) *de modo cavaleiro na vigília dos que desejam ser úteis à grande pátria comum de todos os brasileiros* (...) "⁵. Seu primeiro número em 4 páginas, impresso em oficina própria situada à Rua Jerônimo Coelho, n. 8 - caixa do correio n. 115 - em Florianópolis, circulou numa quinta-feira, dia 13 de maio de 1915, e é o mais antigo jornal de Santa Catarina, ainda em circulação. Sua preocupação era refletir a situação da sociedade em que floresceu, como pode-se perceber em seus primeiros números, já que sua plataforma editorial tinha como lema:

*"(...) advogar os interesses do povo e a causa dos fracos, sem pruridos demagógicos, sem acoroçoar instintos de revolta, nem lisonjear os surtos da indisciplina social reinante (...) "*⁶

Através da referida nota, percebemos a tendenciosidade do próprio Jornal no que tange a defesa dos "direitos" da massa da população, ou seja, o mesmo se intitular defensor dos direitos da população até o momento em que estes direitos não esbarrassem nas normas e regras instituídas pelo poder vigente, isto em função da "indisciplina" social que o mesmo estaria causando caso desse continuidade a referida defesa.

Fundado por Henrique Rupp Júnior e Ulysses Costa, veio para competir com o jornal **O Dia**, **A Opinião** e **A Semana**, numa época em que os mais poderosos e influentes meios de informação não escondiam sua cor partidária, o qual **O Estado** dizia não possuir, assumindo uma neutralidade que por diversas vezes, através de suas páginas, era negada.

O Estado passou por algumas fases marcadas pela troca de proprietários. Na primeira fase, Henrique Rupp Júnior e Ulysses Costa permaneceram como diretores de 13 de maio de 1915 a 22 de dezembro de 1916. A partir desta data, inicia-se a segunda

⁵ A NOSSA plataforma. **O Estado**, Florianópolis, n. 1, 13 maio 1915. p. 1

⁶ A NOSSA plataforma, idem, p. 1

fase, tendo como diretor Marinho Lobo. Durante a primeira e segunda fases no contexto que envolvia a política governista nacional, **O Estado**, mesmo buscando mostrar-se neutro em relação aos conflitos políticos existentes, deixava transparecer uma postura crítica a algumas medidas do governo.

Outro aspecto que marcou esta etapa foi a I Guerra Mundial. De maneira geral, podemos adiantar que o fluxo de informações decorrentes influenciou para o surgimento de jornais envolvendo diversos grupos. Os periódicos “*brotam por toda a parte como capim*”⁷. Em Santa Catarina, o impacto da guerra levou a que a sociedade catarinense se dividisse na questão da germanização. “Afloram sentimentos de brasilidade, levantam-se vozes e formam-se correntes, que vão se alojar no corpo dos jornais que se criam para incorporar idéias e sentimentos”⁸. Com o término da I Guerra Mundial e com as decisões governamentais de nacionalização do ensino e a extinção do ensino católico nas escolas públicas, percebe-se na imprensa florianopolitana uma distensão de ânimos e confrontações ideológicas que só voltam à tona no final da década de 20.

Em 16 de outubro de 1918 o antigo proprietário vendeu o Jornal a Augusto Lopes da Silva, que apesar de não ser jornalista, mas sim comerciante, engajava-se, segundo o discurso do diário, na luta pelo progresso da cidade, assumindo, então, a direção do jornal até 15 de abril de 1925, quando vendeu a empresa, terminando assim a terceira fase.

Em abril de 1925, a propriedade de **O Estado** passou para as mãos do Dr. Victor Konder, assumindo o Jornal o caráter de empresa editora limitada. Estampando, a partir daí, em sua primeira página, a menção “Empresa Editora O Estado”. Nesta fase, o diário era dirigido pelo professor Altino Flores. Na quarta fase, devido às relações da família Konder com o governo Washington Luís, o Jornal assumiu uma postura governista. Em 1927, Victor Konder, que era irmão do então Governador de Santa Catarina, Adolpho Konder, ocupou a pasta da Viação e Obras Públicas, do governo Washington Luís. Nesta ocasião, a redação e oficinas foram transferidas para a Rua João Pinto, n. 139. Com a Revolução de 1930, Victor Konder foi exilado com líderes políticos que combatiam Getúlio Vargas. Então, Altino Flores assumiu a direção do Jornal⁹.

Além dos aspectos relativos ao conteúdo e história do Jornal é importante ressaltar seu funcionamento como empresa jornalística, atendendo às exigências de

⁷ HABERMAS, Jürgen, op. cit., p. 216. O autor utiliza esta expressão ao referir-se às épocas revolucionárias, por exemplo, 1789 na França.

⁸ SCHILICHTING, Aída Melo, op. cit., f. 74

⁹ No decorrer da dissertação voltaremos a falar dos fundadores, proprietários e diretores do Jornal.

demanda e modernização tecnológica.

O Jornal emergiu, em Florianópolis, com uma estrutura avançada com relação os demais jornais locais, de acordo com as características tecnológicas dominantes na época, tendo uma publicação tipográfica, com linotipos e caixa para títulos. Utilizava uma impressora Kleo, fabricada pela Renipersweck, de Nuremberg, Alemanha. A máquina, montada pelo técnico Emílio Feldmann, da firma Kosinsi, do Rio de Janeiro, serviu ao Jornal até o início da década de 60¹⁰. O ingresso, na redação do Jornal, de máquinas de escrever, veio substituir as canetas com bico-de-pato. Porém, tesoura e gilete sobreviveram por longo tempo ao lado da cola, tratava-se de uma prática utilizada pelo Jornal ao transcrever e publicar matérias de jornais do Rio de Janeiro e São Paulo.

Esta estrutura avançada anunciava a chegada da "era da modernização da imprensa brasileira", iniciada no Rio de Janeiro. Nelson Werneck Sodré, na obra **História da imprensa no Brasil**, aponta o início do século XX, como sendo aquele em que os jornais cariocas, particularmente o **Jornal do Brasil**, introduzem a renovação de seus equipamentos gráficos, "recebendo os primeiros linotipos que o Rio de Janeiro conheceu, máquinas de impressão em cores, clichérie do sistema fotomecânico". Os anúncios passaram a figurar na "página nobre" dos jornais. Em agosto de 1906, o **Jornal do Brasil**, divulgava seus anúncios na primeira página, imitando jornais como o **New York Herald**, **The Times**, **La Prensa**, **La Nación**, apresentando, assim, uma fisionomia que se tornou tradicional¹¹. Esta "fisionomia" aportou-se no jornal **O Estado**, a partir da década de 20, quando passou a divulgar os anúncios em sua primeira página, passando o mesmo por uma evolução, de acordo com a própria modernização das décadas seguintes.

Inicialmente sua distribuição era matutina, circulando de terça à domingo, do número 1 (13/05/1915) ao número 86 (21/08/1915). A partir do número 87 (23/08/1915) ao número 5287 (13/05/1931) circulou de segunda a sábado. Do número 1034 (16/10/1918) em diante, o Jornal assumiu uma nova fase, ocupando o espaço vespertino. Ainda com relação á sua circulação, a partir da edição número 4953, de 31/10/1930, passou a figurar na primeira página do Jornal, no canto superior direito, o desenho de um relógio marcando a hora em que a folha acabava de ser impressa: 14:30 horas, 15:30 horas ou 16:00 horas.

¹⁰ **O Estado**. Florianópolis, n. 25250, 13 e 14 maio 1995. Suplemento especial comemorativo dos 80 anos de fundação de **O Estado**. p. 3, c. 5

¹¹ SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 3. ed. São Paulo : Martins, 1983. p. 325

A extensão física¹² do Jornal sofreu ampliações e reduções, isto de acordo com as necessidades que proliferavam nas colunas do diário. Impresso inicialmente em quatro páginas. Já em 27/03/1917 tomava espaço o aumento de propagandas, ocupando então seis páginas. Em 1918, o número de páginas foi reduzido para quatro. O maior número de páginas foi a partir de novembro de 1919, quando o Jornal passou a circular com oito páginas, sendo duas ocupadas pelo seu editorial, artigos e matérias pagas, e as demais com anúncios, propagandas, editais. A publicação de editais além de demonstrar uma certa aprovação do governo vigente por parte do Jornal, também, era uma das formas encontradas pelo mesmo, de arrecadar recursos financeiros, já que os referidos editais eram pagos pelos órgãos públicos para serem publicados. A partir de 1928 toma um padrão a paginação, geralmente em quatro páginas e ocasionalmente em seis páginas. As páginas dos primeiros números do Jornal eram divididas em sete colunas, e, posteriormente, passaram a ter seis colunas.

Dentre as dificuldades de organização do diário, constatamos o descontrole referente a numeração dos seus volumes e fascículos. No item volume, a equipe do Jornal não alterou sua numeração seqüencial, quando completou - o Jornal - o décimo primeiro aniversário, no dia 13/05/1925. Permanecendo a menção do volume 10, de 13/05/1924 a 12/05/1926. O acerto foi feito somente em 13/05/1926, passando assim para o volume doze. Os fascículos também não escaparam de erros. Devendo ser impresso o número 4405, saltou a numeração para 44053 até 44611. Números eram repetidos em diferentes dias de publicação, outras vezes pulavam, como consta do número 4404 para 4612. Constatou-se, também, que não havia controle "cuidadoso" na formação da coleção do Jornal, como mostra a nota:

*"O Estado
Compra-se na redação deste diário os ns. de 2021, 2022 e
2026 de março findo"¹³*

As ilustrações, geralmente em preto e branco, consistiam de retratos visualizando cidades de Santa Catarina, ruas e praças, prédios públicos e privados, bem como, imagens fotográficas de pessoas que formavam a elite local e de representantes do poder público. A pintura de retratos era divulgada para destacar pessoas vinculadas a cargos

¹² A extensão física segundo o CÓDIGO de catalogação anglo-americano. v. 1, p. 38, compreende a descrição de elementos que designam as características físicas e visuais de um documento. No caso do Jornal, refere-se ao número de páginas, colunas, ilustrações e o formato, sendo este último expressando em centímetros a sua altura e largura.

¹³ O Estado, Florianópolis, n. 2035, 08 abr. 1921. p. 2

públicos do governo. Citam-se aqui, as constantes fotos do Dr. Carlos Corrêa, Chefe da Higiene Pública, que apareciam no Jornal. Fábio Altman¹⁴ relata que muitos parlamentares tiravam unicamente um retrato na carreira política, o da primeira campanha, quando ainda jovens, com a cabeleira farta, o rosto sem as marcas do tempo, sendo que os mesmos utilizavam sempre o mesmo retrato nas campanhas políticas. Este fato é visível no Jornal quando vemos publicado retratos do estadista Hercílio Luz, trazendo sempre a mesma imagem. O enaltecimento de homens públicos é uma prática criada pela burguesia, quando da criação do Estado Moderno, onde a figura de pessoas públicas era enaltecida através de estratégias dos meios de comunicação. Isto fica evidenciado através da obra de Peter Burke, quando o mesmo analisa a criação do mito Luís XIV na França do século XVII, onde mostra, que “... *nas cidades que acataram estátuas do rei é difícil interpretar os motivos dos Conselhos Municipais. Poderiam estar expressando lealdade, bajulando o governo central para obter favores, ou tentando melhorar o aspecto de suas cidades, aproveitando o ensejo para se glorificar a si mesmos*”¹⁵. Analisando as colocações de Burke para a municipalidade do século XVII, na França, pensamos nos atos de enaltecimentos de figuras públicas praticadas pelo **O Estado**, pois o mesmo ao passo que promovia figuras “ilustres da terra”, destacava-se entre os demais jornais, ultrapassando uma tiragem habitual de venda, pois era uma época em que os heróis que a todo o instante, eram criados apresentavam-se como figuras que faziam parte da memória coletiva da cidade e que deveria ser preservada.

Com relação ao formato do Jornal, Schlichting informa que os jornais florianopolitanos, publicados entre 1915 a 1930, eram compostos por páginas de formato grande e de difícil manuseio. **O Estado** era, nesta época, o segundo maior em estatura publicado em Florianópolis¹⁶. Media inicialmente 59,5 cm de altura por 43 cm de largura. Em 1917 alterou o formato, passando a ter 55 cm de altura e 43 cm de largura. Esta alteração seguia o formato proposto pela imprensa brasileira, tornando assim o Jornal “*melhor aparelhado para atender ao desenvolvimento das seções atuais e para criar outras*”¹⁷. Juarez Bahia relata que, nesta época, o formato mais apreciado

¹⁴ ALTMAN, Fábio. As imagens do poder. Veja, São Paulo, n. 1365, p. 144-145, 9 nov. 1994.

¹⁵ BURKE, Peter. A fabricação do rei : a construção da imagem pública de Luís XIV. Rio de Janeiro : Zahar, 1994. p. 177

¹⁶ SCHLICHITING, Aída Melo, op. cit., f. 47

¹⁷ **O Estado**, Florianópolis, n. 564, 25 mar. 1917. p. 1, c. 3

para os jornais era o de 56 x 42 cm¹⁸, assim também **O Estado** seguia os padrões modernos adotados pela imprensa brasileira.

O aparecimento d' **O Estado** em Florianópolis, recebeu de imediato elogios e apoio por parte de seus leitores e da imprensa catarinense. Foi classificado como um jornal de grande formato, com feição moderna, de vestidura bem feita para os talhes da época, com uma plataforma editorial voltada para os ideais de Santa Catarina e da República. Isto pode ser constatado na matéria:

"Do venerando e distinto republicano, a quem Santa Catarina muito deve, Sr. coronel Gustavo Richard (...) Tenho lido com prazer O ESTADO: é um jornal moderno, de boa impressão e bem noticioso (...)"¹⁹

O periódico **O Albor**, de Laguna, registrou:

"Santa Catarina conta mais um expoente de sua vitalidade intelectual e mais um defensor de seus interesses, do importante diário O ESTADO (...)"²⁰

A **Gazeta do Commercio**, de Joinville referia-se:

"(...) de grande formato, repleto de bons artigos, dispondo de abundado serviço telegráfico (...) São seus proprietários os Srs. Dr. Ulysses Costa, Chefe de Polícia, Henrique Rupp, advogado, e redatores o Dr. Oscar Ramos e Joe Collaço, oficial de gabinete do Dr. Governador (...)"²¹

Ainda, com relação ao seu aparecimento, pelas páginas do Jornal foram registradas congratulações de pessoas ligadas à esfera pública e privada da sociedade, como dos deputados: Marcos Konder, Arnaldo Santiago, Celso Bayama, Lebon Regis; do farmacêutico E. A. Gonçalves; da colônia catarinense domiciliada no Rio de Janeiro; de funcionários públicos da capital e do interior do Estado²². Para divulgar matérias

¹⁸ BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica** : história da imprensa brasileira. 4. ed. rev. e aum. São Paulo : Ática, 1990. v. 1, p. 132 (Básica universitária)

¹⁹ CEL. Gustavo Richard. **O Estado**, Florianópolis, n. 7, 21 maio 1915. p. 2, c. 4-5

²⁰ COMO nos receberam. **O Estado**, Florianópolis, n. 11, 26 maio 1915. p. 1, c. 3

²¹ COMO nos receberam. **O Estado**, Florianópolis, n. 12, 27 maio 1915. p. 1, c. 4

²² **O Estado**, Florianópolis, n. 15-93, 30 maio-30 ago. 1915.

enaltecendo o diário, foi criada a coluna "Como nos receberam".

As assinaturas e suas renovações eram divulgadas no Jornal na parte de anúncios. Para atrair novos assinantes várias propostas foram elaboradas pela Gerência d'O Estado.

Pode-se observar, a exemplo, a proposta elaborada em 1917, quem adquirisse assinatura anual da folha para o ano de 1917, concorria a prêmios, cujos números dos recibos da assinatura/1917 deveriam coincidir com as centenas da Loteria Federal. Os prêmios eram: 1) Um prêmio de 300\$; 2) Dois prêmios de 100\$; 3) Cinco prêmios de 50\$. No caso de assinantes novos recebiam gratuitamente os meses de novembro e dezembro de 1916²³. A referida campanha de assinaturas que vislumbravam prêmios aos assinantes eram feitas em função da necessidade que o Jornal tinha de manter-se, encontrando assim, diferentes formas de atrair o público leitor o qual garantia sua sobrevivência.

Com relação à forma como o Jornal efetuava a cobrança das assinaturas, constatou-se que as da capital eram realizadas no endereço dos assinantes. A classe de assinaturas mensais era feita no princípio de cada mês, no escritório da Gerência, uma vez que não havia cobradores para esta categoria²⁴. Para assinantes do interior do Estado, de Estados do Brasil e do exterior efetuavam-se através de correspondências.

Na década de 20, a escassez do papel, como consequência da I Guerra Mundial, provocou reflexos negativos para a imprensa, forçando o fechamento de alguns jornais, conseqüentemente diminuiu a sua produção gerando aumento dos preços dos periódicos. Em virtude dessa crise do papel e do material tipográfico, motivadas pelas circunstâncias econômicas que oprimiam a indústria tipográfica²⁵, em 1926/1927, **O Estado** e **O Tempo** em comum acordo aumentaram o preço das assinaturas e da venda avulsa de suas folhas.

A partir de 1910, grandes jornais do Rio de Janeiro e São Paulo instalam ou ampliam escritórios para os seus correspondentes em Londres, Paris, Roma, Lisboa, Nova York, Buenos Aires, Montevideu e Santiago do Chile²⁶.

Em 1920, **O Estado** passa a veicular em suas páginas o seu distribuidor na Europa:

²³ **O Estado**, Florianópolis, n. 433, 15 out. 1916. p. 4, c. 1

²⁴ ASSINATURAS mensais. **O Estado**, Florianópolis, n. 74, 07 ago. 1915. p. 2, c. 5

²⁵ A NOVA tabela de preços. **O Estado**, Florianópolis, n. 3469, 31 dez. 1925. p. 1, c. 5-6

²⁶ BAHIA, Juarez, op. cit., p. 132

*"O Estado
Agentes na Europa
L. Mayence & Cia
9, Rue Tronchet, Paris
19, 21, 23, Ludgate Hill,
Londres"²⁷*

No entanto, somente em 1926 passou a efetuar assinaturas para o estrangeiro. O Jornal seguia para a Europa pelo Correio Aéreo Condor, sendo o seu agente em Florianópolis, a firma Carlos Hoepcke SA. Estas representações de expansões no exterior atendiam a assinantes e anunciantes estrangeiros e foi também uma forma de divulgar mundialmente Florianópolis e Santa Catarina. Também nos quiosques - como eram chamadas as bancas de jornais - de Paris e Londres, podiam ser adquiridas edições d'**O Estado**.

As assinaturas geralmente vigoravam a partir de fevereiro de cada ano.

Porém outro tipo de prêmio foi concedido para assinantes anual de 1927. Consistia em um estojo completo da navalha *Auto Strop* (de metal prateado). Concorriam ao prêmio:

*"(...)1) Aos leitores que tomarem a uma assinatura de 12 meses de O Estado.
2) Aos assinantes, que renovarem suas assinaturas de 1 ano.
3) Aos atuais assinantes que conseguirem 5 assinantes novos para O Estado, como também a esses novos assinantes(...)"²⁸*

Para participar do prêmio, o assinante preenchia um cupom e enviava o valor a ser pago ao Diretor-Gerente do Jornal. O prêmio era enviado pelo correio para os participantes fora da capital, e os de Florianópolis retiravam na Gerência do Jornal.

O Estado era vendido diariamente em alguns pontos da cidade de Florianópolis, como:

*"(...) Antiga Casa José Furtado, Prainha;
Celestino da Silva, Largo 13 de Maio;
Eugênio Dal-Grande, Largo 17 de Novembro;
Frederico Mamm, Rua Blumenau;
Casa Borboleta, Rua Bocaiúva, 81;
João Carreirão-Fábrica de Cerveja, Rua Bocaiúva;
Joaquim Carreirão, Rua Esteves Júnior, esquina
Almirante Lamego;*

²⁷ **O Estado**, Florianópolis, n. 1618, 04 out. 1920, p. 1

²⁸ **O Estado**, Florianópolis, n. 3799, 01 dez. 1927, p. 5

*Roberto Catecart, Rua Frei Caneca
Café Natal na janela do Jaburu¹²⁹*

Por ocasião do Movimento Revolucionário no Mato Grosso em 1916, homens do 54º Batalhão de Santa Catarina participaram de maneira solidária ao governo neste Movimento e, **O Estado** nomeou para a cobertura deste acontecimento, correspondentes telegráficos em Cuiabá, Corumbá e Porto Esperança. As notícias apareciam no Jornal na Seção de Telegramas, bem como também matérias sobre o movimento, produzidas por jornais do Rio de Janeiro, como a d' **Imparcial**, na edição de 08/11/1916.

Os assinantes do interior do Estado (Estreito, São José, Palhoça, Rancho Queimado, Brusque, Itajaí, Blumenau, Joinville, etc.) e de outros Estados da federação brasileira (Porto Alegre, Curitiba, Rio de Janeiro, Santos, São Paulo, Pernambuco e outros estados do norte) recebiam o Jornal pelo correio. No caso de atraso do correio, as reclamações saíam publicadas no diário, onde solicitavam providências da Administração dos Correios e Telégrafos para regularizarem o serviço³⁰.

Justificando a presença de um correspondente em Paris, apresenta o Jornal artigos traduzidos de edições francesas e, atendendo naturalmente aos interesses dos leitores. O agente era a empresa L. Mayence & Cia.

Em 1926 **O Estado** credenciou, em São Paulo e no Rio de Janeiro, agentes para anúncios, publicações de matérias e assinaturas. Em São Paulo este serviço estava sob a responsabilidade da Empresa Comercial "A Eclectica", na Rua João Bricola, 12 (Praça Antônio Prado) 1. andar e, no Rio de Janeiro, na filial da mesma empresa, à Avenida Rio Branco, 137 - 2. andar³¹.

Após 1925, em Florianópolis, **O Estado** era vendido no Salão Progresso, de propriedade do Sr. Arthur Beck, localizado à Praça 15 de Novembro. No Salão Progresso, o diário aparecia ao lado das mais interessantes revistas, figurinos e os mais acreditados jornais do país. Além de vender revistas e jornais, o Sr. Beck se encarregava de receber assinaturas das publicações oriundas da capital federal e de São Paulo. Assim, **O Estado**, no Salão Progresso, concorria na leitura dos jornais **Correio do Brasil** (RJ), **S. Paulo-**, **Jornal**, **A Pátria** (RJ) e das famosas revistas da época: **Cinearte** (órgão da cinematografia no Brasil), **A Lanterna** (RJ), **Revista do Brasil** (RJ), **Revista de**

²⁹ **O Estado**, Florianópolis, n. 99, 06 set. 1915. p. 2, c. 4

³⁰ COM o correio. **O Estado**, Florianópolis, n. 31, 18 jun. 1915. p. 1, c. 3

³¹ **O ESTADO** em S. Paulo e no Rio de Janeiro. **O Estado**, Florianópolis, n. 1773, 18 jan. 1921. p. 1, c.

Engenharia (do Centro Acadêmico Horácio Lane, da Escola de Engenharia Mackenzie, SP) e **Para Todos...** Vemos, desta forma, que **O Estado**, junto com a divulgação do comércio de revistas e outros jornais, dizia se contribuidor da dinamização e ampliação do leque cultural de Florianópolis.

Com frequência mínima, apareciam avisos aos leitores informando sobre a venda de livros, sob a responsabilidade da Gerência d'**O Estado**, como podemos observar através do seguinte comunicado:

"Informa-se que tem para vender: Consolidação das Leis Penais, uma álgebra, 10.edição, de Augusto José Cunha, Tables de logaritmos, de F.Gallet. Os livros novos estão à disposição nesta Redação"³²

Em junho de 1915, o Jornal, inaugurou seu Gabinete de Encadernação, Impressão e Cortagem de Obras. Com mais este serviço a oficina estava habilitada a confeccionar folhetos, livros, reclames comerciais, periódicos, cartões, rótulos para farmácias, enfim, todo e qualquer trabalho de impressão³³. Sendo esta diversificação de atividades estratégias de sobrevivência encontradas pelo Jornal.

Neste mesmo ano aparecem as primeiras referências à organização do trabalho de "meninos" para a venda do Jornal nas vias públicas de Florianópolis. Para a aquisição de pessoas interessadas em desenvolver tal atividade, em 1915 e nos anos subseqüentes, divulgavam anúncios pedindo aos interessados para procurarem a Gerência:

"Precisa-se de meninos vendedores para O Estado: Tratar na Gerência desta folha"³⁴

As relações comerciais envolvendo matérias pagas, assinaturas e anúncios, ficavam sob os cuidados da Gerência Comercial do Jornal. Interessante salientar que neste aspecto, publicavam-se notas alertando e cientificando aos usuários deste serviço que somente a Gerência estava autorizada a emitir contas e firmar recibos, uma vez que não possuíam agentes especiais para tal. Qualquer outro documento de contabilidade que usasse o nome d'**O Estado**, deveria ser levado ao conhecimento da polícia³⁵. Demonstrando assim, que em busca, também, de estratégias de sobrevivência, pessoas de

³² TRÊS livros de valor. **O Estado**, Florianópolis, n. 3402, 10 out. 1925. p. 5, c. 4

³³ **O Estado**, Florianópolis, n. 22, 08 jun. 1915. p. 1, c. 4

³⁴ **O Estado**, Florianópolis, n. 39, 27 jun. 1915. p. 1, c. 7

³⁵ DECLARAÇÃO necessária : aos anunciantes e leitores. **O Estado**, Florianópolis, n. 505, 12 jan. 1917. p. 1, c. 7

diversos grupos da sociedade, sempre que possível, sabotavam não apenas serviços oferecidos pelo poder público³⁶, mas também por empresas privadas.

O **Estado** em suas colunas transcrevia matérias de outros jornais, principalmente daqueles publicados na capital federal. O mesmo acontecia com as reportagens de autoria d'O **Estado**. Estas ocupavam espaço nas colunas de jornais de âmbito nacional, como, **O Estado de S. Paulo**, **Correio do Povo** (Porto Alegre), **A Noite** (RJ) e **O Paiz** (RJ). Durante a I Guerra Mundial n'O **Estado** publicaram-se artigos de jornais alemães: **Der Tag e Magdeburger Kolkstimme**.

Em 23 de dezembro de 1916, continuando seu envolvimento no cotidiano da cidade de Florianópolis, **O Estado** teve uma mudança em sua direção. Eram seus proprietários: Marinho Lobo e José Boiteux. José Boiteux destacou-se no Jornal com a concretização de hermas³⁷, enaltecendo personagens catarinenses. Eliana Maria Bahia, relata que Boiteux ao erguer monumentos "*estava sempre exaltando heróis*", sendo que o mesmo ao passo que demonstrava "*um patriotismo e amor a pátria*"³⁸, também atraíam mais leitores para o Jornal, uma vez que para a construção das referidas "hermas" eram feitas campanhas constantes nas páginas do diário. Lembrando ainda, que nas inaugurações dos monumentos, espaços de sociabilidade da elite local eram formadas admitindo também a participação da massa da população, deixando assim mais tênue a linha de visão social-cultural.

O primeiro monumento dos erguidos por Boiteux foi dedicado ao grande herói catarinense coronel Fernando Machado, que lutou e faleceu na Batalha em Itororó, no Paraguai, em 6 de dezembro de 1866. Este monumento foi inaugurado em janeiro de 1917, na Praça Fernando Machado, localizada no centro de Florianópolis. O Jornal publicou matérias registrando o evento, inclusive a carta do escultor da estátua, o carioca Corrêa Lima, orientando acerca da sua lavagem:

"(...) Já deve estar tomando uma bela pátina, mormente com a proximidade do mar, a estátua do coronel Fernando Machado, aqui costumam lavar, com freqüência, as estátuas; a D. Pedro I tem sido uma vítima,

³⁶ Cfe PEREIRA, Ivonete. "As decaídas":mulheres no cotidiano de Florianópolis (1900-1940), cap. I, onde a mesma demonstra que por questão de sobrevivência e não apenas de puro enfrentamento, a massa da população sabotava os serviços, regras e normas estipuladas pelo poder público

³⁷ "qualquer meio-busto esculpido, ou estátua aplicada a um plinto". Definição de FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro : Gamma, [19--].

³⁸ BAHIA, Eliana Maria. **Perfil de José Boiteux : um construtor da cultura catarinense**. Florianópolis, 1994. f. 69. Dissertação (Mestrado em História) UFSC, Florianópolis, 1994.

*e creio que com ácidos que corroem o bronze. Será bom que o Dr. aconselhe, ai que não façam o mesmo; uma boa chuva é o suficiente para lavá-la*³⁹

Outra iniciativa d' **O Estado**, a cargo de Boiteux e com o apoio da população, foi a confecção de uma placa de mármore, afixada na casa em que nasceu o pintor catarinense Victor Meirelles. Para tal, foi aberta uma subscrição popular, contribuindo a imprensa catarinense, o comércio, as crianças e os moradores da Rua Victor Meirelles. A divulgação da solenidade ocupou largo espaço nas colunas do diário. A placa foi inaugurada em 22 de fevereiro de 1917, com a presença de redatores d'**O Estado**, imprensa da capital e do interior, autoridades e representantes do governo e o povo em geral. A Banda Municipal do Regimento de Segurança abrilhantou a cerimônia. O representante do governandor, capitão Godofredo de Oliveira inaugurou a placa. Em nome da imprensa, discursou o Dr. Ivo de Aquino, d'**O Dia**⁴⁰.

Mais uma ereção de herma era proposta e tal campanha começou, a partir de 10 de fevereiro de 1917, a ganhar espaço no Jornal⁴¹. O homenageado foi o fundador da imprensa catarinense, o conselheiro Jerônimo Coelho. Com a circulação do primeiro jornal em Florianópolis, **O Catharinense**, no dia 28 de julho de 1831, ficou estabelecido pela imprensa catarinense, o dia 28 de julho de cada ano para comemorar seu aniversário.

Pela análise ao jornal **O Estado**, constatamos que o aniversário da imprensa catarinense foi tema homenageado pelo diário. Este acontecimento ao congregar "gregos e troianos"⁴², teve como destaque principal a memória do brigadeiro Jerônimo Coelho, o fundador da imprensa catarinense. As homenagens na sua maioria aconteciam em forma de discursos e ereção de hermas dedicadas ao seu fundador. Peças teatrais, regatas, galerias de retratos de jornalistas catarinenses e exposição de jornais, foram promoções realizadas e divulgadas pelas colunas do Jornal, ao completar, a imprensa catarinense, mais um ano de existência e atividade. Também foi proposto pelo Jornal, através de seu Diretor, professor Altino Flores, em 1930, a realização do I. Congresso Catarinense de Jornalistas.

³⁹ CORONEL Fernando Machado : um conselho do escultor Corrêa Lima sobre a estátua. **O Estado**, Florianópolis, n. 594, 01 maio 1917. p. 1, c. 6

⁴⁰ VICTOR Meirelles : a herma da placa que assinala ... **O Estado**, Florianópolis, n. 538, 23 fev. 1917. p. 1, c. 4-5

⁴¹ JERONYMO Coelho : a herma projetada. **O Estado**, Florianópolis, n. 529, 10 fev. 1917. p. 1, c. 7

⁴² A IMPRENSA catarinense. **O Estado**, Florianópolis, n. 65, 28 jul. 1915. p. 1, c. 1

José Boiteux, em viagem ao Rio de Janeiro, sugeriu a elevação da herma de Jerônimo Coelho numa das praças da capital do Estado de Santa Catarina, em comemoração ao aniversário do aparecimento do primeiro jornal de Florianópolis, **O Catharinense**. A sugestão foi acatada pela imprensa catarinense e todos os jornais da capital aplaudiram a iniciativa do redator d'**O Estado**. José Boiteux enviou da capital da República carta-circular, que foi divulgada nos jornais editados em Florianópolis, tornando-se uma idéia vencedora pela imprensa local e pela população. A comissão promotora desta homenagem ficou assim formada:

*"(...) Presidente honorário - Dr. José Boiteux (iniciador da homenagem ao notável lagunense);
 Presidente - Dr. Thiago da Fonseca;
 Secretário geral - Capitão Tenente Lucas Boiteux;
 1. Secretário - Clementino de Britto;
 2. Secretário - Ary Cabral;
 Tesoureiro - Capitão João Pedro de Oliveira Carvalho
 (...)"⁴³*

Para angariar recursos financeiros foram distribuídas pela comissão, listas para assinaturas dos subscritores. Subscreveram-se entidades como: Clube Germânia, Associação Comercial, Liga Operária Beneficente, Grupo Escolar Lauro Müller, Inspetoria de Higiene, além de entidades sediadas no interior. Isto não ficou só ao nível da elite, a população teve sua parcela de contribuição. A comissão sugeriu diferentes formas de buscar recursos, a mais utilizada era por intermédio de casas de diversões, com a promoção de espetáculos musicais e teatrais. O governo do Estado auxiliou com a importância de Rs. 1:000\$000 (um conto de réis)⁴⁴.

O busto em bronze foi encomendado ao escultor carioca, professor Corrêa Lima. Em 1919, a herma foi inaugurada na Praça XV de Novembro, no centro de Florianópolis. Esta campanha permeou no Jornal durante o espaço de dois anos, indo desde o lançamento da campanha até sua concretização.

Já em 1923, José Boiteux atuava como colaborador d'**O Estado** e nesta época ocupava o cargo de Desembargador do Estado e presidia a Sociedade Catarinense de Letras. Através da Sociedade, aspirou à ereção de mais uma herma, na capital, precisamente na Praça Brigadeiro Fagundes, destinada ao poeta Luis Delfino. Pelas páginas do Jornal publicavam-se matérias e listas de adesões, cabendo ao **O Estado** a

⁴³ JERONYMO Coelho : a herma do fundador da imprensa catarinense. **O Estado**, Florianópolis, n. 543, 01 mar. 1917. p. 1, c. 4

⁴⁴ Para a unidade momentânea utilizaram-se os valores monetários vigentes da época e pertinente ao período de nosso trabalho.

responsabilidade de circular uma lista objetivando a coleta de recursos. Bahia, em sua dissertação, informa que apesar do empenho de Boiteux em erguer este monumento, não foi possível a sua concretude por falta de recursos financeiros⁴⁵.

Por sugestão do fundador d' **O Estado**, Sr. Dr. Rupp Júnior, foi acatado pelo Jornal a idéia de promover uma subscrição popular destinada à aquisição de uma herma para o capitalista e industrial, Sr. Carl Hoepcke, falecido em 08 de janeiro de 1924. Tal subscrição foi administrada por Rupp Júnior, que teve a contribuição de pessoas ligadas ao governo do Estado, da imprensa, do comércio local e da população⁴⁶. A campanha atingiu o interior do Estado, cujas listas estavam sob os cuidados de comerciantes, como pudemos perceber quando estas eram publicadas no Jornal, citava-se como em Palhoça, sob a responsabilidade de que estava à cargo de Baasch & Cia., em Lauro Müller, sob a responsabilidade de Lage & Irmãos e assim por diante. Todas as importâncias recebidas pelo **O Estado** eram depositadas na caderneta n. 3913, do Banco do Commercio, sendo o referido depósito uma maneira que o Jornal encontrou de dar credibilidade as suas ações enquanto agente centralizador da campanha de criação dos referidos monumentos. A herma assentada em pedestal de granito foi executada pelo escultor paulista, Frederico Guilherme Lohe. Sua inauguração aconteceu em Florianópolis, no dia 02 de maio de 1926. Devemos lembrar as finalidades do Jornal ao exaltar determinadas figuras da sociedade, ou seja, ao "ratificar" heróis atraia leitores para suas páginas. Daí o fato dos personagens homenageados serem cuidadosamente escolhidos e selecionados.

Estas promoções nos apontam que **O Estado** era um jornal produzido pela elite, e, o público alvo era a classe média. Ainda, dentro das promoções deflagradas e concebidas pelo Jornal, destacamos os concursos. Eram diferentes as ocasiões e motivos que levavam a equipe do Jornal a executá-los.

O primeiro deles, aconteceu nos meses de agosto e setembro de 1916. Objetivava conhecer a opinião pública dos leitores do Jornal, em relação à diversão pública. Queriam saber qual o cinema preferido e o mais importante pela exibição de filmes em Florianópolis. As opiniões dos leitores chegavam à redação do Jornal, através de cédulas, e posteriormente eram divulgadas no Jornal. Os leitores sagraram com 1.624 votos o cinema "Variedades", como o triunfador no concurso cinematográfico⁴⁷. Percebemos neste concursos uma maneira que o Jornal encontrava de dialogar com os leitores,

⁴⁵ BAHIA, Eliana Maria, *ibidem*, f. 79

⁴⁶ PARA a herma de Carl Hoepcke. **O Estado**, Florianópolis, n. 2861, 11 jan. 1924. p. 2, c. 5

⁴⁷ HOMENAGEM ao vencedor. **O Estado**, Florianópolis, n. 400, 05 set. 1916. p. 1

dando-lhes a ilusão de interferirem diretamente na construção das publicações e matérias do diário.

Também em 1916, **O Estado** realizou, entre seus leitores, um concurso de economia, para saber quais as casas comerciais do gênero de secos e molhados, armarinhos e farmácias, que mais barato vendiam em Florianópolis. Para a apuração do concurso, foram convidados os proprietários das casas, que a opinião apontava como as mais baratas, conforme divulga o Jornal:

*"(...) Armazéns: Faraco & Irmão, Djiacomo & Camarieri, Irineu Comelli & Cia, e, Economia Doméstica.
Armarinhos: Bom Marché, Chic Americano, José Daux Alexandre Moisés Jorge.
Farmácias: Rauliveira, Santo Agostinho e Elyseu (...)"⁴⁸*

Como vencedores na categoria de armarinhos, obteve o primeiro lugar "Ao Bom Marché", de propriedade dos Srs. Buchaim & Irmão, e o segundo lugar, a "Casa Catharinense", proprietário Sr. José Daux. Ocupou a primeira colocação na categoria de farmácia a "Pharmacia Santo Agostinho", dos Srs. Henrique Brüggmamm & Cia, o segundo lugar coube à "Pharmacia Rauliveira". Em armazéns venceu, primeiramente, "Irineu Comelli & Cia.", e, em segundo a "Economia Doméstica", de propriedade do Sr. Oliveira Carvalho & Cia. O Jornal ao promover estes concursos públicos, criava a noção de participação do público leitor em assuntos de interesses próprio do Jornal, ou seja, o mesmo arremedava a constituição de uma esfera pública por meio de sua publicidade. Sendo assim as decisões que porventura este viesse a tomar seriam "legalizadas" pelos leitores através do ato de escolha exercido pelos mesmos.

É interessante refletir e perceber que estes concursos, cujo público alvo eram os leitores, garantiam a sobrevivência do Jornal com a divulgação, em suas páginas, de propagandas de casas comerciais, programações cinematográficas e teatrais. No caso da loja "Ao Bom Marché", suas propagandas no Jornal ocupavam colunas de anúncios, incluindo até crônicas do cotidiano, assinadas pelo pseudônimo de Mimi, que tentavam discutir e representar o cotidiano da cidade, daí o sucesso da referida coluna. Eram crônicas variadas, com o intuito de atrair os leitores do Jornal a comprarem em sua loja. Dentre os diversos artigos anunciados, enxovais para noivas ganhavam maior espaço. Cita-se o caso de uma noiva que foi ao Porto de Desterro buscar seu enxoval, enviado da

⁴⁸ O GRANDE concurso comercial. **O Estado**, Florianópolis, n. 421, 01 out. 1916. p. 1, c. 5

Argentina, por seu noivo. Desabafa à sua amiga a decepção que teve com o não envio da remessa. Esta a aconselha: "*Não precisas comprar enxoval lá fora, compre tudo em seda e puro linho, aqui mesmo, na loja Ao Bom Marché*"⁴⁹.

O Estado participava também do concurso em nível nacional, promovido por jornais de vários estados do Brasil. Em novembro de 1921, foi o único jornal de Florianópolis convidado a participar do "Concurso de Beleza d'A Noite (RJ) e da **Revista da Semana**". Participaram deste certame, mulheres da elite local e de famílias tradicionais de Florianópolis, fazendo "tremer" a juventude local. Os resultados divulgados diariamente no Jornal encerraram-se em 01 de fevereiro de 1922, sendo proclamada a mulher mais bela de Florianópolis, a sra. Carmen da Luz Collaço, obtendo 6.332 votos.

Em dezembro de 1926, provavelmente seguindo os moldes do concurso de beleza instituído em 1921, na capital da República, **O Estado** lançou, na cidade de Florianópolis, o concurso para eleger a mais bela e a mais elegante senhorita. O evento iniciou-se pelas colunas do diário, no dia 16 de dezembro de 1926 e encerrando em 29 de janeiro de 1927. Foram vencedoras, como a mais bela: 1. lugar, Zulma Freysleben, 2. lugar, Zulma Vieira. A mais elegante: 1. lugar, Lalette Campos, 2. lugar, Selva Lessa. As vencedoras receberam os prêmios:

"(...) A mais bela:

1. lugar - a) Uma dúzia das finíssimas meias acreditadas e luxuosas, fabricada pelos srs. Lee & Villela, do Rio de Janeiro; b) Uma surpresa da Casa Áurea, o conceituado estabelecimento desta capital; c) "Plissé" de um vestido pela sra. Dorothea Granda; d) Uma apólice de seguro da Companhia Anglo-Sul-América.

2. lugar - a) Um valioso estojo de manicure, oferta da redação d'O Estado; b) Um porta-jóia, oferecido pela Joalheria Galluff (...)"⁵⁰

Mais uma vez confirma-se a sobrevivência da folha, no sentido de privilegiar as casas comerciais que divulgavam propagandas no diário, como pode-se observar nos prêmios concedidos pela Casa Áurea, pela Companhia Anglo-Sul-América, e pela Joalheria Galluff.

Ainda com relação aos concursos de beleza, o artigo "Novo inquerito", escrito

⁴⁹ **O Estado**, Florianópolis, n. 151, 07 nov. 1915. p. 1, c. 7

⁵⁰ O NOSSO concurso : os prêmios. **O Estado**, Florianópolis, n. 3808, 11 fev. 1927. p. 2, c. 6

por Annibal Nóra, combatia este tipo de certame. No entender do autor, estes eventos representavam uma agressão e um ataque à moral ao eleger a mulher mais bela, tomando-se como base a sua silhueta. Para Nóra, "(...) *a moda ora elege o rosto mais lindo, as pernas mais grossas* (...)"⁵¹. Então, o articulista propunha um concurso mais justo e mais útil, que consistia em saber quais as moças mais prendadas, mais virtuosas, mais modestas e mais educadas. O discurso do autor aponta para o perfil de uma imagem de mulher voltada para a esfera privada da sociedade, ou seja, a imagem de "mulher-mãe", "mulher-esposa", e, provavelmente, a mulher-modelo, que todo homem desejava para formar uma família, imagem esta traçada por uma moral burguesa⁵².

Quantos grãos de milho contém o frasco? Este foi o tema do concurso realizado nos meses de outubro e novembro de 1929. Tratava-se de um frasco contendo grãos de trigo, em exposição na Alfaiataria Machado. O concurso foi julgado por jornalistas dos jornais **República**, **Folha Nova** e **Folha Acadêmica**. O primeiro prêmio, para quem acertasse o número exato de grãos, era uma bolsa de couro da Rússia para senhora, oferecido pela Rainha da Moda. O segundo prêmio, para quem se aproximasse do número de grãos, consistia de um pulverizador de cristal, oferecido pela Joalheria de Müller Irmãos. O terceiro prêmio, para quem ultrapassasse o número de grãos, foi um vidro de perfume fino, ofertado pela Alfaiataria Machado⁵³. Obtiveram os prêmios Zoraide Neves, Albertina Paulier e Joana Alves, respectivamente.

As mulheres eram as personagens que mais participavam destes eventos, levando-as a se destacarem nestas ocasiões. Observamos assim a saída da mulher da esfera privada para a pública, mas ainda sob um olhar vigilante da imprensa.

Os homens tomavam espaços por ocasião do "Concurso Estadual Monroe", instituído pela Cia. de Cigarros Veado, com o patrocínio d'O Estado. Sendo de âmbito estadual, contou exclusivamente com a participação de atletas remadores de Florianópolis. Estes atletas pertenciam aos Clubes Náuticos Riachuelo, Martinelli e Aldo Luz. O concurso iniciou-se em 13 de maio de 1930 e encerrando no dia 07 de setembro de 1930. No decorrer do concurso ficou estipulado que o atleta que alcançasse 1000 votos, ganharia uma caixa de cerveja Brahma, oferecida pelo Sr. Victor Busch. O

⁵¹ NÓRA, Annibal. Novo inquérito : as moças brasileiras. **O Estado**, Florianópolis, n. 4667, 20 abr. 1929, p. 1, c. 5

⁵² Cfe cap. III do trabalho de PEDRO, Joana Maria. **Mulheres faladas e mulheres honestas**.

⁵³ O CONCURSO d'O Estado. **O Estado**, Florianópolis, n. 4819, 18 out. 1919. p. 4, c. 6

referido prêmio coube ao esportista Max Müller, do Clube Náutico Riachuelo. Max dividiu o prêmio com os companheiros do clube⁵⁴.

A popularização do remo e sua consagração, como esporte da elite florianopolitana, ganharam impulso com a fundação dos três clubes mais importantes da cidade: o Clube Náutico Riachuelo (fundado em 9 de maio de 1915), o Clube Náutico Francisco Martinelli (criado em 31 de julho de 1915) e o Clube de Regatas Aldo Luz (fundado em 5 de dezembro de 1918).

O remo foi uma prática esportiva iniciada no limiar do século XX, contando com a participação mais intensa de membros das classes sociais mais privilegiadas de Florianópolis. Segundo Sérgio Luiz Ferreira, *“a prática deste esporte era consequência direta na alteração do modo do homem ocidental relacionar-se com a natureza”*⁵⁵.

As competições de remo caíram tão logo no gosto da população florianopolitana, sendo, no início do século XX, freqüentes as discussões acaloradas sobre qual agremiação e atleta seriam os melhores. Guardadas as devidas proporções, discutiam-se na imprensa local, o remo, como atualmente se discute o futebol. Obviamente, **O Estado**, na qualidade de patrocinador do “Concurso Estadual Monroe” interagiu junto à população e atletas, levando assim, o homem a confrontar-se com a natureza, como também a criar “heróis” para Florianópolis.

Em 1930, o Brasil ganhou o título de miss universo. **O Estado** foi, segundo seu discurso, o único jornal catarinense que prestou homenagem pela vitória da senhorita Yolanda Pereira, Miss Brasil, ganhadora do concurso mundial de beleza. O número 5089, de 11/09/1930, publicou uma edição especial em papel acetinado. Este número foi dedicado à Miss Universo, estampando clichês da famosa gaúcha⁵⁶.

As comemorações do aniversário d’**O Estado** - 13 de maio - compreendendo nosso período de análise (1915-1931), estão direcionadas para os seguintes aspectos:

Primeiramente a linha de conduta da plataforma traçada pelo seu fundador, Henrique Rupp Júnior, sempre a cada ano era reafirmada. Seu discurso propagava e o caracterizava como um “órgão popular”⁵⁷, procurando sempre aparentar absoluta imparcialidade⁵⁸.

⁵⁴ CONCURSO Monroe. **O Estado**, Florianópolis, n. 5008, 07 jun. 1930. p. 6, c. 4

⁵⁵ FERREIRA, Sérgio Luiz. **O banho de mar na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis, 1995. Dissertação (Mestrado em História) UFSC, Florianópolis, 1995.

⁵⁶ A EDIÇÃO de ontem d’**O Estado**. **O Estado**, Florianópolis, n. 5090, 12 set. 1930. p. 6, c. 2

⁵⁷ **O Estado**, Florianópolis, n. 605, 15 maio 1917. p. 1, c. 2

⁵⁸ **O Estado**, Florianópolis, n. 5287, 13 maio 1931. p. 6, c. 4

Um aspecto importante para a própria divulgação d'**O Estado**, enquanto órgão “defensor dos direitos dos oprimidos” foi a “coincidência” do lançamento e aniversário do Jornal ser comemorado na data de aniversário da Abolição da Escravatura. Sendo que neste dia, o Jornal enaltecia personagens que participaram do Movimento Abolicionista ocorrido no final do século passado.

Em 13 de maio de 1926, **O Estado**, ao entrar no décimo ano de existência, sobressaiu-se com um discurso em prol dos trabalhadores do comércio, da indústria, demais classes trabalhadoras e do povo em geral⁵⁹. Percebe-se, no entanto, tratar-se de um discurso patronal, já que os mesmos (patrões) eram pertencentes à elite financiadora e público alvo do diário.

Também, nesta mesma data foi inaugurada a Ponte Hercílio Luz, ligando a Ilha ao continente. A partir de então, o Jornal passou a prestar homenagens ao seu idealizador, Dr. Hercílio Luz.

Com a Revolução de 1930, a política catarinense vive em clima de conflitos. Diante dos fatos revolucionários, que vinham acontecendo no Brasil, esfacela-se, praticamente, o Partido Republicano Catarinense⁶⁰. Emergiu o Partido Liberal Catarinense⁶¹. Dado o momento político, **O Estado**, ao completar o seu décimo sétimo ano de existência, declarou-se como um órgão que procurava orientar a opinião pública com absoluta “imparcialidade” e ainda para manter sua credibilidade junto aos seus anunciantes, assinantes e leitores, agradecia os estímulos recebidos destas pessoas que confiavam no prosseguimento do desempenho de seu programa de ação.

Edições especiais eram publicadas no aniversário do periódico. O papel em preto e branco, transformava-se em colorido. As páginas ampliavam-se, passando a ocuparem 8, 10, 12 ou 18 páginas. As edições eram preenchidas com artigos, notícias, dando destaque para as propagandas de casas comerciais. Propagandas estas que garantiam a sobrevivência da folha. O número 4986, de 13/05/1930, publicado em 12 páginas, apresenta um suplemento preenchido com propagandas de "Casas Hoepcke SA", "Armazém de Secos e Molhados de Syriaco T. Atherino" e "Farmácia Santo Agostinho".

Quando em algum ano não era comemorado o aniversário do Jornal, o mesmo divulgava notas explicativas pelo fato de neste dia o diário não circular:

⁵⁹ **O Estado**, Florianópolis, n. 3580, 13 maio 1926. p. 1

⁶⁰ LENZI, Carlos Alberto Silveira. **Partidos políticos em Santa Catarina**. Florianópolis : Ed. da UFSC, 1983. p. 103

⁶¹ No contexto que antecedeu a Revolução de 1930, surgiu em Santa Catarina, a Aliança Liberal que apoiava Getúlio Vargas. Posteriormente a Aliança transformou-se no Partido Liberal

*"O Estado não será publicado amanhã.
Por ser amanhã o dia de feriado nacional e o dia do seu
aniversário, não será publicado este diário"*⁶²

Em 1924 comemorou-se o aniversário concedendo folga para os auxiliares, não sendo então publicado no dia 13/05/1924⁶³. Pela pesquisa, constatamos que, geralmente nas vésperas do aniversário, o diário não era publicado, uma vez que toda a equipe ocupava-se com o preparo do número especial do aniversário.

As folhas confradeiras⁶⁴ da capital e do interior noticiavam em suas colunas, o aniversário d'O Estado, como a República (órgão do Partido Republicano Catarinense), A Tarde, O Dia (órgão do Partido Republicano Catarinense) e A Opinião. Apesar das lutas travadas entre os jornalistas da imprensa local, era visível a solidariedade entre seus confrades quando estes completavam mais um ano de existência. Foi o caso da Folha Nova, embora norteadas por preocupações diferentes das d'O Estado, desejavam "vitórias aos companheiros de luta"⁶⁵. Visitas de leitores e de pessoas ligadas à esfera do governo cumprimentavam o Jornal pelo aniversário, como por exemplo, Albino Siqueira e Theodoro Lisboa (leitores), Dr. Adolpho Konder (governador do Estado), Dr. Henrique Fontes (Secretário da Fazenda e Obras Públicas) e Ferreira Viana (Administrador dos Correios).

Sendo um Jornal que dizia ter como lema as "*preocupações da coletividade catarinense*", campanhas assistenciais destinadas aos pobres e viúvas desamparadas tinham sempre espaço garantido n'O Estado.

Maria Lúcia Garcia Pallares Schaeffer, ao falar das fortunas dos homens, adquiridas pelo acúmulo de títulos e riquezas, no século XVIII, na Inglaterra, aponta que elas seriam igualmente excelentes se aplicadas em "(...) *benemerência e caridade*"⁶⁶. Tal investimento, levaria os homens afortunados a "*aliviar a pena daqueles a quem couber*

⁶² O Estado, Florianópolis, n. 2366, 12 maio 1922. p. 1

⁶³ O Estado, Florianópolis, n. 2964, 12 maio 1924. p. 2, c. 3

⁶⁴ Termo frequentemente utilizado entre os jornalistas da época quando dirigiam-se aos jornais concorrentes.

⁶⁵ O Estado, Florianópolis, n. 3888, 18 maio 1927, p. 1, c. 5

⁶⁶ SCHAEFFER, Maria Lúcia Garcia Pallares. "The Spectator", o teatro das luzes : diálogo e imprensa no século XVIII. São Paulo, 1986. f. 75. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 1986. Cabe ressaltar que a autora não faz a distinção entre bondade e benemerência, que nas folhas seguintes irão compor nossa discussão em Florianópolis, no início do século XX, e que ainda configurava nas páginas dos jornais da cidade, haja visto a própria discussão.

*uma maior porção de dor*⁶⁷. O alívio, o consolo e o conforto, certamente, eram formas como o Jornal entendia sua missão social de promoção do “bem ao próximo”, levantadas pelo diário quando o mesmo, através de seus artigos, dizia que praticamente ninguém estava isento da responsabilidade mitigadora e consoladora de aliviar a pena daqueles a quem foram atingidos pela pobreza, doenças e dores.

A primeira campanha implantada e implementada foi a chamada "Caixa dos Pobres do Estado", que objetivava contemporizar o sofrimento dos desprotegidos da sorte. Inicialmente a idéia foi proposta por um comerciante da praça de Florianópolis, Sr. José Quintino de Oliveira Carvalho. O qual enviou uma carta ao redator do Jornal, acompanhada da importância de Rs. 30\$200 (trinta mil e duzentos réis). O teor da carta informava que o valor enviado, correspondia à porcentagem de 2% dos cupons adquiridos dos cofres que estabeleceu junto à máquina registradora de sua casa comercial. O devido valor seria distribuído com os pobres da capital, por intermédio do Jornal⁶⁸. A partir deste "belo gesto de caridade que enobreceu" o Sr. José Quintino de Oliveira Carvalho, o Jornal criou a seção "Caixa dos Pobres d' O Estado", em 23 de agosto de 1915.

Além das doações financeiras, a Caixa recebia fazendas, gêneros alimentícios e cupons da Carris Urbanus. Todas as doações eram publicadas pelo Jornal:

"Donativos - Procópio e Nelson Daut, em regozijo ao aniversário de sua genitora, oferecem 1.000 cupons de bonds para a Caixa dos Pobres d'O Estado.

*Também recebemos, para os pobres, 45 cartões de cupons de compras realizadas em casas comerciais, na importância de 363\$400*⁶⁹

*"A graciosa menina Maria do Carmo Pacheco, remeteu para os nossos pobres, e em honra à Imaculada Conceição, 300 cupons da Cia. Carris Urbanos, desta cidade*⁷⁰

*"Pessoa que não quis declinar seu nome, remeteu-nos hoje, em intenção à alma de um parente, a quantia de 5\$000, que distribuimos parceladamente entre os pobres socorridos por este jornal*⁷¹

⁶⁷ SCHAEFFER, Maria Lúcia Garcia Pallares, op. cit., f. 77

⁶⁸ A CAIXA dos pobres do Estado *O Estado*, Florianópolis, n. 87, 23 ago 1915, p. 1, c. 7

⁶⁹ NOTAS & informações. *O Estado*, Florianópolis, n. 377, 08 jun. 1916. p. 1, c. 7

⁷⁰ CAIXA dos pobre d' O Estado. *O Estado*, Florianópolis, n. 476, 08 dez. 1916. p. 1, c. 4

⁷¹ ESMOLAS. *O Estado*, Florianópolis, n. 3088, 04 out. 1924. p. 2, c. 1

Como podemos perceber, havia doadores que identificavam seus nomes e outros que permaneciam no anonimato. As ofertas originavam-se por motivos variados, um, por ter recebido uma dívida antiga, outro, pelo regozijo da pacificação do Rio Grande do Sul, alguns, pelo aniversário ou intenção da alma de um parente ou amigo. As importâncias em dinheiro eram depositadas no Banco do Commercio.

A Gerência do Jornal controlava a distribuição dos donativos, através de cartões numerados, onde os habilitados percebiam, aos sábados, no Escritório do Jornal uma esmola, nunca inferior a um mil réis.

Como forma de controle, os mendigos tinham seus nomes anotados no "Livro de registro dos pobres". Os primeiros registrados foram: Zeferina Balbina, Mariana Rosa de Jesus, Cândida J. de Jesus e Joaquina M. da Costa. A primeira distribuição aconteceu num sábado, às 13 horas, do dia 25 de setembro de 1915⁷².

Não tardou a serem divulgadas no Jornal matérias apoiando esta campanha, sempre conclamando a população para colaborar com esta camada de excluídos da sociedade, como retrata a coluna "Sabatina", assinada por J. Fernandes:

*(...) Receba minhas efusivas felicitações e permita que lhe recorde que O Estado fundou uma caixa para os pobres ... São pobres de nossa cidade; são muitas velhinhas como aquela que me disse que a fome é negra: são muitos homens como aquele que pedia trabalho e não lhe davam, que lhe pedia esmola e que lhe respondiam que fosse trabalhar. Vamos, minha senhora. Custa pouco (...)*⁷³

Preocupado também com a difusão de costumes e hábitos culturalmente "civilizados", unindo assim o útil ao agradável, o Jornal promovia conferências literárias. As rendas arrecadadas destes eventos eram revertidas em benefício da Caixa dos Pobres do Estado.

O Jornal também apoiava campanhas, cujos resultados revertiam a estabelecimentos de caridade de Florianópolis, tais como: Centro Espírita Amor e Humildade, Centro Espírita Antônio de Pádua, Asilo de Mendicidade Irmão Joaquim, Asilo de Órfãs do Espírito Santo e Hospital de Caridade. A esmola do quilo, onde cada pessoa doava um quilo de alimento, realizada em 1916, foi um dos exemplos, onde os donativos destinaram-se para o Asilo de Mendicidade Irmão Joaquim.

⁷² CAIXA dos pobres do Estado. *O Estado*, Florianópolis, n. 114, 24 set. 1916. p. 1, c. 7

⁷³ FERNANDES, J. Sabatina. *O Estado*, Florianópolis, n. 92, 28 ago. 1915. p. 1, c. 7

O Jornal publicava os números de cartões, com os respectivos nomes dos pobres para irem na Gerência da folha, a fim de retirarem seus donativos. Possivelmente tomavam conhecimento das notas publicadas no botequim, no açougue, na farmácia, ou seja, alguém lia para os mesmos, sendo que, provavelmente estes também eram pessoas conhecidas, típicas da cidade.

Esta campanha permeou o Jornal, durante todo o nosso período de análise. Podemos inferir que as doações feitas através das igrejas foi uma prática também adotada pela imprensa. Inclusive a igreja com o intuito de salientar estas doações ressaltava o momento em que os helenistas revoltaram-se contra os hebreus, porque suas viúvas estavam sendo esquecidas na distribuição diária. Então, os apóstolos escolheram homens de boa reputação, os quais foram encarregados deste serviço⁷⁴.

Sendo que conseguimos acompanhar mudanças nas doações, como por exemplo, quando as esmolas e os mendigos passaram a ser institucionalizadas e controladas pelo governo. A esfera pública, por intermédio da força policial, passou a manter sob seu controle a mendicidade. Já que, por volta de 1927, o problema da mendicidade preocupava a polícia, o Chefe de Polícia, Sr. desembargador Medeiros Filho, deu início ao processo de identificação dos mendigos, com o propósito de evitar explorações e o desagradável espetáculo nas ruas de Florianópolis, comum naquela época, por parte dos considerados falsos indigentes. Neste processo houve uma possível apuração, de que dos 70 pedintes aproximadamente, que de início compareceram à Polícia Central, somente 40 necessitavam de caridade pública. Para resolver este impasse, os considerados indigentes, receberam da polícia caderneta de identificação, que lhes dava o direito a esmolas⁷⁵. Diante de tal constatação a polícia e **O Estado**, em comum acordo, decidiram que a distribuição de esmolas, daquela data em diante, ficaria a cargo da polícia, com a criação da Caixa de Esmolas aos Indigentes. Isto nos faz pensar que critérios de avaliações foram utilizados para determinar se realmente eram 40 pessoas que necessitavam das doações e mais, ficamos nos questionando se o Jornal fez um levantamento preciso desse número, ou se apenas acatou um “dado” estipulado pela polícia. Sendo assim, percebemos com que facilidade o Jornal feito camaleão “mudava de pele” conforme a sua necessidade do momento. Algumas doações eram feitas na

⁷⁴ BÍBLIA. N. T. ATOS 6. PORTUGUÊS. ALMEIDA. 1969. **A Bíblia Sagrada** : Antigo e Novo Testamento. Ed. rev. e atual. no Brasil. Brasília : Sociedade Bíblica do Brasil, 1969. p. 148

⁷⁵ O PROBLEMA da mendicidade. **O Estado**, Florianópolis, n. 4010, 08 out. 1917. p. 2, c. 3

Chefatura de Polícia e outras na administração do Jornal. Aqueles que recebiam fundos da polícia e continuavam a mendigar, tinham sua caderneta de identificação suspensa:

*"Caixa de Escolas
(...) Por andar mendigando nas ruas da capital foi suspensa por tempo indeterminado a assinatura do indigente João Cândido de Souza"⁷⁶*

Percebemos que antes de pensar em exercer uma bondade⁷⁷, o setor público em parceria com **O Estado** buscava além de uma prática de benemerência, também, a limpeza da cidade dos ditos "indesejados".

Seguindo o modelo da imprensa do Rio de Janeiro e de outros Estados, entre suas práticas assistencialistas, o Jornal realizava, em 25 de dezembro de cada ano, o Natal do Pobres. Contou inicialmente com a colaboração de negociantes e famílias "generosas", que doavam dinheiro, gêneros alimentícios, roupas e brinquedos. Comissões filantrópicas eram organizadas para tais eventos. Articulistas e redatores aplaudiam a idéia e a concretude destes atos. A seção "Phalenas", dirigida em 1919, pelo redator do Jornal, Oscar Hollanda Cavalcanti, dignificava o "Comitê de Senhoras, pois somente um trabalho desta natureza é capaz de tomar a dor alheia dos desprotegidos"⁷⁸.

Assim, através do Jornal, podemos constatar que no Natal de 1919, a campanha teve o seu ponto máximo. Até então, **O Estado**, como órgão da imprensa catarinense, era o único a realizar esta campanha. Em 1919, este ato de "caridade", passa a contar como o apoio de grupos distintos da população de Florianópolis. Sendo que várias discussões ocorreram para planejar esta obra caritativa. Criou-se uma comissão central para coordenar os trabalhos e a mesma foi formada por:

*"(...) Dr. Hercílio Luz, presidente de honra;
Dr. Nereu Ramos, presidente;
Major Lauro Linhares, secretário;
Capitão João Carvalho, tesoureiro;
Coronel Germano Wendhausen, Dr. Edward
Simmonds e Augusto Lopes, diretor d'O Estado,*

⁷⁶ CAIXA de escolas. **O Estado**, Florianópolis, n. 5019, 20 jun. 1930. p. 6, c. 3

⁷⁷ No sentido trabalhado por ARENDT, Hannah em sua obra **A condição humana**

⁷⁸ CAVALCANTI, Oscar Hollanda. Phalenas. **O Estado**, Florianópolis, n. 1376, 04 dez. 1919. p. 1, c. 5

*colaboradores (...)*⁷⁹

A presença de pessoas “ilustres” nestes atos de caridade demonstravam a maneira como as obras caridosas ultrapassavam o âmbito da bondade privada para a ação pública e política a qual enaltece a figura de seus fazedores.

Nesta campanha, foram beneficiados os recolhidos do Asilo de Mendicidade Irmão Joaquim, Asilo de Órfãos do Espírito Santo, doentes necessitados em tratamento no Hospital de Caridade e pobres que viviam em Florianópolis.

Dado o grande vulto da campanha, criou-se uma Comissão de Senhoritas incumbidas de angariarem donativos. A cidade foi esquadrihada em quatro zonas, por entre as quais os membros da comissão foram distribuídos, destacando-se figuras como Donatila Luz, Lucinda Boiteux, Heliete Brüggmann, Bebê Collaço⁸⁰. Cabe aqui ressaltar, que todas as reuniões da comissão promotora aconteciam na Gerência d'O Estado.

O controle de distribuição das doações fez-se através de cartões, que davam o direito aos pobres a ganharem carne e gêneros alimentícios. Aproximadamente 1040 pessoas receberam seus cartões, sendo que a cesta compunha-se de:

*"(...) 2 kilos de carne verde;
2 kilos de farinha dos Barreiros;
2 kilos de feijão;
1 kilo de açúcar refinado;
1 kilo de café;
1 kilo de arroz;
1 kilo de batata;
1 pão de 700 grs. (...)"*⁸¹

Para expressar o êxito da campanha, os resultados do balancete da receita e despesa, do Natal dos Pobres de 1919, foram publicados na edição de 29 de dezembro de 1919, que somou uma receita de Rs. 5:081\$000 (cinco conto e oitenta e um mil réis), sendo que deste valor Rs. 4:561\$990 (quatro conto e quinhentos e sessenta e um mil e novecentos e noventa réis) destinou-se para as despesas. O saldo restante da receita, a Comissão da Campanha, doou ao Jornal, o qual aplicou em benefício dos pobres⁸².

⁷⁹ NATAL dos pobres. *O Estado*, Florianópolis, n. 1379, 08 dez. 1919. p. 1, c. 4-5

⁸⁰ NATAL dos pobres. *O Estado*, Florianópolis, n. 1380, 09 dez. 1919. p. 1, c. 1-3

⁸¹ NATAL dos pobres. *O Estado*, Florianópolis, n. 1392, 23 dez. 1919. p. 8, c. 3-4

⁸² NATAL dos pobres. *O Estado*, Florianópolis, n. 1396, 29 dez. 1919. p. 8, c. 2

Dentre os serviços assistenciais promovidos pelo Jornal, ainda merecem registro as obras de caridade. Estas obras, destinavam-se na sua maioria, às mulheres que ao viúvarem permaneciam na miséria e não tinham moradia própria. Como exemplo, podemos citar o fato ocorrido em 1923, quando, Guilhermina Pereira Nunes, ficou viúva com nove filhos menores para sustentar e não tendo casa para morar foi juntamente com seus filhos recolhida pela Imigração, no Estreito. Diante deste quadro de desgraça e amargura, o Jornal abriu uma subscrição pública para construir uma casa para a viúva Guilhermina Pereira Nunes. Em várias matérias publicadas na coluna "Obra de Caridade", o diário apelava para a população e empresários de Florianópolis, no sentido de colaborarem na campanha. Entretanto, nem sempre as doações correspondiam às expectativas, mas, mesmo assim, o Jornal não se cansava em conchamar a população à sua ajuda. Também os leitores assim procediam, enviando cartas, como aquela assinada por "João de Alguém", em 19 de maio de 1923, que lamentava o "(...) descaso e desprezo com que os nossos conterrâneos vêm acolhendo apelos de caridade"⁸³. Após ferrenha, batalha a campanha encerrou-se em setembro de 1924, quando o Jornal adquiriu a casa para a viúva de Juvêncio Pereira Nunes e seus filhos.

Outras mobilizações "em prol dos necessitados" foram concretizadas. Em 1925, foi a vez da viúva e filhos do tipógrafo Alcides Rufino Pacheco serem beneficiados. A subscrição foi surpreendente, atingiu a soma de Rs. 803\$000 (oitocentos e três mil réis). Dessa quantia foram empregados Rs. 600\$000 (seiscentos mil réis) na compra da casa, localizada à Rua Silva Jardim, Rs. 164\$000 (cento e sessenta e quatro mil réis) depositados na caderneta nominal da viúva, no Banco do Commercio, e o restante empregado em roupas e gêneros alimentícios para a família de Alcides Rufino Pacheco⁸⁴.

Também, em 1925, a viúva do músico Dionysio Custódio da Silva, morto no combate da Serra Medeiros, no Paraná, recebeu uma casa através de campanha popular.

A Associação das Damas de Caridade, entidade formada por mulheres da elite de Florianópolis, aliava-se ao **O Estado**, prestando, assim, obras beneficentes. Atendiam, estas, assiduamente ao chamado do Jornal para as "caridades". Destacaram-se na campanha do Natal dos Pobres do Estado, em subscrições para aquisição de moradias de viúvas, bem como, na malfadada epidemia - a Gripe Espanhola - que em 1918 atacou a população florianopolitana. A Associação das Damas de Caridade auxiliava aos necessitados tanto "moral quanto materialmente". Este trabalho prestado pela

⁸³ OBRA de caridade. **O Estado**, Florianópolis, n. 2670, 19 maio 1923. p. 2, c. 5-6

⁸⁴ UMA subscrição de caridade. **O Estado**, Florianópolis, n. 3416, 28 out. 1925. p. 1, c. 6

Associação, vem de encontro com o relato de Joana Maria Pedro ao referir-se que, "*no século XX as mulheres da elite passaram a exercer uma "missão irradiadora". Além de mães dedicadas, passaram a figurar como "beneméritas" e protetoras do pobres*"⁸⁵. Isto posto, percebemos o Jornal em determinadas época problematizava a caridade, ressaltando a figura caridosa.

Arendt ao discutir a bondade realizada no público e no privado, e ao afirmar que a mesma em seu "*estilo absoluto*" ao contrário da "*utilidade*" a qual chamaremos de benemerência, possui uma tendência a "*evitar ser vista ou ouvida*". A referida autora defende esta tese em função de que, segundo ela, a bondade deve ir e vir sem deixar vestígios, "*uma vez que a mesma deve ser realizada no âmbito privado das relações sociais*". Em função desta discussão levantada por Arendt, temos a possibilidade de analisar os "atos bondosos" e as "campanhas caridosas" realizadas pelo Jornal, como obras de benemerência as quais, são imediatamente levadas a público, demonstrando assim o interesse do Jornal em enaltecer determinadas pessoas privadas através de sua "bondade".

Diante do exposto, podemos perceber que, o jornal **O Estado**, antes de ser uma empresa jornalística, foi um órgão atuante na cidade de Florianópolis, uma vez que ajudou a criar e a derrubar novos e antigos conceitos. Desenvolveu campanhas de solidariedade juntamente com medidas de controle. Criou e homenageou "heróis", ao mesmo tempo que destruiu imagens consagradas. Assim, sob uma "capa" de imparcialidade, **O Estado** foi um dos jornais da cidade que opinou e interferiu na vida dos florianopolitanos.

Devemos pensar que os concursos de beleza, literários, entre outros, juntamente com as campanhas beneméritas foram formas que os dirigentes do Jornal encontraram de auto provarem a sua imagem e da empresa, que os mesmos dirigiam, além de darem respaldo a eles próprios para interferirem diretamente no dia-a-dia da população, pois cabe lembrar que os limites entre o homem privado (dirigente do Jornal) e o homem público (político) eram muito tênues, podendo o tempo todo confundirem-se e mesclarem-se.

O Estado, em cena pública, dizia-se agente apresentador do real. Porém nos bastidores, percebemos o desenrolar de outra cena, onde disputas político-ideológicas dos dirigentes, que se alternavam no cargo, faziam parte desse enredo, as quais

⁸⁵ PEDRO, Joana Maria, op. cit., p. 89

acabavam refletindo-se nas páginas do Jornal, o qual mostrava-se defensor de idéias e suscitador de mudanças.

CAPÍTULO II

**JORNAL O ESTADO:
UMA VIA DE MÃO-DUPLA:
FUNDADORES, DIRETORES, REDADORES E
ARTICULISTAS**

Dentro de um contexto onde as perturbações políticas culminaram com o colapso da Primeira República, período este de intensa contestação ao sistema político vigente, tanto em nível nacional quanto local, abriram-se novas possibilidades para o surgimento de jornais oposicionistas, como também, embora numa propagação menor, de jornais governistas. Na linha de apoio ao governo, embora buscando, em certos momentos, mostrar-se neutro em relação aos conflitos políticos existentes, surge o jornal **O Estado**, fundado por iniciativa de Henrique Rupp Junior e Ulysses Costa. Apesar de sua plataforma editorial resguardar um perfil de jornal independente, deixava em determinadas ocasiões transparecer uma postura crítica a algumas medidas do governo.

Apesar de se identificar como um jornal imparcial, as suas tendências político e ideológica podiam ser facilmente reveladas pelos ataques ou elogios aos políticos locais. Sendo justamente estas tendências que pretendemos abordar neste capítulo. Ou seja, ao discorrer acerca dos fundadores, proprietários, diretores e redatores do periódico, pretendemos focar sua linha político-ideológica, percebendo as disputas que afloraram no Jornal e que o forjaram. Assim, através do editorial e outros artigos de fundo, analisaremos o discurso dos articulistas visando resgatar suas tendências e, conseqüentemente, pretensões.

O Jornal, atuava junto a um eleitorado atingindo, principalmente a elite e estendendo-se até as classes menos privilegiadas, mas que tinham acesso ao diário¹. Por esta razão seus dirigentes e sua plataforma o definiam como um “*jornal popular*” que procurava expressar o “*ideário da população*” caracterizado na luta pelo “fiscalismo”, característica pertencente também a outros jornais em nível nacional, como a **Folha de S. Paulo**, a qual desde o seu surgimento carregava a bandeira desta “causa”².

Podemos dizer que durante sua trajetória, dentre as mudanças ocorridas na história do Jornal, destacaram-se a rotatividade dos proprietários nos seus dezesseis anos iniciais. É

¹ Com relação às classes menos privilegiadas, podemos citar as colocações de Maria Helena Rolim Capelato, quando aborda que a barreira do analfabetismo, na imprensa, era contornada pela comunicação oral que se dava através da leitura em voz alta nas esquinas, nos botequins. Esta comunicação possibilitava a divulgação das mensagens, muitas vezes de conteúdo político *ver* CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e história no Brasil**. São Paulo : Contexto : EDUSP, 1988. p. 38 (Repensando a história)

² MOTA, Carlos Guilherme, CAPELATO, Maria Helena Rolim. **História da Folha de S. Paulo (1921-1981)**. São Paulo : Imprensa, 1980. Nesta obra, os autores abordam o tema nos primeiros anos de existência do jornal

justamente em função dessa rotatividade ocasionada pelos diversos dirigentes, que redigimos o referido capítulo fragmentando-o em fases diferenciadas.

Na primeira fase, de 13 de maio de 1915 a 22 de dezembro de 1916, figuraram como diretores, os fundadores Henrique Rupp Junior e Ulysses Costa.

Henrique Rupp Junior, natural de Joinville, bacharelou-se em direito pela Faculdade de Direito em Porto Alegre (RS)³. O mesmo, na trajetória da vida pública dedicou-se à advocacia e à política, estruturando em Santa Catarina a Aliança Liberal, sendo que, após a vitória da Revolução de 30, fundou a Legião Republicana⁴.

Henrique, tanto na política partidária como nos flamejantes artigos jornalísticos, estava ao lado do movimento civilista. Na plataforma do Jornal traçada por ele (que até os dias atuais serve de baliza sustentadora para o Jornal) é que podemos constatar o papel da imprensa que o referido político reservou para **O Estado**, ou seja, o de norteador das *“aspirações populares à conquista de melhores destinos”*⁵. Ainda a plataforma, dizia o Jornal, velava por uma imprensa independente e que se caracterizava, acima de tudo, como uma imprensa útil à pátria, comum de todos os brasileiros, pregando e lutando em prol de uma educação cívica e de um patriotismo revelador dos princípios de ordem de tratamento aos poderes públicos, com uma pátria resguardada pela paz⁶.

O lema “ordem e progresso”, presente na plataforma d’**O Estado**, possivelmente foi inspirado na frase cravada na bandeira brasileira, de autoria do militar e político brasileiro Benjamin Constant, um dos fundadores da República e seguidor das idéias do positivista francês Augusto Comte. Certamente, o Jornal atuou não somente como defensor da premissa de que a ordem era indispensável para o progresso, como também de mostrar-se simpatizante à filosofia de Comte. O periódico, se intitulava agente fiscalizador da *“República e da Pátria”* dizia-se agir *“contra tudo que representasse um mal a coletividade.”*

³ CORRÊA, Carlos Humberto. *Um estado entre duas repúblicas : a Revolução de 30 e a política de Santa Catarina até 35*. Florianópolis : Ed. da UFSC, 1984. O autor cita, na p. 30, que nesta época inexistiam em Florianópolis cursos superiores, em função disto, podemos observar uma forte influência dos políticos do Rio Grande do Sul sobre os de Santa Catarina, pois lá estudavam juntos gaúchos e catarinenses

⁴ PIAZZA, Walter Fernando (Org.). *Dicionário político catarinense*. Florianópolis : Asembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985. p. 504

⁵ A NOSSA plataforma, op. cit., p. 1

⁶ *Ibidem*, p 1, c. 1

Na luta para manter Florianópolis como capital do Estado, já que havia um movimento visando à transferência da sede do governo para Lages ou São Francisco do Sul, **O Estado** carregou essa bandeira, ou seja, estabeleceu uma linha de defesa da condição de capital, Florianópolis. Sendo assim, demonstrou-se antes de defensor dos interesses do Estado, dos interesses florianopolitanos.

As regiões do Meio-Oeste e Oeste de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná foram sacudidas, de 1912 a 1916, por uma luta entre camponeses e militares que entre outros fatores brigaram pelos limites entre os dois Estados. A Guerra do Contestado - como ficou conhecido o sangrento episódio que dizimou em torno de 10 mil pessoas entre homens, mulheres e crianças - foi motivada por conflitos de ordem social, religiosa e econômica. A luta pela terra, o aparecimento dos monges, a construção da estrada de ferro São Paulo- Rio Grande do Sul e a instalação da madeireira Lumber na região contribuíram à deflagração do movimento. Pela primeira vez, na história do país e da América do Sul, um governo usou a aviação militar contra civis. Também chamados de jagunços, os rebeldes enfrentaram a fome e doenças que os forçaram à rendição⁷.

Estes fatos foram levados ao público, ao resto da população, de diferentes formas, de acordo com as visões divergentes da imprensa local. Dentre estas visões, destacamos a noção de “ressalva” que o governo federal demonstrava com relação a Santa Catarina, visão esta que permeava os discursos dos editoriais d’**O Estado** em sua primeira fase, quando da discussão da Questão dos Limites.

Assim, a solução do impasse quanto à definição dos limites entre os Estado de Santa Catarina e Paraná, surgiu como uma questão a ser defendida pelo Jornal junto ao Supremo Tribunal.

Ao analisarmos os editoriais do diário, na sua primeira fase, a Questão de Limites entre Paraná e Santa Catarina, foi permeada por um discurso de “repúdio ao governo federal para com Santa Catarina”.

Aplainadas as dificuldades desse marcante acontecimento histórico, em 1916, os governadores de Santa Catarina e Paraná, juntamente com o Presidente da República,

⁷ Cfe. cap. XXIX de PIAZZA, Walter Fernando, HÜBENER, Laura Machado. *Santa Catarina : história da gente*. 3. ed. rev. e ampl. Florianópolis : Lunardelli, 1989.

assinavam o acordo da Questão dos Limites entre Paraná e Santa Catarina, no Palácio do Catete. O pacto pôs fim ao velho dissídio que separava Santa Catarina e Paraná.

A imprensa nacional referia-se ao fato, enaltecendo o patriotismo dos brasileiros que atenderam ao apelo do Presidente da República pela solução da Questão dos Limites. Todavia, na imprensa catarinense e paranaense, a questão não foi bem recebida⁸, em função de que a imprensa dos respectivos Estados demonstrava sentirem-se prejudicadas com os referidos limites estabelecidos. Entretanto, com a solução dessa questão, Felipe Schmidt, que na época era governador de Santa Catarina, viu a ampliação territorial catarinense e a sua população aumentada, com o surgimento dos municípios de Mafra, Porto União, Cruzeiro, hoje Joaçaba e Chapecó, na zona contestada⁹.

Desde a criação d'O Estado até o fim do conflito do contestado, o assunto foi tema constante nas suas páginas, sendo abordados por intermédio de debates e editoriais, os quais tentavam abranger vários aspectos relativos à organização social, econômica, política e cultural de Santa Catarina. Desta feita, a defesa pela língua nacional para uso corrente nos núcleos coloniais, foi também outro tema problematizado pelo referido Jornal. Sendo que essa discussão mostra um nacionalismo que se queria implantar não apenas em Santa Catarina, mas em nível nacional, já que o contexto sugeria isto, devido às ideologias criadas em torno da 1ª Guerra Mundial.

Com relação à política e aos governos federal, estadual e municipal, o fiscalismo d'O Estado foi grande, ora de apoio, ora de contestação. Assim, alguns editoriais prestavam seu apoio ao governo, como por exemplo, Felipe Schmidt, em 1915¹⁰, ao mostrar-se contra os artigos publicados pela imprensa oposicionista. Entretanto, havia momentos que teciam críticas à administração e vigente, como foi o editorial de 10 de setembro de 1916, que contrariava a atitude do governador Felipe Schmidt que havia mandado “proceder estudos para a construção da estrada de rodagem de Lages a Curitiba”¹¹. Com relação a objeção do Jornal quando da construção dessa rodovia, podemos inferir que tal atitude poderia ser em função da defesa pela continuidade da capital em Florianópolis, já que havia um

⁸ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. Florianópolis : Lunardelli, 1987. p. 323

⁹ MEIRINHO, Jali. Militar valente, político inábil. *Diário Catarinense*, Florianópolis, n. 2777, 25 nov. 1993. Suplemento Governadores de Santa Catarina : 1739/1993. p. 36, c. 3

¹⁰ O GOVERNO e a política. *O Estado*, Florianópolis, n. 155, 13 nov. 1915. p. 1

¹¹ UM ERRO da administração. *O Estado*, Florianópolis, n. 404, 10 set. 1916. p. 1, c. 1-2

movimento visando à transferência da sede do governo estadual para Lages, e a rodovia poderia influenciar tal mudança.

Entrementes, havia por parte dos homens públicos o objetivo em fazer d'O Estado "porta de serventia" para seus propósitos. Assim, podemos depreender a exposição de Jürgen Habermas, no que tange "ao interesse das autoridades em tornar a imprensa útil às intenções administrativas"¹², haja vista que o Jornal noticiava idas e vindas de autoridades administrativas, políticas, festas e solenidades promovidas por estas autoridades, dando publicidade as atividades das pessoas que compõe o setor público.

Traçando um perfil dos "homens importantes" do Jornal, vemos que o co-fundador d'O Estado, Ulysses Costa, homem público, prestou serviços para Santa Catarina. Atuou como Chefe de Polícia do governo de Felipe Schmidt. Sendo redatores da folha, neste período, Joe Collaço e Oscar de Oliveira Ramos. O redator Oscar de Oliveira Ramos, além de jornalista, foi fiscal do governo junto à Empresa de Água e Luz de Florianópolis.

Como colaboradores, contou com José Boiteux, Lucas Alexandre Boiteux, J. Fernandes e Altino Flores.

Santelmo Corumbá, assumiu a redação, a partir de 19 de julho de 1916. Jornalista de nome reconhecido na imprensa do Maranhão e São Paulo onde dirigiu vários jornais. Assinava a coluna "O Meu Jornal". Através dessa coluna de caráter crítico, publicava crônicas acerca de assuntos sobre a vida e sobrevivência nas cidades. Foi um redator polêmico, seus escritos, em certos momentos, causaram brigas entre políticos catarinenses¹³ e a imprensa local. Argumentava que tal comportamento e postura profissional tinha o intuito de despertar curiosidade pública e elevar sua popularidade jornalística na imprensa local¹⁴.

Ainda, nesta fase, as relações comerciais estavam sob a responsabilidade do tenente João Cândio de Souza Siqueira. Assim, podemos associar que o controle da venda do

¹² HABERMAS, Jürgen, *op. cit.*, p. 35

¹³ Um exemplo típico dessas rixas de Santelmo com políticos locais, foi a briga ocorrida, em 1916, com o filho de Hercílio Luz. O jornalista, declarava em sua coluna que tal atrito teve o intuito de atrair para si "dedicados amigos" da capital que lhe eram leais e cujo apoio moral o "enchia de júbilo". Assim, pois dizia, "virou-se o feitiço contra o feitiço" (*ver* CORUMBÁ, Santelmo. Aos meus amigos. *O Estado*, Florianópolis, n. 414, 22 set. 1916. p. 1, c. 4-5)

¹⁴ SANTELMO Corumbá. *O Estado*, Florianópolis, n. 360, 19 jul. 1916. p. 1, c. 2

Jornal, tanto avulsa como a de assinaturas, estavam indiretamente sob o controle da justiça e do poder público.

O fato da divulgação e venda do diário ficar sob a responsabilidade do tenente João Câncio de Souza Siqueira, vem mostrar como eram bastante estreitas as ligações entre a imprensa e o poder público, numa “via de mão dupla”. Funcionários públicos redatoriavam **O Estado**, e alguns encerravam sua atividade jornalística para se candidatarem a cargos públicos ou assumirem nomeações do governo. Assim, foi em 1926, Oswaldo Mello retirou-se do diário, pois foi nomeado pelo governador para ocupar o cargo de Adjunto do Promotor Público; em 1927, Gustavo Neves foi nomeado Guarda-Livros do Montepio dos Funcionários.

Joana Maria Pedro, em sua obra **Nas tramas entre o público e o privado**, ao analisar os jornais integrantes da imprensa catarinense, no século XIX, constatou que “*a sobrevivência privada dos jornalistas dependia, em sua maior parte, do poder público*”¹⁵. No bojo dessa constatação, percebemos que **O Estado**, não fugiu desse quadro. Vários de seus jornalistas ocupavam cargos públicos. Como foi José Boiteux, Secretário de Estado e político. Henrique Rupp Júnior, deputado estadual. Altino Flores, professor da Escola Normal. Marinho Lobo, Administrador dos Correios de Santa Catarina. Victor Konder, Ministro da Viação e Obras Públicas, dentre outros.

Num segundo momento de nossa análise, percebemos que os dois fundadores do Jornal não permaneceram muito tempo à frente do mesmo. A partir de 23 de dezembro de 1916, deu-se o início da segunda fase do diário. Sendo que nesta fase passa a ser dirigido por Marinho Lobo, então Administrador dos Correios de Santa Catarina e por José Boiteux, homem público e jornalista, os quais deram continuidade ao programa base do periódico.

Marinho Lobo bacharelou-se, em 1911, em direito pela Faculdade de Direito de São Paulo. Atuou como Promotor Público em São Bento do Sul e Promotor interino na Câmara Municipal de Joinville¹⁶.

Marinho Lobo atuou como diretor até 15 de outubro de 1918, e José Boiteux, impossibilitado de continuar no Jornal, por motivo de doença, permaneceu no cargo até 1917.

¹⁵ PEDRO, Joana Maria, op. cit., f. 29

¹⁶ PIAZZA, Walter Fernando (Org.), op. cit., p. 304

José Boiteux, homem público, deputado federal e estadual, secretário de Estado, foi eclético em suas atividades, ajudando Santa Catarina, tanto na Questão dos Limites com Paraná, onde colaborou como conselheiro de Manoel Silva Mafra, bem como, na criação do Instituto Polytechnico, da Academia Catarinenses de Letras (com outros intelectuais de Florianópolis). Ao mesmo tempo, dedicava-se aos ofícios de jornalista, historiador e ficcionista.

Altamiro Guimarães, atuou nesta fase como auxiliar de redação, cujos trabalhos estavam sob o comando de Altino Flores. Entre 20 de fevereiro de 1917 até setembro de 1918, a gerência do Jornal foi conduzida por Oswaldo Mello.

Segundo Nereu Corrêa, Haroldo Callado, que era 2º. Oficial da Administração dos Correios em Santa Catarina, era preocupado com o desenvolvimento intelectual de Santa Catarina, colaborava com o Jornal, e tinha suas opiniões jornalísticas acatadas positivamente nas rodas literárias de Florianópolis.

Num terceiro momento da análise da estrutura administrativa d'O Estado, verificamos a atuação do comerciante Augusto Lopes da Silva, que assume a direção do mesmo em 16 de outubro de 1918 até 1924. A experiência de Augusto, na imprensa florianopolitana, já vinha dos jornais **A Opinião** e **A Noite**, os quais ele anteriormente havia dirigido¹⁷. O mesmo, assim que assumiu a direção efetuou algumas mudanças no Jornal, passando o diário a circular no período vespertino e sua redação transferida para a Rua João Pinto, 13.

Tornar **O Estado** porta-voz de uma cidade moderna e civilizada foi o lema de Augusto¹⁸, o qual segundo dizia o Jornal, cumprir o programa-base do mesmo. Sendo que Augusto afirmava não possuir nenhuma ligação política, e que sua meta estava voltada para o progresso e a grandeza da terra catarinense, lutando pelos interesses e ideais do povo desta terra.

A pessoa de Augusto era ressaltada, através das páginas do próprio diário, como homem dotado de caráter austero e religioso, que dizia que "*nada lhe afligia mais do que o sofrimento alheio*", principalmente, dos "pequenos" e "fracos", que nele sempre tiveram um defensor intransigente e abnegado. Como podemos constatar, com a afirmação do

¹⁷ AUGUSTO Lopes . **O Estado**, Florianópolis, n. 2562, 04 jan. 1923. p. 3, c. 3-4

¹⁸ A NOVA fase d'O Estado. **O Estado**, Florianópolis, n. 1035, 17 out. 1918. p. 1, c. 1

semanário *A Imprensa de Tubarão* “(...) o proprietário d’*O Estado* conquistou, em Florianópolis, a simpatia de todo o povo, não só pela sua exemplar conduta jornalística, como também, pela reta e criteriosa orientação que tem imprimido ao seu conceituado jornal (...)”¹⁹.

Durante esta fase do Jornal, administrava o governo estadual, Hercílio Luz, com dois mandatos consecutivos, 1918-1922 e 1922-1924, onde podemos mais uma vez constatar a estreita ligação do Jornal com o poder público dominante, como por exemplo, ao divulgar as viagens do governador.

Também, a ligação do periódico com Hercílio Luz vinha de encontro com os ideais civilistas, uma vez que *O Estado* e o governador comungavam com as campanhas de Rui Barbosa em prol do civiilismo²⁰.

O ajudante do Procurador Fiscal da Fazenda Estadual e advogado Hollanda Cavalcanti, bem como, Lucas Alexandre Boiteux, colaboraram, nesta fase, com a publicação de artigos. Martinho Callado Júnior foi secretário de redação e Altino Flores, o redator.

Na década de 20, em torno de atividades jornalísticas, reuniam-se grupos literários, que conseguiram sacudir o marasmo da capital catarinense. Martinho Callado Júnior, aponta que dentre estes grupos, o que exerceu grande atividade entre 1906 a 1916, foi integrado por Altino Flores, Othon d’Eça, Barreiros Filho, Haroldo Callado, Oswaldo Ferreira Mello, entre outros. Foi, sem dúvida, esse grupo que, a 7 de setembro de 1920, juntamente com outros intelectuais, fundaram a Sociedade Catarinense de Letras, logo, transformada em Academia Catarinense de Letras. Foram seu fundadores: José Arthur Boiteux (Presidente), Altino Flores (Secretário e Orador), Alfredo Luz, Barreiros Filho, Haroldo Callado, Clementino Brito, Fúlvio Aducci, Gil Costa, Heitor Luz, Henrique Fontes, Horácio de Carvalho, Ivo de Aquino, João Crespo, José Collaço, Mâncio Costa e Othon d’Eça²¹.

Destacamos que esta geração, segundo Celestino Sachet, pouco cultivou a ficção e a poesia, e sequer se preocupou em editar suas produções. O grupo se detinha às atividades culturais no magistério, na imprensa e na própria Academia²².

¹⁹ AUGUSTO LOPES. *O Estado*, Florianópolis, n. 2274, 20 jan. 1922. p. 3, c. 4

²⁰ CORRÊA, Carlos Humberto. O poder era a sua paixão. *Diário Catarinense*, Florianópolis, n. 2777, 25 nov. 1993, Suplemento Governadores de Santa Catarina : 1739/1993. p. 26, c. 3

²¹ CALLADO JÚNIOR, Martinho, op. cit., p. 142-143

²² *O Estado*, Florianópolis, n. 25812, 20-21 abr. 1996. Suplemento Projeto Cultura Viva. p. 3

Seguindo as vicissitudes econômicas e políticas da cidade, o comando do Jornal, constantemente sofria alterações, como por exemplo, quando em 1925 o então Ministro da Viação e Obras Públicas do governo federal, Victor Konder, comprou **O Estado** e convidou Altino Flores para dirigi-lo. Cabe registrar que a primeira experiência de Victor com a imprensa catarinense foi quando, em sua terra natal (Itajaí), redatoriu com seu irmão, Marcos Konder, o jornal **Novidades**²³. A partir de 1925, Victor tornou-se presidente da Empresa Editora O Estado Ltda.

No aspecto político, as propostas do Partido Republicano Catarinense eram defendidas pelas colunas d'**O Estado**, uma vez que o seu proprietário, Victor Konder, integrava o referido partido. Tal postura demonstrava que a utilização do Jornal enquanto espaço político fazia frente às mudanças políticas que já vinham sendo amadurecidas por Victor desde a campanha civilista.

Assim, em 16 de abril de 1925 assumiu a direção da folha Altino Flores, o qual desde a fundação do diário prestou seus serviços como colaborador e redator, permanecendo até 1930. No momento em que assume os trabalhos de diretor-gerente do periódico, era “lente” da Escola Normal e Secretário Geral da Academia Catarinense de Letras.

Como um dos homens mais importantes na vida do Jornal, o intelectual e professor Altino Flores, ao desempenhar a função de jornalista, adquiriu a fama de polemista imbatível. Para tanto, citamos o escritor Nereu Corrêa, o qual traçou um perfil do mesmo como “*ágil no manejo da pena, instantâneo na réplica, sincero e claro na exposição de seu pensamento, que sabia revestir com a elegância de um estilista*”²⁴.

Crítico e polemista, manejando a língua pátria com perícia, os seus trabalhos no campo de lutas literárias multiplicaram-se, ora pelas colunas do Jornal, ora em panfletos, onde o seu “espírito combativo e invencível” se manifestava na “inteireza de suas convicções”.

Na vida política o discurso dos integrantes do Jornal que escreveram para homenageá-lo no seu aniversário, diziam que Altino estava sempre ao lado das candidaturas

²³ PIAZZA, Walter Fernando (Org.), op. cit., p. 273

²⁴ CORRÊA, Nereu. **Perfis e retratos em vários tons** : em memorianm. Florianópolis : Ed. da UFSC : Luardelli, 1986. p. 111

nacionais, revestido de um civismo e replicando ataques que viessem causar discordias à nação²⁵.

Podemos inferir que a luta política de Altino, pelas linhas d'Estado, era em alusão ao poder executivo estadual, administrado por Adolpho Konder (1926-1930), irmão de Victor, pois na vida pública Adolpho “*sempre pregou a defesa dos princípios liberais*”²⁶.

Em maio de 1930, Altino foi nomeado Diretor da Instrução Pública de Santa Catarina.

As mudanças de dirigentes refletiam-se na própria estrutura do diário, como vimos, após a posse de Altino, na primeira página, por exemplo, passaram a figurar anúncios e classificados, desvalorizando, assim, as matérias jornalísticas, que até então ocupavam a página nobre do periódico.

Nesta fase, Altino deu continuidade à linha inicial do programa do Jornal, destacando o periódico como defensor dos “interesses populares e do progresso da terra”. Como também, o prosseguimento firmado na plataforma, o de fazer pelas suas colunas uma imprensa política sem ser partidária, trabalhando em prol da “República” e da “pátria” e contra o que represente um mal à coletividade e ao desenvolvimento cultural²⁷.

As colunas, diziam os redatores, permaneciam franqueadas a todas as idéias nobres, procurando alijar conflitos que viessem a perturbar o Jornal.

O período em que Altino dirigiu o Jornal foi marcado por duas transições: a crise econômica mundial de 1929 e a Revolução de 1930.

Nesta fase, diversos redatores marcaram seu cunho profissional pelas colunas do Jornal, os quais contribuíram na ampliação de novos horizontes. Sendo assim, Altino Flores cercou-se de personalidades proeminentes da cultura catarinense, entre os quais, o jornalista e escritor regionalista Tito Carvalho; Oswaldo Mello, de 16 de abril de 1926 a julho de 1926, retirando-se do diário, pois foi nomeado pelo governador do Estado para ocupar o cargo de Adjunto do Promotor Público; Gustavo Neves, em 1927 foi nomeado Guarda-Livros do Montepio dos Funcionários e em 1928 sai da redação para assumir o cargo de Despachante da Agência da Companhia N. N. Costeira; capitão Mimoso Ruiz; José Diniz;

²⁵ ALTINO Flores. *O Estado*, Florianópolis, n. 4907, 04 fev. 1930. p. 1, c. 3-4

²⁶ ADOLPHO Konder. *Diário Catarinense*, Florianópolis, n. 2777, 25 nov. 1993. Suplemento Governadores de Santa Catarina : 1739/1993. p. 45, c. 2

²⁷ A NOSSA plataforma, op. cit., p. 1

Archimedes Taborda, retira-se do Jornal para assumir seus trabalhos de negociante; Othon Gama d'Eça; Cassio da Luz Abreu. Sob o comando do mesmo, o diário pôde valorizar a cultura local, defendendo valores e abrindo polêmica com grupo de artistas e escritores catarinenses²⁸.

Dentre os redatores, havia aqueles que assumiam o caráter combativo, outros, não discutiam polemicamente assuntos literários, científicos ou religiosos. Possuidor deste último perfil, citamos o redator Gustavo Neves, cujos artigos, segundo Nereu Corrêa, apresentavam como característica principal, a versatilidade, não havia assunto sobre o qual não escrevesse. *“Era o escritor alternando com o jornalista” (...)* *“não se envolvia em controvérsias, naquelas polêmicas estereis que acabavam transformando a imprensa em local de retaliações pessoais”*²⁹.

Podemos perceber que a rotatividade de redatores dava-se pelo fato de que os mesmos não dedicavam seu tempo apenas à tarefa jornalística. O escritor Doralécio Soares nos relata que *“ao jornalista era impossível dedicar-se exclusivamente a sua profissão, por isso a sua maioria mantinha outra atividade profissional”*³⁰. Contudo, constatamos que principalmente as oscilações políticas faziam com que essa rotatividade fosse mais constante, pois ao passo que os dirigentes do mesmo assumiam determinados cargos na política local, passavam a direção do Jornal para outras pessoas envolvidas com o periódico e também com as questões políticas do Estado.

Doralécio Soares afirma que, embora o jornalismo seja profissão extenuante, ela tem um fascínio especial, algo indefinível, que só os que nela estão imersos são capazes de descrever.

Correr atrás da notícia, transformar o cotidiano em palavras, perseguir o inusitado, investigar o que se oculta atrás das aparências, trabalhar contra o relógio, enfim, mergulhar no dia-a-dia de uma redação constitui uma aventura que se renova sempre.

Alguns jornalistas ao assumirem a função de redator, durante esta fase, já haviam anteriormente prestado auxílio na redação, como foi Cassio da Luz Abreu. O qual, por ocasião da vitória da Revolução de 30 e em alusão à liberdade de pensamento e idéia que

²⁸ ALTINO Flores, um bravo jornalista. *O Estado*, Florianópolis, n. 25520, 13-14 maio 1995. Suplemento especial comemorativo dos 80 anos de fundação de *O Estado*. p. 10, c. 1

²⁹ CORRÊA, Nereu, op. cit., p. 58-59

³⁰ DORALÉCIO relembra o período do romantismo. *O Estado*, Florianópolis, n. 25520, 13-14 maio 1995. Suplemento especial comemorativo dos 80 anos de fundação de *O Estado*. p. 77, c. 2

estava disseminada no imaginário da população em nível nacional, dedicou um artigo a este respeito, aplaudindo a atitude de Oswaldo Aranha, considerado pelo jornalista “*o arauto da remodelação do Brasil novo, diz-no que estamos livres e que a manifestação do pensamento é respeitada em toda a sua amplitude (...) o 13 de maio trouxe a liberdade aos escravos, o 3 de outubro deu liberdade a uma nacionalidade*”³¹.

Em função do momento político nacional, o Jornal divulgava entre seu público leitor os “conselhos” do governo federal, no sentido de respeitar e não perseguirem idéias e crenças contrárias à linha do governo, desde que evidenciasse a quem cabia a razão dessas idéias e crenças, como explicitava a nota do Ministro da Justiça, Oswaldo Aranha:

“DO PROGRAMA DA REVOLUÇÃO

*Não persiguiremos, antes respeitaremos todas as idéias e crenças. O pensamento é livre e cada qual poderá manifestá-lo como quiser, mas debateremos até ver afinal quem esta com a razão”*³²

Destacaram-se como auxiliares de redação Heitor Sousa (de 16 de abril de 1925 a março de 1926), Jairo Callado (a partir de março de 1926) e Waldyr Grisard (de 1930 em diante).

Em 1926, Victor Konder exerceu por dez dias o mandato de deputado federal, representante de Santa Catarina, em substituição a Adolpho Konder, que afastou-se do cargo político para governar Santa Catarina.

Assim, surgiu no cenário nacional, o jovem político catarinense, que até então era apenas conhecido na política local, conquistando as credenciais que o recomendaram à escolha pelo Presidente da República, Washington Luis, para assumir, a partir de 15 de novembro de 1926, o cargo de Ministro da Viação e Obras Públicas.

A ascensão desse cargo obviamente foi elogiada pelo **O Estado**:

“(...) Deputado por dez dias e, a seguir, Ministro da Viação e Obras Públicas - eis as primeiras etapas de sua afortunada incursão no cenário da política federal, onde chega como um triunfador a cujos passos não se antepuseram tropeços, nem

³¹ ABREU, Cassio da Luz. O pensamento é livre. **O Estado**, Florianópolis, n. 5152, 01 dez. 1930. p. 1, c. 1-2

³² DO programa da revolução. **O Estado**, Florianópolis, n. 5131, 06 nov. 1930. p. 1, c. 2-3

*dificuldades de nenhuma espécie para esse duplo e quase simultâneo acesso de tão significativo relevo (...)*³³

Além de Victor, mais dois catarinenses integraram o Ministério do Presidente Washington Luís. O general Nestor Sezefredo dos Passos, no Ministério da Guerra e o almirante Arnaldo Pinto da Luz, na pasta da Marinha. Este último apesar de não ter nascido em Santa Catarina, se considerava catarinense por laços familiares³⁴.

Visando projetar politicamente Santa Catarina no cenário nacional, **O Estado** foi incansável em divulgar matérias desses três catarinenses que compuseram o escalão do governo Washington Luis. As matérias sobressaíam-se, principalmente, com manifestações populares realizadas em Florianópolis. Obviamente que o diário dava em suas colunas maior ênfase para Victor Konder, pois além de ministro era presidente da Empresa O Estado e proprietário da folha.

Assim, percebe-se que o Jornal enquanto espaço privado, passava a ser utilizado para fins públicos, enquanto divulgador das atividades públicas de seu presidente.

Em junho de 1929, Altino Flores adoeceu e coube a Othon Gama d'Eça a responsabilidade de substituí-lo no Jornal

*“Para Rio do Sul, município de Blumenau, onde foi fazer uma estação de repouso, seguiu, hoje, o nosso diretor, sr. professor Altino Flores (...) Na sua ausência ficará redigindo O Estado o sr. Othon Gama d'Eça”*³⁵

No aspecto político, tanto em nível nacional como em nível local, este momento da trajetória d'**O Estado** foi marcado por um período histórico conturbado.

Vimos que no findar da década de 20, pairava no país uma efervescência política culminando com a Revolução de 30. Diante de tal quadro vivido pelo país, Santa Catarina não estava alheia à situação. A imprensa também passava por um clima de tensão política. De um lado, estavam os jornais que apoiavam a Getúlio Vargas para Presidente da República. Por outro lado, havia periódicos que sustentavam a candidatura Júlio Prestes. **O Estado**, apoiou Júlio Prestes.

³³ DR. Victor Konder. **O Estado**, Florianópolis, n. 3746, 29 nov. 1926. p. 1, c. 4-5

³⁴ SC tinha três ministros. **Diário Catarinense**, Florianópolis, n. 2777, 25 nov. 1993. Suplemento Governadores de Santa Catarina : 1739/1993. p. 47, c. 4

³⁵ ALTINO Flores. **O Estado**, Florianópolis, n. 4810, 08 out. 1929. p. 1, c. 4

Como coloca Maria Helena Rolim Capelato, dentro deste contexto, a imprensa teve um papel significativo na mudança do regime, traduzia os descontentamentos. “Na maior parte dos jornais, os elogios e esperanças de outrora cederam lugar às críticas. Para uns, o organismo social estava enfermo e a debilidade era tamanha que poderia causar-lhe a morte; outros afirmavam que o Brasil descarrilhara, desviando-se do caminho traçado, com o objetivo de torná-lo uma potência de primeira grandeza”³⁶.

O Estado, na qualidade de imprensa governista, passa a divulgar em suas páginas, manifestações contrárias à candidatura Vargas. A edição número 4751, de 29 de julho de 1929, abre espaço para a coluna “O Momento Político”, abordando tão somente a luta política que se esboçava no país, motivada pela sucessão presidencial. Nesta coluna, aflora o apoio do diário à candidatura Júlio Prestes e Vital Soares. Para abafar, Getúlio enfatizava que, apenas Rio Grande do Sul e Minas Gerais, estavam ao seu lado, enquanto, os demais estados enfileiravam-se a Júlio. Divulgava, também, a formação de comitês de propaganda das candidaturas Prestes-Vital.

Além do Jornal, outros adeptos se engajavam a Prestes, como foram os acadêmicos catarinenses que freqüentavam a Universidade do Paraná os quais enviaram carta, publicada pelas linhas d’**O Estado**, ao governador Adolpho Konder, na qual se propuseram a percorrer o estado de Santa Catarina em propaganda às candidaturas Prestes-Vital, tendo o governo aceito a proposta, lançaram-se à campanha³⁷.

Na medida em que a situação política efervescia, esta coluna ganhava mais espaço no Jornal, passando a ocupar a página de destaque do periódico, porém, começou a declinar a partir de 15 de maio de 1930.

Além da coluna acima mencionada e analisada, haviam artigos “revestidos” de um discurso que repudiava aos liberais (partido de Getúlio), como podemos perceber na crônica “A Bernúncia”, onde o autor a compara com a Aliança Liberal, ao expressar:

*“(...) Tal é a Aliança Liberal!
Dela se sabe, apenas, que nasceu em Minas Gerais;
Mas ninguém lhe pode fixar a espécie no real e no
univerosimel.
Surgiu da treva e do imprevisto.
É a Aliança Liberal com a outra é a Bernúncia.*

³⁶ CAPELATO, Maria Helena Rolim, op. cit., p. 47

³⁷ UMA CARAVANA de acadêmicos catarinenses percorrerá O Estado. **O Estado**, Florianópolis, n. 4774, 27 ago. 1929. p. 4, c. 1-2

*Ambas tem a mesma hedionda missão:
- devorar, devorar, derramando em volta do pavor e da
desolação!
- Bernúncia! Aliança Liberal!
Dois monstros na lenda e na realidade”³⁸*

Quando o poder foi assumido por Getúlio Vargas, na ocasião da deposição de Washington Luís, o Jornal passou a aplaudir os “revolucionários” tecendo críticas, especialmente, aos políticos catarinenses que permaneceram prestando seu apoio a Júlio Prestes.

Diante de tal postura d’O Estado, podemos inferir a analogia sugerida por Francisco Weffort “os jornais não são partidos. Mas como se parecem às vezes!”³⁹. Essa analogia fundamenta-se no fato de que, na tradição liberal, a opinião caracteriza essas duas instituições - partido e imprensa. Embora se pareçam com partidos, os jornais têm especificidades: são empresas e um público de leitores é muito mais um público consumidor que adepto de uma causa política. A distinção não invalida a analogia; a imprensa tem força opinativa³⁹.

Iniciada a Revolução de 30, o proprietário do Jornal, Victor Konder foi exilado, juntamente com outros líderes políticos. Assim, Altino Flores assume integralmente o comando d’O Estado.

Durante o período por nós analisado, o “fechamento” ou a “quebra de jornais” que eram contrários às políticas dominantes, fizeram-se presentes na imprensa local. Como, por exemplo, a **Folha Nova**.

Esse processo, conhecido por empastelamento, de acordo com Martinho Callado Júnior, o qual analisou a imprensa catarinense no período de 1831 a 1969, evidencia que o regime republicano não se instalou pacificamente em Santa Catarina, seus primeiros anos foram conturbados e permeados por atitudes agressivas, ataque ao palácio do governo e duras lutas políticas⁴⁰.

O clima de tensão política instalado em Florianópolis, na década de 20, incitou o surgimento de jornais de oposição, sendo que os mesmos mal começavam a se firmar e já

³⁸ A BERNÚNCIA. *O Estado*, Florianópolis, n. 4883, 07 jan. 1930. p. 1, c. 2

³⁹ CAPELATO, Maria Helena Rolim, op. cit., p. 37

⁴⁰ CALLADO JÚNIOR, Martinho, op. cit., p. 136

tinham “logo abafada a sua voz clamante, com o empastelamento, durante à noite, pela polícia à paisana”⁴¹.

Assim, a **Folha Nova**, fundada em 1926 pelo jornalista Crispim Mira, e dirigida em 1928 por Petrarcha Callado, velava por uma plataforma “baseada na defesa dos interesses da pátria e do povo, tanto lhe interessando a sorte do partido dominante como a do partido oposicionista e de qualquer outras facções que existam ou, porventura, venham existir”⁴². Continuando, declarava-se como um diário imparcial, visando apenas ao bem da coletividade. Apesar deste caráter, deixava transparecer críticas ao governo vigente, levando assim, no final da década de 20, o empastelamento e a destruição de sua oficina.

Neste contexto, é importante citarmos a abordagem de Carlos Humberto Corrêa, na obra **Um estado entre duas Repúblicas**, ao referir-se à invasão e destruição do jornal **Folha Nova**. O autor demonstra que essa “atitude do povo da capital, simbolicamente, refletia os objetivos da Revolução triunfante: acabava com os quadros da República Velha e destruía o veículo de comunicação que a defendia”⁴³.

O governo civil e militar de Santa Catarina, do general Ptolomeu de Assis Brasil, em outubro de 1930, tomou medidas repressivas contra a imprensa local, por exemplo, suspendeu a circulação do jornal **República**. Substituiu a direção do referido jornal, órgão do Partido Republicano Catarinense, nomeando Oswaldo Mello, Haroldo Callado, Antonio Mâncio da Costa, Francisco Barreiros Filho, João Baptista Pereira e Jairo Callado, para redigirem e redatoriarem o diário⁴⁴. Possivelmente estes eram os “homens de confiança” do novo governo, que deixava evidente pelas linhas d’**O Estado**, que tal mudança se dava unicamente pelo fato deste ser um jornal governista e necessitava, portanto, eliminar, de sua direção, jornalistas que pertenciam ao “governo decaído”. Assim, a nova equipe deu um novo direcionamento ao jornal.

Assim, podemos concluir, como bem expôs Nelson Werneck Sodré, que o movimento de 1930 liquidara, praticamente, a imprensa que apoiava a situação anterior. Mesmo os jornais que, nesta época, não haviam sido destruídos, não puderam circular normalmente, devido à censura que seus diários poderiam vir a sofrer⁴⁵. Também, neste

⁴¹ CALLADO JÚNIOR, Martinho, *ibidem*, p. 136

⁴² **Folha Nova**, Florianópolis, n. 366, 18 jan. 1928. p. 1, c. 1-2

⁴³ CORRÊA, Carlos Humberto, *op. cit.*, p. 72

⁴⁴ **O Estado**, Florianópolis, n. 5121, 25 out. 1930. p. 1

⁴⁵ SODRÉ, Nelson Werneck, *op. cit.*, p. 376

aspecto, a historiadora Maria Helena Rolim Capelato, afirma que a imprensa se impôs como uma força contrária. “*Os governos e os poderes sempre a utilizam e temem, por isso adulam, vigiam, controlam e punem os jornais*”⁴⁶.

Como exemplo, podemos citar o caso d’**O Estado**, o qual não teve sua redação destruída durante a Revolução de 1930, porém, sua circulação foi suspensa por cinco dias consecutivos - de sábado a sábado. A edição número 5120, de 18 de outubro de 1930, foi a última a circular antes da suspensão, retornando no dia 25 de outubro com o número 5121. Esta edição publicou a matéria “A entrada das Forças Revolucionárias em Florianópolis”, onde, além de descrever e comentar as manifestações favoráveis da população do momento, sagrava o apoio aos vitoriosos do movimento:

*“(...) às 7:30 hs, a primeira coluna Revolucionária, tendo o sr. gal. Ptolomeu Assis Brasil, à frente, chegou à Praça Quinze. Diante da Palácio fez alto. A Banda da Força Pública executou o Hino Nacional e a Tropa prestou continência à bandeira. (...) da sacada central do Palácio, falaram à grande massa popular, os srs. jornalista Oswaldo Mello, deputado Nereu Ramos, dr. Rupp Júnior (...)”*⁴⁷

Apesar da edição 5121 do Jornal ter sua tiragem aumentada, esgotou-se rapidamente, em virtude disso, o diário justificou que tamanho sucesso era em razão “*da descrição que fizemos dos acontecimentos revolucionários*”⁴⁸, a qual reeditaram na edição seguinte.

A partir daí, os números seguintes d’**O Estado**, como forma de apoio ao governo interventor, do general Ptolomeu de Assis Brasil, passaram a veicular, em sua colunas, as nomeações do governador civil e militar para cargos públicos na capital e no interior do Estado, dentre eles, Prefeitos Municipais, Delegados de Polícia, Secretários de Estado.

Assim, o Jornal deu o seu voto de confiança e prestígio ao novo governo. Como foi aquela homenagem ao lançar uma subscrição popular para a confecção de um quadro com as fotografias de Getúlio Vargas e João Pessoa, que foi doado ao governo estadual e passou a fazer parte do Salão de Honra do Palácio⁴⁹.

⁴⁶ CAPELATO, Maria Helena Rolim, op. cit., p. 13

⁴⁷ A ENTRADA das Forças Revolucionárias. **O estado**, Florianópolis, n. 5121, 25 out. 1930. p. 1

⁴⁸ **O Estado**, Florianópolis, n. 5122, 27 out. 1930. p. 1, c. 1

⁴⁹ **O Estado**, Florianópolis, n. 5128, 03 nov. 1930. p. 1, c. 3

Também foi a divulgação das medidas do governo em relação às alterações das denominações de logradouros públicos em Florianópolis e São José. O Jornal, ao ressaltar estas alterações, tinha o objetivo de demonstrar a disposição das autoridades governamentais para apagar o que recendisse à “monarquia” e a tecer apologia ao novo regime.

A falta de informações sobre a Revolução de 1930 foi uma característica nos jornais do Rio de Janeiro e São Paulo. Conforme Juarez Bahia, mesmo com o movimento em marcha, no começo de outubro, as notícias dos jornais ainda apresentavam-se “ralas, insignificantes”. Somente no final de outubro, os jornais se rendem à evidência de que havia uma revolução vitoriosa e a nação, em sua maioria, lhe deu apoio⁵⁰. Também, a imprensa florianopolitana, através d’*O Estado*, apresentou este panorama. A partir de então, as edições diárias do periódico acolheram e passam a publicar os fatos que caracterizaram a mudança: a deposição do governo; sua substituição provisória por uma junta militar; a prisão de Washington Luís no Forte de Copacabana; a sucessão do poder em Santa Catarina; o povo nas ruas para festejar o acontecimento e a transmissão do governo a Getúlio Vargas.

E com isso voltam à cena, nas páginas do periódico, personagens que até então apareciam muito esporadicamente, possivelmente por não compactuarem das mesmas idéias políticas que o Jornal defendia, como Henrique Rupp Júnior. A presença de seu nome pelas colunas do Jornal teve destaque na primeira fase do diário, pois, o mesmo além de ser seu fundador, foi também um dos diretores neste período. Mas nas demais épocas, seu nome permaneceu no anonimato. Porém, com o advento da Revolução de 30 e o exílio de Victor Konder, notas acerca do Dr. Henrique Rupp Júnior, passam a ser divulgadas pelo periódico. Como as várias divulgações que aconteceram quando o mesmo foi orador da solenidade de posse do general Ptolomeu de Assis Brasil, nomeado governador civil e militar de Santa Catarina por Getúlio Vargas.

Parafraseando Antonio Callado, daria para afirmarmos que, num movimento reivindicatório ou de mobilização à imprensa interessa manter uma imagem do “sistema”, pois, o jornal depende desse “sistema” para continuar existente e influente⁵¹. Isto nos leva a

⁵⁰ BAHIA, Juarez, op. cit., p. 206

⁵¹ CALLADO, Antônio. A quem serve a imprensa? *Folhetim*, São Paulo, 30 mar. 1980.

pensar que **O Estado**, certamente para se manter influente junto ao “sistema” e ao seu público leitor, assumiu então, embora em alguns momentos de forma “camuflada”, o seu apoio e simpatia aos vitoriosos do movimento revolucionário de 30.

Além dos preceitos morais, **O Estado** refletia uma discussão político-partidária local. Constituindo-se em formador de opinião pública, além de ser instrumento educativo, divulgador de “civildade” e de “moralidade”.

Como a maior parte dos jornais ligados à situação anterior a 1930 não tinham condições materiais de retornar a circular, chegava em cena uma nova imprensa. Paralelo a essa forma de escape, buscada pelo **O Estado**, surgia uma nova imprensa oposicionista das divergências entre as correntes vitoriosas no movimento de outubro de 1930. Sendo que os jornais nas suas plataformas caracterizavam-se apenas como noticiosos, independentes, críticos, opinativos, passaram a incluir na mesma uma nova “fachada”, ou seja, a de oposição.

Jürgen Habermas, situa o início do século XIX, na Inglaterra, esta passagem da imprensa publicadora de notícias para, além disso, construtora da opinião pública⁵². **O Estado**, parece reunir, nos seus primeiros anos de vida, as características dos jornais moralistas, como também, a publicação de notícias e de lutas político-partidárias.

Respeitando uma frágil linha divisória entre o público e o privado, os dirigentes d’**O Estado**, os quais repassavam, através das páginas do diário, as suas concepções político-ideológicas, tentavam se aproximar o máximo do cotidiano da cidade, esperando passar uma realidade, a qual tentava interferir, modificando-a ou enraizando-a.

⁵² HABERMAS, Jürgen, op. cit., p. 213-215

CAPÍTULO III

**JORNAL O ESTADO:
O ESPELHO DE UMA ÉPOCA**

O século XX, em nível mundial, se abre para a imprensa com a consciência de que a notícia era a sua prioridade. A informação diária popularizou-se com a publicação de folhetins em destaque aos de eventos sócio-político-culturais.

A I Guerra Mundial, entre os acontecimentos que marcaram este século, levou a imprensa a assimilar os efeitos de mudanças profundas da sociedade e das relações dos povos com o sistema de comunicação de massa. De 1910 a 1920, foram mais visíveis os sinais de evolução no conteúdo e na produção dos jornais. Nesta conjuntura, a cidade de Florianópolis acompanhava as transformações, não-somente no que tange às evoluções da imprensa, mas também na modificação de seu espaço público e o modo de vida do florianopolitano.

Nas três primeiras décadas do século XX, a cidade de Florianópolis iniciava um processo de transformações, no que tange ao seu espaço físico e aos seus hábitos e costumes. Em nome da modernização da cidade, antigos casarões da época imperial foram destruídos, ruas alargadas, projetos para higienizar a cidade foram sendo colocados em prática. Foi também um período onde a tecnologia passa a se integrar ao cotidiano, fornecendo lazer e comodidade a algumas pessoas, surgindo os primeiros automóveis, as máquinas de datilografia e o gramofone. Junto a esta metamorfose, a imprensa catarinense ampliou-se com o lançamento e circulação de mais um jornal, **O Estado**, que desde a sua fundação até 1931, manteve, em linhas gerais, a mesma forma, diagramação, modificando apenas o teor das notícias. O aparecimento de novas colunas respondia às novas necessidades, onde buscou-se transformar o Jornal no espelho de uma época, refletindo as imagens da cidade. Através de suas páginas vimos, em 1909, serem implantadas as primeiras redes de água encanada; em 1910, ser instalada a iluminação pública elétrica; a rede de esgotos ter sua construção iniciada em 1913 e concluída em 1917; em 1919 serem aterradas e drenadas várias áreas da cidade, e iniciada a construção da Avenida do Saneamento, mais tarde chamada de Hercílio Luz¹.

¹ ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral** : reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. São Paulo, 1989. f. 17-18. Dissertação (Mestrado em História) PUC, São Paulo, 1989.

Em 1926, os brios dos “tempos modernos” chegaram a Santa Catarina com a inauguração da Ponte Hercílio Luz. Florianópolis, a partir de então, passou a se articular mais ativamente. A inauguração, em 1926, da Ponte Hercílio Luz, foi caracterizada pelo Jornal como a chegada da modernidade em Santa Catarina. Através da referida ponte, a cidade aos poucos foi se articulando com as outras do estado e com as capitais vizinhas. Pois, até então, era através dos barcos a vapor que as pessoas e mercadorias circulavam da capital de Santa Catarina para outras partes do país, destacando-se Paranaguá, Santos e Rio de Janeiro².

As empresas de navegações utilizavam-se da imprensa para comunicar suas viagens. Exemplo disso era a Hoepcke que constantemente comunicava o itinerário percorrido por seus navios *Ana*, *Max* e *Carl Hoepcke*:

*“(...) Ana - sairá no dia 10 do corrente, às 5 horas da manhã para Itajaí, S. Francisco, Santos e Rio de Janeiro: Recebe passageiros, valores, encomendas e cargas pelo trapiche Rita Maria.
Max - sairá no dia 07 do corrente, à noite para Itajaí, S. Francisco, Paranaguá e Antonina. Recebe passageiros, encomendas e cargas pelo trapiche Rita Maria (...)”*³

Porém, o transporte marítimo foi diminuindo em função do aumento do calado⁴ dos navios, pois o canal de acesso ao porto de Florianópolis tinha pouca profundidade. A partir de então, os barcos de maior porte passaram a fazer suas escalas de acordo com o movimento de passageiros e cargas⁵.

A construção da Ponte Hercílio Luz, resultou praticamente no desaparecimento do tráfego de lanchas e balsas pelo canal, possibilitando que os ônibus começassem a circular, transportando os passageiros de um lado para outro, surgindo as linhas de autos em substituição ao transporte marítimo⁶.

² SANTOS, Sílvio Coelho dos. *Nova história de Santa Catarina*. Florianópolis : Terceiro Milênio, 1995. p. 112

³ *O Estado*, Florianópolis, n. 403, 09 set. 1916. p. 3, c. 7

⁴ Segundo FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Pequeno dicionário da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro : Gamma, [19--], trata-se da “distância vertical da quilha do navio a linha de flutuação”

⁵ SANTOS, Sílvio Coelho dos, *ibidem*, p. 113

⁶ PELUSO JÚNIOR, Victor Antônio. O crescimento populacional de Florianópolis e suas repercussões no plano e na estrutura da cidade. *Revista IHG-SC*, Florianópolis, v. 3, n. 3, p. 26, dez. 1981.

O transporte rodoviário começava a ganhar “corpo” e o Jornal, como anunciador das “novidades” que surgiam na cidade, publicava também os horários das linhas de ônibus, assim como as viagens entre Florianópolis e Palhoça:

“(...) Partida de Palhoça: às 7, 9 e 11 da manhã e 1, 3 e 5 da tarde.

A Empresa Palhocence Baasch & Zacchi, tendo adquirido dois confortáveis e modernos auto-ônibus, comunica ao público que, a correr de 20 do fluente, iniciará o seguinte horário de suas viagens:

Partida de Florianópolis: às 9 e 11 da manhã e 1, 3, 5 e 7 da noite.

Este horário será modificado caso assim exija o interesse público, aos domingos, feriados e dias santificados (...)”⁷

Para chamar os fregueses, as empresas davam poder ao usuário de sugerir mudanças de horários. Isso nos leva a pensar que inicialmente o referido meio de transporte não era muito difundido entre a população, que preferia, ainda, as embarcações navais. Talvez isto ocorresse não apenas por ser um meio de transporte mais caro mas, principalmente, pela resistência ao novo, quer por medo, quer por comodismo.

No final da década de 20, divulgador de notícias boas e ruins, o Jornal comunicava, nas entrelinhas de seus artigos, um declínio gradual nas atividades do porto de Florianópolis, fato este que se deve, em parte, à ascensão de outros portos em Santa Catarina, como o de Itajaí e São Francisco do Sul.

O Jornal, na medida em que se transformava acompanhando o processo de modernização do país e da capital catarinense, buscava produzir ao máximo uma imagem próxima da imprensa nacional, dividindo suas páginas. A parte noticiosa, onde se concentrava todo o setor de informações, no qual afluíam opiniões e tendências do Jornal, englobava as seções de: Editorial; Artigos de Fundo; Noticiário (da Capital, do Estado, do Brasil e do Exterior); Telegramas; Vida Social; Teatro e Diversões em Florianópolis; Datas Cívicas e Literárias; Notas Oficiais do Governo do Estadual, do Partido Republicano Catarinense e do Congresso do Estado; Publicações Literárias e Folhetins; Seção Esportiva (com ênfase para o futebol). Sendo que as mesmas, em determinadas épocas, desapareciam, surgindo em outras.

⁷ O Estado, Florianópolis, n. 3627, 10 jul. 1926. p. 2

A coluna “A Pedidos”, onde as notícias publicadas eram pagas, ora apareciam no setor noticiosa, ora no setor de anúncios, pois tratava-se da opinião do leitor. Havia também, a seção de “Achados e perdidos”. Esta seção divulgava notas acerca de objetos perdidos em locais públicos e/ou privados, onde as pessoas circulavam, como registrou a edição número 3748:

“O menino João Ramos, achou há dias, nas imediações do Mercado Público, uma dentadura que se acha nesta redação à disposição do dono.

O menino Patrocínio Duarte, depositou nesta redação uma luva, por ele achada ontem perto do Cinema do Ponto Chic.

A Empresa Moura & Cia. mandou depositar nesta redação uma bengala esquecida por um espectador no Teatro Álvaro de Carvalho, ontem à noite”⁸

O Jornal divulgava essas “banalidades”, a fim de atrair a atenção do público e até mesmo, aproximar-se do mesmo. Essa seção possibilitava às pessoas a reaverem seus objetos perdidos.

Entre os anos de 1915 a 1919, o Jornal produz algumas colunas para um público bem específico, os ditos letrados ou intelectuais, ao dar espaço para os folhetins literários. Criou uma coluna, onde publicava em capítulos semanais, romances exaltando autores estrangeiros e brasileiros, tais como, Lamartine, como o “delicado romance” *Genoveva*, Alexandre Herculano, *Eurico o presbítero*, e o romance *Innocencia*, de autoria do Visconde de Taunay. Esta seção retorna ao diário, em dezembro de 1929, com a publicação do romance *O titular do furto e da chantage*.

Na década de 20, poucos literatos catarinenses possuíam livros publicados. Era através d’**O Estado** que os literatos catarinenses se faziam conhecidos publicamente. Neste sentido, **O Estado** disseminava em suas colunas, a produção intelectual de escritores catarinenses, sobressaindo-se as poesias, que geralmente publicadas nas edições de domingo, ocupavam a primeira página do Jornal. Os textos poéticos vinham acompanhados de ilustrações que expressavam a temática das poesias, como por exemplo, *O Natal*, de Delminda da Silveira, *Suprema agonia*, de João Crespo, *A idéia*, de Mello Barreto Filho.

Segundo Paschoal Apóstolo Pítsica, a contribuição d’**O Estado** às letras catarinenses foi expressiva, sendo que sempre esteve vinculado com todos os ramos da

⁸ **O Estado**, Florianópolis, n. 3748, 01 out. 1926. p. 3

cultura catarinense. Já que o mesmo, desde a sua fundação, atraiu para sua equipe de trabalho “a mocidade erudita que florescia naquele momento e que seria a geração da Academia Catarinense de Letras”⁹. Assim, estes literatos marcaram sua presença nas colunas do diário, ao produzirem um jornalismo combativo, como podemos perceber nos escritos de Altino Flores:

O Estado não era somente cultura, era também sinônimo de comércio, de trocas, de ofertas ... Desta feita, o setor de anúncios era outro segmento que ocupava, na maioria dos números, metade do diário. Em alguns momentos os mesmos eram mesclados às notícias de forma aleatória ou de acordo com o espaço disponível na página. Observamos, à medida que acompanhamos a evolução do Jornal, que também os anúncios sofreram modificações quanto ao conteúdo.

Os anúncios giravam em torno de produtos alimentícios recém-chegados da Europa, tais como, castanhas, azeite português, charques, louças, farinha de trigo, canela, bem como, vestimentas, tecidos importados e nacionais, máquinas e equipamentos agrícolas, comprovados pela propaganda:

*“Eduardo Horn - Comércio de Importação e Exportação
Vinho, sal, farinha de trigo, farinha de mandioca,
polvilho, azeites, charques, louças, tapioca, feijão,
frutas verdes, açúcar, canela, etc., crina animal, etc.”*¹⁰

O anúncio de produtos importados sugeria uma certa “civilidade”, uma vez que os mesmos vindos de lugares considerados “modernos” e civilizados, possivelmente levavam as pessoas que adquirissem tais produtos, a aproximarem-se deste processo “civilizador”. Tal comercialização teve impulso a partir de 1925:

*“Underwood
A máquina de escrever mais resistente e perfeita
Dura três vezes mais do que qualquer marca
Agente EDUARDO HORN”*¹¹

Esta seção, rica em informações, com notícias diversificadas que apontavam as preferências e os costumes da população local e mesmo os produtos da moda, permite

⁹ PÍTSICA, Paschoal Apóstolo. A contribuição do jornal O Estado às letras de SC. *O Estado*, Florianópolis, n. 25250, 13-14 maio 1995. Suplemento especial comemorativo dos 80 anos de fundação de O Estado. p. 83

¹⁰ *O Estado*, Florianópolis, n. 3409, 20 out. 1925. p. 3

¹¹ *O Estado*, Florianópolis, n. 3409, 20 out. 1925. p. 4

conhecermos alguns dos usos e dos hábitos dos moradores de Florianópolis, ou que tentou se impor a uma população, nas três primeiras décadas do século XX.

Nestes anúncios estavam também presentes, a divulgação de profissões liberais, contendo nomes e endereços dos escritórios e consultórios dos profissionais. Na grande maioria médicos, dentistas e advogados, como podemos ver:

*“Dr. Henrique Rupp Júnior
ADVOGADO
Aceita causas em quaisquer
Comarcas do Estado
Escritório: Florianópolis, Rua Esteves Júnior, 19”¹²*

O uso do Jornal, como veículo de propaganda, não era feito somente pelo público, mas pessoas ligadas ao próprio Jornal também usavam o mesmo para anunciarem os seus interesses, como era o caso do seu fundador, Dr. Henrique Rupp Júnior e do Redator Oscar Hollanda Cavalcanti.

Ao abrirmos as páginas d’*O Estado*, da época, e ao nos depararmos com a publicação de anúncios de profissionais liberais masculinos, oferecendo seus serviços, pensamos nas mulheres que não apareciam em nenhum deles, possivelmente porque não existiam profissionais femininas em nenhum ramo.

Numa cidade que pretendia ser civilizada e saudável em todos os aspectos era comum o aparecimento de quantidade de anúncios de produtos farmacêuticos. Remédios miraculosos eram anunciados, como a “última palavra”, na cura de doenças, que, apesar do alarde que se espalhava pela urbe, nem sempre existia na proporção anunciada pelos poderes públicos e científicos, mas que a sua presença às vezes vinha de encontro a outras pretensões de caráter moral, como era o caso de remédios para a cura da sífilis:

*“(…) a sífilis produz abortos, enche o corpo de chagas, destrói as gerações, faz os filhos degenerados e paralíticos. Produz placas, queda do cabelo e das unhas, faz as pessoas repugnantes! Ataca o coração, o baço, o fígado, os rins, a boca, a garganta. Produz purgações dos ouvidos, eczemas, erupções da pele, feridas no corpo todo, cegueira, a loucura, enfim, ataca todo o organismo. Elimine a sífilis de casa porque não havendo saúde não há alegria.
Elixir 914 é o melhor depurativo do sangue.*

¹² *O Estado*, Florianópolis, n. 2873, 25 jan. 1924. p. 2, c. 3

*Deve ser usado em qualquer manifestação da sífilis ou da bôba (...)*¹³

Ao publicarem constantemente este tipo de remédio, remetiam a idéia de que se havia oferta era porque existia uma procura. Logo, os jornais apontavam os possíveis focos de disseminação, exigindo providências das autoridades policiais e médicas, começando a busca pelas prostitutas, um dos principais alvos das campanhas de higiene e moralizadoras.

Apesar de estar preocupado em divulgar idéias e hábitos higiênicos, morais e civilizados, o Jornal preocupava-se também com a concorrência, e em função disto tentava permanentemente atrair e garantir, cada vez mais leitores e anunciantes para suas páginas. Sendo que isto ficava transparente nos seus próprios anúncios:

*“Para fazer boas compras é preciso primeiro ler os anúncios das principais casas comerciais publicadas n’O Estado”*¹⁴

Do Jornal valiam-se vários segmentos da elite florianopolitana, sendo que dentre os profissionais liberais e os comerciantes, também os responsáveis pela “educação” das pessoas faziam uso das páginas do mesmo para divulgarem seus interesses. Assim, os colégios anunciavam, através do diário as ocorrências de matrículas, modificações em seus cronogramas e programas, entre outros.

A relação do Jornal com a questão da saúde na cidade, não ficou restrita a anúncios de remédios. O mesmo publicava notícias a respeito de doenças, e dava sugestões de medidas a serem tomadas, passando receitas de cura, principalmente com relação às epidemias, quer em nível de imaginário ou em nível concreto, a gripe violenta que havia matado milhares de pessoas na Espanha.

A Gripe Espanhola (também conhecida por Influenza Espanhola) logo se transformou em uma pandemia. Em países em desenvolvimento, a doença chegou a matar metade da população. Na Alemanha, em 1918, uma, em quatro mortes, era causada pela gripe, que provavelmente se originou na China¹⁵. Aqui em Florianópolis, **O Estado**, em outubro de 1918, começou a publicar notícias a respeito da Gripe Espanhola, que no momento estava atacando a população do Rio de Janeiro. A

¹³ SÍFILIS : não faça isso! já existe o elixir 914. **O Estado**, Florianópolis, n. 3205, 20 fev. 1925. p. 5

¹⁴ **O Estado**, Florianópolis, n. 1616, 01 out. 1920. p. 3, c. 1

¹⁵ OLIVEIRA, Lúcia Helena de, PRADO, Regina. O mundo no tempo das pestes. **Super Interessante**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 33, jan. 1992.

epidemia veio como remate dos males da I Guerra Mundial (1914-1918), contaminando a população. Santa Catarina não escapou das garras da Influenza Espanhola. Maria do Carmo Rodrigues Hickel, em sua obra **Das memórias de Solange**, ao retratar o quadro da Gripe Espanhola, na cidade de Florianópolis, registra um clima de tristeza. *“Em todas as casas morria sempre alguém, vítima da epidemia. Os médicos e farmacêuticos não tinham descanso. A prefeitura colocou umas barricadas queimando alcatrão em cada esquina para desinfetar o ambiente e acabar com os miasmas. O carro fúnebre não parava de levar gente morta para o cemitério, sem acompanhamento, porque a família toda estava acamada”*¹⁶.

O Estado, em suas páginas, deflagrou o processo de alerta à peste, indo desde aconselhamentos e assistência ao combate da gripe, até a criação de normas e proibições, uma delas a das “Romarias” aos cemitérios.

A imprensa da capital federal dirigia apelo ao povo, especialmente para seguirem as recomendações do Cardeal Arcoverde, da Igreja Católica do Rio de Janeiro. Este mesmo discurso era contemplado pelo **O Estado**, no sentido de orientarem aqueles atingidos pela Influenza Espanhola, dizia que os mesmos deveriam “acamar-se imediatamente e não manterem contato com as pessoas”¹⁷, evitando assim a disseminação da doença.

A epidemia atacou e devastou também familiares e auxiliares do Jornal, gerando desorganização em sua oficina, bem como, na distribuição dos números. A edição 1048, de 05/11/1918, foi impressa nas oficinas do jornal **República**. A distribuição do número 1049 foi feita por um entregador, dado que o outro estava acometido pela gripe¹⁸. O número de casos de funcionários foi tanto que, no período da epidemia, o diário reduziu a quantidade de matérias por falta de tipógrafos que se encontravam enfermos.

A intensidade e a extensão da epidemia agravavam enormemente a situação dos pobres de Florianópolis. As classes sociais mais elevadas não escaparam do surto, porém, as classes menos protegidas foram desgraçadamente as que mais sofreram.

Diante deste quadro, o Jornal apelava para os “ricos” e os “remediados”, no sentido de acudirem os “infelizes perseguidos pela miséria e agora pela peste”. Este

¹⁶ HICKEL, Maria do Carmo Rodrigues. **Das memórias de Solange**. Florianópolis : M. C. R. Hickel, 1991. p. 133-134

¹⁷ **O Estado**, Florianópolis, n. 1045, 02 nov. 1918. p. 1, c. 4

¹⁸ **O Estado**, Florianópolis, n. 1049, 06 nov. 1918. p. 2, c. 3

apelo contou com a colaboração da Associação das Damas de Caridade, comerciantes locais, representantes do governo estadual e municipal, religiosos, médicos, farmacêuticos e famílias abastadas de Florianópolis.

Os donativos e as somas arrecadadas multiplicaram-se rapidamente, a ponto do Jornal modificar o seu plano de ação. Organizaram uma Comissão Central para melhor atender aos atingidos. A sede da comissão funcionava na Redação d'O Estado. A cidade foi mapeada em zonas, nas quais estabeleceram-se postos aparelhados, servindo de pronto-socorro aos doentes¹⁹. Os postos foram instalados em ruas do centro de Florianópolis, estendendo-se até a Estação da Agrônômica.

Na sede do Jornal funcionava um posto médico, onde os doentes eram atendidos pelos Drs. Alfredo de Araújo e Carlos Corrêa. O Dr. Alfredo de Araújo ofereceu gratuitamente os seus serviços profissionais à Comissão Central de Socorro aos Necessitados, e o Dr. Carlos Corrêa colaborava na qualidade de representante do Governo Estadual.

As Farmácias Sto. Agostinho e Central, de propriedade dos farmacêuticos, Henrique Brüggemann e Francisco Pereira de Oliveira Filho, respectivamente, aviaram gratuitamente, cada uma, cinco fórmulas por dia. O comerciante José Glavan doou quatro dúzias de vidros de "creol" e duas dúzias de sabonetes do mesmo desinfetante para os doentes²⁰.

Quando a epidemia já estava em franco declínio no perímetro urbano de Florianópolis, o Jornal continuava a fazer apelos ao povo, no sentido de prevení-los a continuarem a cumprirem as "sábias recomendações da douta Inspetoria de Higiene para não redundar prejuízos à saúde pública²¹.

As notícias sobre a epidemia desaparecem das colunas do Jornal em janeiro de 1919. Em 30 de janeiro de 1919, o governador Dr. Hercílio Luz, ofereceu um almoço no Palácio do Governo, para os que batalharam pela extinção da pandemia da gripe. Ao analisarmos a matéria, acerca do almoço oferecido pelo Governador, concluímos que Hercílio Luz atribuiu méritos ao **O Estado**, pela iniciativa lançada e cumprida, bem como, discorreu sobre o papel atuante representado pela Comissão Central de Socorro aos Necessitados, erguendo assim "sua taça", em nome do governo e do povo

¹⁹ PENSEMOS nos pobres. **O Estado**, Florianópolis, n. 1050, 07 nov. 1918. p. 1, c. 5-6

²⁰ PENSEMOS nos pobres, *ibidem*, p. 1, c. 2

²¹ ASSISTÊNCIA aos necessitados. **O Estado**, Florianópolis, n. 1062, 23 nov. 1918. p. 1, c. 6

catarinense. Povo, este, que o havia elevado mais uma vez ao poder²². A ereção da taça de Hercílio Luz, pelo término da epidemia da gripe, contemplava sua plataforma político-administrativa, no que dizia respeito a saúde da população, considerado um ponto principal de ação de seu governo.

No Jornal, as discussões e alardes a respeito das questões sanitárias e das políticas de saneamento aplicadas na cidade, alcançaram uma dimensão ampla, intensificando uma problematização que no governo de Felipe Schmidt (1914-1918) já havia sido alçada pelo periódico, quando “se passou a dramatizar o quadro sanitário do Estado²³”.

Ao lermos a carta publicada na seção “Queixas e Reclames”, assinada por João P. das Neves, percebemos a preocupação que assolava a elite e alguns setores da cidade de Florianópolis com as doenças infecto-contagiosas. Com relação a esta inquietação, **O Estado** atuava como porta-voz do povo. A carta do Sr. João P. das Neves solicitava providências das autoridades para evitarem a propagação da lepra, em Florianópolis, a qual cita o caso de um cidadão que foi por ele recolhido ao Hospital de Caridade, e o referido hospital deu alta ao paciente por não tratar deste tipo de doença. O indivíduo perambulando pela cidade, foi obrigado pela polícia a transportar-se para o continente, onde também perambulava, ora nas casas comerciais, ora nas estações de serviço de passagens²⁴. A exclusão de pessoas indesejadas dentro do “círculo central” da cidade de Florianópolis fazia parte da limpeza político sanitária da cidade que o poder público com o advento da modernidade passou a eleger como meta principal de suas ações.

Ao falar da evolução da imprensa politizante para uma imprensa comercializada, ocorrida nos anos 30 do século XIX, na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos, Jürgen Habermas, denota que a imprensa comercializada ao abrir espaço para a colocação de anúncios nos jornais, possibilitou uma nova base de cálculos: “*com preços bastante mais baixos e um número muito maior de compradores, o editor podia contar com a possibilidade de vender uma parte proporcionalmente crescente do espaço de seu jornal para anúncios*”²⁵. Esta evolução permitiu aos jornais a assumirem um caráter de empreendimento, ao produzir espaço

²² O ALMOÇO do Exmo. Sr. Gov. do Estado aos batalhadores pela extinção da pandemia da gripe. **O Estado**, Florianópolis, n. 1120, 01 fev. 1919. p. 1, c. 5

²³ ARAÚJO, Hermes Reis de, op. cit., f. 174

²⁴ QUEIXAS e reclames. **O Estado**, Florianópolis, n. 432, 14 de out. 1916. p. 2, c. 2

²⁵ HABERMAS, Jürgen, op. cit. 216

para anúncios “*como mercadoria que se torna vendável*”²⁶. Este impulso desenvolveu no Jornal o caráter de homogeneidade de uma empresa de economia privada destinada a gerar lucros. Habermas, ao analisar a imprensa do século XIX, demonstra “*que a imprensa ao tornar-se manipulável, à medida em que se comercializa, transformava-se num pórtico de entrada de privilegiados interesses privados na esfera pública*”²⁷, ou seja, tem acesso quem melhor paga, tornando-se assim seu interesse privado em objetivo público, pois o mesmo é estendido para os leitores.

Outros assuntos também ocuparam as páginas d’O Estado, através de denúncias e reclamações, chamando a atenção para temas que eram problematizados pela população em geral. A exploração, principalmente dos atravessadores, chamados na época de “pombeiros”, fazia-se presente no Jornal, o qual os denunciava em defesa da população. Os denominados “pombeiros” compravam mercadorias e miudezas que eram procuradas em dias de feira, e as vendiam ao povo por preços exorbitantes, como podemos observar, ressaltamos as do setor alimentício, apesar se não serem publicadas com regularidade, esporadicamente vinham à tona quando o povo era lesado, especialmente nos gêneros de primeira necessidade. Assim O Estado do dia 09 de junho de 1915 trazia que:

*“(…) Um “pombeiro” adquiriu por 1\$300 todas as galinhas, que um colono trouxe para a feira, a fim de oferecê-las à venda por 2\$000 cada uma, no dia seguinte (...)”*²⁸

Com esta nota e outras da mesma natureza, o Jornal chamava a atenção do Delegado de Polícia, no sentido do acabar com estes inqualificáveis abusos dos “pombeiros”. Por trás dessa suscitação do Jornal, em acabar com a exploração da população pobre, vimos a intenção do mesmo em combater um comércio e trabalho informal não legalizado.

Reclamações e denúncias também eram dirigidas ao Jornal contra o peso do pão posto à venda. Para estes atos condenáveis, o diário alertava a Superintendência Municipal para tomar medidas, a fim de evitar estes tipos de abusos.

A coluna “A Pedidos” publicava solicitações de leitores, que reclamavam do custo elevado de alimentos taxados pelos produtores e comerciantes, sobretudo da

²⁶ HABERMAS, Jürgen, op. cit., p. 217

²⁷ HABERMAS, Jürgen, op. cit., p. 218

²⁸ NA feira. O Estado, Florianópolis, n. 23, 09 jun. 1915. p. 2, c. 4

carne verde e sua comercialização, pois além dos preços elevados eram de má qualidade²⁹.

A luta pela “moralização” da cidade de Florianópolis também tornou-se trajetória nas colunas do periódico. A população e **O Estado** assumiam um “olhar vigilante”, levantando a voz contra a jogatina imoral, bem como, todo e qualquer tipo de “cancro social” que estava se alastrando e “contaminando” a cidade. Isto posto, em defesa das vítimas, na sua maioria esposa e filhos dos viciados.

Os editoriais e articulistas alertavam para as autoridades policiarem o grave problema que vinha assolando famílias. Em seus discursos frisavam que ao lutarem por campanhas moralizadoras, não se intimidavam por “(...) ameaças, partam elas donde partirem, ou do alto ou do baixo, aqui nos encontrarão sempre pela frente, de viseira erguida (...)”. Desafiando ainda, “(...) a imprensa que tiver no seu seio homens limpos, sem vícios, pode combater o jogo e o álcool, como fazemos (...)”³⁰.

Com a “viseira erguida” apontavam para diferentes práticas do vício, como demonstram os editoriais. Assim, combatiam “o álcool vendido ao atacado e ao varejo sem licença municipal”³¹; o jogo, que não sendo fiscalizado pelo governo, ia, “sob várias formas, empolgando todas as camadas sociais”³²; “o dinheiro gasto no fumo que deveria ser guardado em um cofre, num banco ou doado a asilos e orfanatos”³³.

O Estado, ao repudiar a jogatina, as casas de tavolagem, a prostituição, o álcool, os tóxicos (cocaína, morfina, ópio), o fumo, enfim, todos os atos considerados imorais, os fazia como “dever de honra”, em benefício da população e do bom nome da terra “barriga-verde”³⁴. Entendia, o Jornal, que essas práticas, tratando-se de uma questão de “higiene social”, competia à polícia - só à polícia - entrar nessa guerra declarada “contra qualquer prática ou manifestação que ameaçasse a estabilidade moral das “pessoas de bem” da capital catarinense”³⁵.

Também, o diário, conclamava os Deputados do Congresso Estadual, para levantarem vozes e cortarem os “tentáculos dos vícios” que delatavam aqueles que caíam nas malhas do jogo. O editorial da edição de número 3996, de 22/09/1927, fez

²⁹ A CARNE. **O Estado**, Florianópolis, n. 40, 29 jun. 1915. p. 1, c. 3

³⁰ CONTRA a jogatina. **O Estado**, Florianópolis, n. 3993, 19 set. 1927. p. 1, c. 5-6

³¹ **O Estado**, Florianópolis, n. 4057, 07 jan. 1928. p. 1

³² NÓRA, Annibal. O jogo. **O Estado**, Florianópolis, 4375, 15 dez. 1928. p. 1, c. 3

³³ NÓRA, Annibal. Incêndio permanente. **O Estado**, Florianópolis, n. 4726, 29 jun. 1929. p. 1, c. 4

³⁴ EM defesa da terra barriga-verde. **O Estado**, Florianópolis, n. 3996, 22 set. 1927. p. 1, c. 5-6

³⁵ PEREIRA, Ivonete. “As decaídas” : mulheres no cotidiano de Florianópolis (1900-1940). Florianópolis, 1996. Dissertação (Mestrado em História) UFSC, Florianópolis, 1996.

severas críticas ao Congresso Estadual, indagando, como os Deputados daquela casa podiam legislar tão opostamente, pois, “donde saem leis criando escolas, tenha saído também, uma lei que permite o pagamento de um imposto, junto ao Tesouro do Estado, para a abertura de casas de perdição social”. Ao repudiar os atos dos congressistas, **O Estado** dizia que o jogo não poderia deixar de ser um vício e ser legalizado, para se transformar em fonte de renda administrativa para o Estado.

O caráter moralista d’**O Estado** traduz a análise de Maria Lúcia Garcia Pallares Schaeffer acerca do jornal inglês **Spectator**. A autora, ao analisar o jornal inglês, afirma que a proposta educativa do **Spectator**, fundamentava-se na premissa de que “*a virtude pode ser ensinada, o vício é consequência da ignorância e a razão é atributo comum a todos os homens*”³⁶.

Esta afirmação nos faz refletir que **O Estado**, ao empenhar-se em corrigir as imperfeições causadas pelo vício, passava para o leitor a idéia de que, a partir de um auto-conhecimento, os males e os hábitos desmoralizadores do mundo tenderiam a desaparecer juntamente com a ignorância das pessoas e que o Jornal como um órgão a “serviço” do bem estar comum, desempenharia seu papel através das críticas e orientações passadas ao leitor por intermédio de suas páginas.

Mas como ensinar a corrigir tais anomalias? Evidentemente, não com sermões mas, sim, através da conversação e do diálogo entre os leitores, especialmente, as vítimas e réus afetados pelos problemas morais que circulavam na cidade de Florianópolis.

Noticias envolvendo violência também ganhavam atenção no periódico, sendo incluídas na coluna policial. Nesta coluna, “as camadas mais baixas” figuravam como personagens centrais e atuantes, ganhando destaque, pois em relação ao espaço total do Jornal, segundo a concepção de Antônio A. Serra, estas eram classificadas como “desviantes”, o que praticamente tornava impossível ou secundário a sua presença no diário como um todo³⁷.

Os assuntos problematizados por **O Estado**, que ocupavam praticamente seu espaço total, correspondiam aos interesses da população com poder aquisitivo suficiente para comprar diariamente o Jornal, demonstrando traços característicos de mentalidade provinciana da época.

³⁶ SCHAEFFER, Maria Lúcia Garcia Pallares, op. cit., f. 73-74

³⁷ SERRA, Antônio A. **O desvio nosso de cada dia** : a representação do cotidiano num jornal popular. Rio de Janeiro : Achiamé, 1980. p. 18

Assim, em maio de 1926, a cidade de Florianópolis formava um teatro de emocionantes cenas. De um lado, o povo na “ânsia” de visitar a tão esperada obra de engenharia - a Ponte Hercílio Luz -, “enchia” a Praça XV de Novembro, tomando passagem nos “autos” e carros que os conduziram ao mais novo elo entre a cidade e o civilizado. Não distante deste cenário, “um grito de alarme, sucedido de outros, se fizeram ouvir: Fogo! Fogo!”³⁸ Estes gritos referiam-se ao maior incêndio da cidade, que assolou à Rua Conselheiro Mafra, destruindo nove estabelecimentos comerciais (Casa de Fazendas e Armazinhos, do sr, Felipe Daura; Fotografia Brasil, de propriedade do sr. José Salem; Salão Sepetiba; Casa de Fazendas e Armazinhos, do sr. Abrahão Boabaid; Casa de Fazendas a Armazinhos, do sr. Nicolau Kaili; Hotel América; Casa Áurea, do sr. Pantaleão Athanázio; Farmácia da Fé, da firma Passerini & Cia.; Alfaiataria Machado). As causas que suscitaram o incêndio apontavam problemas elétricos de curto-circuito. O que restou dos estabelecimentos comerciais foi liquidado a preços módicos, como consta no anúncio:

*“Aproveitem a liquidação dos “salvados” da Casa Áurea”*³⁹

Já em 1915, quando um incêndio destruiu inteiramente o Café Commercial, situado no Jardim Oliveira Belo, próximo ao Banco do Commercio, **O Estado** iniciou um processo reivindicatório para a organização de um Corpo de Bombeiros para Florianópolis. Nesta época, Joinville possuía este tipo de serviço⁴⁰. Para o Jornal não bastava somente a existência de um Corpo de Bombeiros, deveria também o serviço de abastecimento de água atender regularmente a população, pois de nada adiantaria um serviço de bombeiro se a água era escassa. Neste sentido, alertavam as autoridades e ao povo que a empresa de água “aferrolha as suas caixas, os seus registros e os seus encanamentos. Água somente para beber”⁴¹.

Com os incêndios de 1926, **O Estado**, preocupado com a segurança “dos florianopolitanos”, criou a coluna “A cinza dos incêndios ...”, seguida de três subtítulos: “considerações indispensáveis”; “considerações cada vez mais indispensáveis” e; “considerações complementares”. A exibição de cada subtítulo vinha ao encontro do tema que estava sendo abordado pela coluna. Nesta coluna, afluam

³⁸ O MAIOR incêndio de Florianópolis. **O Estado**, Florianópolis, n. 3583, 17 maio 1926. p. 1, c. 3-4

³⁹ **O Estado**, Florianópolis, n. 3606, 12 jun. 1926. p. 1

⁴⁰ UM INCÊNDIO. **O Estado**, Florianópolis, n. 124, 06 out. 1915. p. 1, c. 5

⁴¹ CONTRA o fogo, água. **O Estado**, Florianópolis, n. 125, 07 out. 1915. p. 1, c. 6

denúncias relacionadas às instalações elétricas, como aquela instalação precária feita na Festa do Espírito Santo, como também, os fios colocados no Jardim Gustavo Richard causavam perigos aos transeuntes.

Cartas endereçadas ao Jornal, acerca de incêndios, eram publicadas com o objetivo de orientar o público sobre os cuidados e prevenções que deveriam ser seguidos para evitarem o curto-circuito.

Pelos discursos propagados pelo **O Estado**, a responsabilidade dos incêndios provou que as instalações feitas pela Companhia de Luz da Capital eram imperfeitas, constituindo-se numa “(...) série de ameaças à vida e às propriedades da população (...)”⁴², pois as instalações de luz eram “feitas por empregados da Companhia sem nenhum conhecimento científico e, apenas, com ligeiras tinturas técnicas adquiridas em prática corriqueira”⁴³.

Por outro lado, os incêndios levaram as companhias de seguro a acreditarem que Florianópolis transformou-se “(...) num mercado de negociantes incendiários, onde não é mais possível angariar seguros de imóveis comerciais (...)”⁴⁴.

Ao analisarmos as notícias do Jornal, sobre a sucessão de incêndios em Florianópolis, podemos averiguar que **O Estado** transformou-se num veículo de mobilização aos atingidos pelos incêndios. Isto se deu certamente por se tratar de um problema capaz de afetar os participantes da “sociedade florianopolitana”. O Jornal, imbuído nesta campanha para debelar as “chamas das caldeiras do inferno”, que ora aqueciam, ora esfriavam, teve, do Governo do Estado o comprometimento em criar uma corporação de bombeiros para Florianópolis. Então, assim, o periódico conseguiu ver concretizada mais uma de suas aspirações, quando em 26 de setembro de 1926, o Dr. Bulcão Vianna, Governador do Estado, em exercício, inaugurou a 1ª. Seção de Bombeiros de Florianópolis, sendo instalada no terreno da Inspetoria de Saneamento, à Rua Tenente Silveira. A Seção, inicialmente, foi composta por 27 praças e 1 oficial, pertencentes aos quadros de pessoal da Força Pública. A corporação foi treinada por um oficial contratado pelo Governo do Estado, que pertencia ao Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro⁴⁵.

⁴² A CINZA dos incêndios ... : considerações complementares. **O Estado**, Florianópolis, n. 3646, 02 ago. 1926. p. 2, c. 3-4

⁴³ A CINZA dos incêndios ... : considerações indispensáveis. **O Estado**, Florianópolis, n. 3585, 19 maio 1926. p. 1, c. 1-4

⁴⁴ A CINZA dos incêndios ... **O Estado**, Florianópolis, n. 3590, 25 maio 1926. p. 1, c. 5-6

⁴⁵ FOI inaugurada ontem, a 1ª Seção de Bombeiros. **O Estado**, Florianópolis, n. 3694, 27 set. 1926. p. 2, c. 2

Nota-se que as reivindicações públicas cada vez mais demonstravam um discurso em prol de obras que trouxessem “ao povo” melhorias e mudanças. Este fator acompanhava as tendências progressistas que ganharam impulso, em nível nacional, a partir da década de 20.

Os jornais passam a divulgar as modificações arquitetônicas que vinham acontecendo nas cidades brasileiras, tendo como resultado alterações nas paisagens das urbes. Assim, a imprensa tecia opiniões acerca do progresso e de novas construções que estavam surgindo nestes cenários. Em Florianópolis, estas transformações foram espelhadas com júbilo, principalmente junto aos seus responsáveis (o governo municipal e estadual), que batalharam pela metamorfose de “cidade velha”, para uma “capital elegante e progressista”.

Em 1923, como medida de estética, foram demolidas as instalações que abrigavam o Café Natal e o Café Commercial. Eram “chalés” com arquitetura em estilo rococó. Apesar de suas construções apresentarem um estilo arquitetônico definido, eram conhecidas como “tartarugas”, provavelmente esta alcunha lhes dava um sentido de “algo ultrapassado”. Estas demolições, anunciava o Jornal, eram em nome do “bom gosto” que iam chegando em Florianópolis, com a construção de novos prédios, aberturas de avenidas, jardins e ruas, demonstrando assim que a capital estava passando por um momento de “renovação”, com o propósito de criar uma nova estética para a cidade⁴⁶. Era o período do “bota abaixo”.

Pelas linhas da coluna “Suelto”, **O Estado** editava comentários sobre as demolições que naquele momento estavam em pauta no diário. A edição número 2733, de 11/08/1923, fazia jus à Superintendência Municipal de Florianópolis, pela decisão de mandar demolir no Jardim Oliveira Belo “(...) *aquelas duas tartarugas e plantar, no seu lugar, rosas, camélias e begônias (...)*”, pois tratava-se “(...) *não só de uma medida de bom senso, como também, de bom gosto (...)*”.

A inauguração em 1922 da Avenida do Saneamento, hoje Hercílio Luz, “representou um dos momentos de maior intensificação no ímpeto de reformar, retificar e demolir tudo aquilo que ainda restava da antiga paisagem de Nossa Senhora do Desterro”⁴⁷. O processo de demolição de ruelas e becos deu lugar a ruas modernas, abertas pelo governo. A classe menos favorecida economicamente e ocupantes dessas

⁴⁶ O CAFÉ Natal e o Café Commercial vão ser demolidos. **O Estado**, Florianópolis, n. 2709, 14 jul. 1923. p. 2, c. 4

⁴⁷ ARAÚJO, Hermetes Reis de, op. cit., f. 20

artérias marginais, tiveram que deixar seus antigos espaços e instalaram-se na periferia da cidade⁴⁸. Com estas demolições o problema da falta de moradia na cidade foi agravado.

A primeira avenida da capital - do Saneamento - quando concluída, impôs uma significativa mudança na paisagem urbana de Florianópolis. Esta mudança, fator de progresso para a cidade, alojava-se na plataforma d'O Estado, que na qualidade de órgão fiscalizador participava da discussão do projeto de cidade que era desejado alertando a Superintendência Municipal para que mantivesse "ordem estética" na disposição das árvores que embelezavam esta via pública, pois cabia tão-somente à Superintendência "conservar aquilo que já está feito". Sendo que, constantemente o Jornal publicada não somente seus reclames, mas também o retorno que a municipalidade dava dos mesmos, através de seus atos (obras):

*"Fomos informados de que a Superintendência Municipal encomendou madeira para os gradis que protegem as árvores da Avenida Hercílio Luz. Logo que esta encomenda seja satisfeita e confeccionados os competentes gradis, a Superintendência mandará replantar árvores nos lugares vagos existentes naquela via pública"*⁴⁹

Em 1927, a coluna "Problemas urbanos" assumiu, em algumas edições, a linha editorial do periódico. Com esta coluna, o Jornal aliciava o poder como defensor das necessidades públicas reivindicando melhoramentos de ruas nos perímetros urbanos e distritais, o patrulhamento na cidade e a ampliação da área física do mercado público.

Outras melhorias de caráter progressista eram também enumeradas em suas edições, como o alargamento, em 1929, da Rua Felipe Schmidt, a iluminação moderna do cais, as vias de comunicações rápidas, servidas pelas empresas de radiotelefonia e radiotelegrafia, e o "excelente" serviço aéreo, permitindo, assim, à capital do Estado estar em constante e permanente contato com o mundo⁵⁰.

No que diz respeito à educação, um dos aspectos tido como fundamental para as "obras progressistas de recuperação nacional", o Jornal estava imbuído, juntamente com o Governo do Estado, em buscar a expansão do ensino. Ainda na década de 10, a educação deu um grande avanço, com o início da primeira reforma do ensino, que

⁴⁸ PELUSO JÚNIOR, Victor Antônio, op. cit., p 15

⁴⁹ AS ÁRVORES da Avenida Hercílio Luz. O Estado, Florianópolis, n. 3923, 28 jun. 1927. p. 1, c. 4

⁵⁰ TAMBÉM progredimos. O Estado, Florianópolis, n. 4779, 02 set. 1929. p. 1, c. 1-2

destacou Santa Catarina na comunidade nacional. Implantada pelo governador Vidal Ramos (1910-1914), a reforma necessitou da contratação de “uma missão de professores paulistas”, chefiada pelo professor Orestes Guimarães, então conhecido pelas reformas que realizou em 1907, na cidade de Joinville e em São Paulo.

Neste momento foi reorganizada a instrução primária em Santa Catarina, baseada no modelo da educação paulista. O historiador Carlos Humberto Corrêa, em seu artigo **O governo Vidal Ramos e a reforma do ensino público**, relata que com a advento da “República, surgiu o reconhecimento de que alguns centros brasileiros, entre eles São Paulo, deveriam ser copiados”. Como em São Paulo o ensino estava mais avançado e aperfeiçoado em relação ao ensino catarinense, surgiu a prática governamental de enviar professores catarinenses para aquele Estado, a fim de se atualizarem e aprenderem novas técnicas de ensino⁵¹.

Também neste momento de acordo com as tendências nacionalistas divulgadas no país, a educação cívica e moral mereceu destaque na reforma do ensino, e foi adotada nos estabelecimentos públicos de instrução do Estado. Hinos e cânticos patrióticos, comemorações de datas nacionais e o culto aos heróis faziam parte dos programas escolares⁵².

Os editoriais do Jornal dedicavam espaço em defesa do civismo, como podemos citar, dentre os vários, a edição 611, demonstrando patriotismo na divulgação da comemoração da Festa Militar de 24 de Maio. Já a edição 761, de 20/11/1917, em divulgar os festejos pelo Dia da Bandeira, realizado no Grupo Escolar Silveira de Souza, no Quartel do 54, no Tiro 40, na Força Pública, no Correio, e no Instituto Polytechnico. Em 09/09/1917, o n. 704, ao dedicar o editorial à Independência Política do Brasil, resgatava o patriotismo e registrava a “festa” da independência, tendo seu discurso impregnado de um sinônimo de liberdade e cidadania. ainda, o resgate dos símbolos nacionais - a bandeira e o hino - neste evento, talvez fosse uma forma que o Jornal encontrava para expressar seu sentimento patriótico.

Em 1916, a coluna “Pela Instrução”, transcrevia editoriais de jornais catarinenses, que tematizavam o ensino público, como também, divulgava as chamadas

⁵¹ CORRÊA, Carlos Humberto. O governo Vidal Ramos e a reforma do ensino público. *Diário Catarinense*, Florianópolis, n. 3243, 04 mar. 1995. Suplemento Diário da cultura. p. 7, c. 2-3

⁵² A INSTRUÇÃO pública em Santa Catarina : uma ligeira palestra com o senador Vidal Ramos. *O Estado*, Florianópolis, n. 634, 19 jun. 1917. p. 1, c. 1-2

“Instruções permanentes” que legislavam e exerciam a fiscalização da inspeção escolar. Estas instruções foram aprovadas pelo professor Orestes Guimarães, Inspetor Geral do Ensino. Ainda, esta coluna informava o calendário dos exames finais nas escolas e suas aprovações, a colação de grau nas escolas do governo e a fundação de estabelecimentos de ensino governamentais, enfim, todos os fatos que ocorriam no domínio da instrução pública.

Em forma de editoriais, artigos e imagens, **O Estado** enaltecia os responsáveis pelas reformas do ensino iniciadas pelo governador Vidal Ramos, e que tiveram sua rota seguida no governo de Felipe Schmidt (1914-1918), como, por exemplo, a homenagem, em 1925, a Alexandre Margarida, 1. Oficial de Diretoria de Instrução, onde exerceu por um período de 20 anos este cargo.

Podemos constatar, em 1922, a ligação d’**O Estado** com o poder público, ao divulgar atos oficiais de nomeação, exoneração e remoção dos professores estaduais, e atos de criação de escolas públicas de Santa Catarina. Esta ligação com o poder público demonstrava a tendência partidária do Jornal, embora declarando-se independente, era transparente a sua vinculação com o governo Hercílio Luz. Nesta época, “não havia o diário oficial e os decretos, as leis e os atos oficiais deveriam ser publicados nos jornais”. Assim, os serviços dos jornais - no caso particular **O Estado** - eram contratados pelo governo e/ou pela Assembléia, para a publicação dos atos emanados do executivo e do legislativo⁵³. Tratava-se da vontade das autoridades em, tornar a imprensa útil aos interesses do poder administrativo, servindo-se então do jornal para tornarem conhecidos os seus atos oficiais⁵⁴. Com esta postura das autoridades, o Jornal transformava-se em boletim oficial, ao passo que angariava mais recursos para sua sobrevivência.

Com relação ao analfabetismo, os discursos jornalísticos de cunho combativo pregavam que se tratava de um “dever de honra do cidadão brasileiro” lutar contra a proliferação do analfabetismo.

Em 1915, havia em Santa Catarina escolas isoladas, grupos escolares, escolas reunidas, complementares e normais. Em Florianópolis, além destas categorias de escolas, havia o Colégio Coração de Jesus e o Ginásio Catarinense, funcionando em regime de internato e externato, freqüentado pelos filhos da elite da capital e do

⁵³ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. A imprensa e os partidos políticos. In: PEREIRA, Moacir (org.). **A imprensa em debate**. Florianópolis : Lunardelli, 1981. p. 165

⁵⁴ HABERMAS, Jürgen, op. cit, p. 35

interior do Estado. Estes colégios não tinham apenas a finalidade acadêmica, mas se constituíam em centros de influência e irradiação da fé católica. O Ginásio Catarinense formava boa parte das lideranças políticas e intelectuais que governaram Santa Catarina.

Em Florianópolis, inexistia curso de nível superior, segundo Amazile de Hollanda Vieira, este era visto como um processo elitizante. Também não havia cursos técnicos. Uma vez concluído o curso normal, o secundário ou ginásial, os alunos com maior poder aquisitivo iam estudar fora de Santa Catarina. Aqueles que aqui permaneciam, trabalhavam no comércio ou repartições públicas, onde, a partir de 1917, tiveram oportunidade de realizar cursos técnicos. Isto graças à fundação, em 13 de março de 1917, do Instituto Polytechnico, permitindo frequentar os cursos de agrimensura, clínica odontológica, guarda-livros e farmacêutico⁵⁵.

A criação do Instituto foi aplaudida pela imprensa local. Esta foi a primeira experiência de ensino superior em Santa Catarina. As práticas discursivas do Jornal sagravam este momento.

Em 1915 lançou-se uma campanha cívica, e que tinha como pano de fundo a divulgação do nacionalismo, através de uma deflagração em prol do serviço militar obrigatório. Esta campanha, como outras ocorridas no período tinha por objetivo enaltecer o patriotismo através do ensino de civismo na escola, combater o analfabetismo, e defender e estimular a prática do serviço militar obrigatório, representando este último o triunfo da democracia

Com o título de príncipe dos poetas, Olavo Bilac, em 1915, percorre o país clamando contra “a mingua de ideal que nos abate, a onda desmoralizadora de desânimo que avalassa todas as almas”⁵⁶. Formam-se nos Estados, correntes de agitação patriótica, umas nacionalistas e outras conservadoras.

O Estado no “gancho” da corrente nacionalista, promovia a organização e o desenvolvimento em defesa das Linhas de Tiro e do Movimento pelo serviço militar. Em 1917, destacou-se com matérias direcionadas para as atividades do Tiro 40 e de sorteios militares para jovens ingressarem nas forças armadas. Isto demonstrava o

⁵⁵ VIEIRA, Amazile de Hollanda. **O Instituto Polytechnico no contexto sócio-cultural de Florianópolis**. Florianópolis, 1979. f. 2-3. Dissertação (Mestrando em História) UFSC, Florianópolis, 1979.

⁵⁶ BAHIA, Juarez, *op. cit.*, p. 135

interesse por parte do periódico, consubstanciado na campanha de luta pelo “Reerguimento do Civismo Pátrio”.

Assim, o Jornal solicitava ao comércio local, aos clubes sociais, às casas de cultura e ao povo, a contribuição, em subscrição popular, para a doação de 100 (cem) uniformes para fardarem os novos atiradores de Florianópolis. Frisava o Jornal que o atendimento a este apelo viria “engrossar as fileiras da briosa campanha de atiradores do 40”⁵⁷.

Carlos Guilherme Mota e Maria Helena Capelato, na obra **História da Folha de S. Paulo (1921-1981)**⁵⁸, ao falarem das concepções sobre educação, civismo e nacionalismo veiculadas pela Liga de Defesa Nacional (liderada por Olavo Bilac), informam que as mesmas tinham suas raízes mais remotas na ideologia positiva. Alguns pontos da Liga foram incorporados pela **Folha de S. Paulo**. Também percebemos que **O Estado**, ao defender as questões educacionais, civilistas e patrióticas, serviu de “escada” na trajetória destas campanhas, à frente de seus editoriais, artigos de fundo e seções voltadas para estas questões, assim percebemos que muitas bandeiras de jornais de centros maiores foram agitadas por aqui, apesar da especificidade do contexto.

O pano de fundo, que reflete a tendência da base ideológica do Jornal, é contemplado por um forte nacionalismo. Através da plataforma e dos editoriais, observa-se a exaltação do patriotismo enaltecido com a divulgação de “heróis” nacionais, como, por exemplo, a publicação *Vida íntima do Barão do Rio Branco*⁵⁹.

A nacionalização do ensino, a preservação do uso da língua nacional e a existência de “impérios estrangeiros” no Estado, constituíram aspectos considerados pelo Jornal.

Carlos Humberto Corrêa, ao comentar acerca do processo de nacionalização do ensino introduzido em Santa Catarina, pelo professor Orestes Guimarães, nos aponta que não houve uma proibição drástica do ensino da língua estrangeira, naquele momento, como o que aconteceu durante o final da década de 30, mas aproximou a escola brasileira das comunidades coloniais, onde a colaboração entre mestres nacionais e estrangeiros passou a ser mais freqüente⁶⁰.

⁵⁷ JUSTO apelo. **O Estado**, Florianópolis, n. 619, 01 jun. 1917. p. 1, c. 6

⁵⁸ MOTA, Carlos Guilherme, CAPELATO, Maria Helena Rolim. **História da Folha de S. Paulo 1921-1981**. São Paulo : Impress, 1981. p. 34

⁵⁹ VIDA íntima do Barão do Rio Branco. **O Estado**, Florianópolis, n. 11, 26 maio 1915. p. 1, c. 1-2

⁶⁰ CORRÊA, Carlos Humberto. Proposta inovadora : educação para o povo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, n. 3243, 04 mar. 1995. Suplemento Diário da cultura, p. 8, c. 1

Os editoriais expressavam a obrigatoriedade do ensino da língua portuguesa nas escolas católicas. Na edição de 04/09/1917, a carta de D. João Becker, Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre, frisava em letras garrafais que, “*o católico que não conhecesse a língua nacional seria inibido e incapaz de defender os interesses do país*”. Ainda, podemos constatar, na análise da carta intitulada *A língua nacional*, publicada em 26/06/1915, número 38, a preocupação que o articulista expressava em cultivar uma nacionalidade, sob o controle do governo federal, criando para tanto, a instrução primária nacional nos municípios coloniais. Continuando, o autor alertava que se o uso da língua nacional fosse adotado a mais tempo, estaria solucionado o problema como retrata um parágrafo desta carta:

“(...) *Quatro quintos da população de Blumenau, por exemplo, é nascida aqui no Brasil. Se em pouco tempo se tivesse cogitado seriamente a instruí-la na língua do país o problema estaria hoje resolvido (...) Pela nossa índole tolerante e liberal não nos assenta combater e obstar o movimento do emigrado, para conservar suas tradições; o que nos convém é fazer-mos outro paralelo, usando um direito que eles usam, fazendo um proveito da nossa causa nacional o que eles fazem relativamente a sua (...)*”⁶¹

O Jornal tecia críticas aos padres estrangeiros que ensinavam as crianças nas escolas paroquiais, apenas em idioma alemão, menosprezando assim a língua portuguesa, infringindo, portanto, as leis do governo brasileiro⁶². Tais críticas redundaram em conflitos na imprensa local. O jornal *A Opinião* repudiou *O Estado*, dizendo que a matéria causou “*péssima impressão até nos círculos mais anticlericais*”. *O Estado*, ao defender-se, frisava em seus discursos que apenas tinha a pretensão de “*fazer a obra do saneamento patriótico*”. Nesta época, o proprietário do Jornal, Dr. Henrique Rupp Júnior, encontrava-se em Curitiba, de onde enviou para a Redação do diário, um telegrama expressando “*solidariedade da postura do Jornal, no caso dos padres estrangeiros, que vinham pregando contra os grupos escolares e o casamento civil*”⁶³.

Estas inquietações demonstradas pelo Jornal em torno da língua nacional, provavelmente, tinham implicações com a I Guerra Mundial, que estava acontecendo

⁶¹ A LÍNGUA nacional. *O Estado*, Florianópolis, n. 38, 26 jun. 1915. p. 1, c. 1-3

⁶² CRÍTICA aos padres estrangeiros. *O Estado*, Florianópolis, n. 15, 30 maio 1915. p. 1

⁶³ A ATITUDE d'O Estado. *O Estado*, Florianópolis, n. 18, 03 jun. 1915. p. 1, c. 7

entre Alemanha e outras nações. O Jornal estava ligado aos acontecimentos nacionais e internacionais, abrindo espaço para matérias sobre o tema, ora de contestação, ora de apoio. No entanto, esta flexibilidade existia mas nunca a ponto de definir-se como oposição ao Governo, ou a ordem vigente em nível nacional.

Os dirigentes locais sempre estavam prontos para reprimir quaisquer movimentos políticos contrários aos seus interesses econômicos e ideológicos. Dentre as repressões do poder, o controle foi maior em relação às regiões onde predominavam imigrantes ou descendentes de alemães e italianos. As escolas comunitárias destas regiões, na sua maioria, ministravam aulas em alemão e italiano, utilizando inclusive material didático produzido na Europa. Como medida de controle, o governo brasileiro, na década de 20, iniciou a campanha de nacionalização, que se concretizou somente em 1937, sob a justificativa de que havia ameaças à integridade do país⁶⁴.

A edição 29, de 16/05/1915, publicou um artigo do jornal **A Gazeta**, do Rio de Janeiro, tratando-se de uma campanha contra os alemães e os teuto-brasileiros do sul do país. As publicações de tais matérias, pode-se concluir foram uma forma de disseminar, em nível nacional, a imagem de que Santa Catarina era povoada essencialmente por alemães e descendentes.

Por volta de 1920, o governo estadual catarinense reprimiu o uso da língua alemã, promovendo o fechamento de escolas comunitárias, conseqüentemente gerando, às famílias imigrantes, agressões tanto físicas quanto morais, além de perdas materiais.

A forte ligação econômica do Brasil com os países que lutavam contra a Alemanha (Inglaterra, França e Estados Unidos) determinou o envolvimento do país no conflito. Em outubro de 1917, após o torpedeamento de alguns navios mercantes brasileiros, Venceslau Brás declarou guerra aos alemães e seus aliados⁶⁵. Somente na etapa final a I Guerra Mundial tornou-se mais dramática para o Brasil, ocupando maior atenção dos jornais. O país reage, aderindo às nações aliadas.

O jornais brasileiros dividem a cobertura do conflito mundial e de suas conseqüências nas relações internacionais, com temas que antecedem ou se desdobram a ele: o conagraçamento político para curar as feridas do impasse civil, o reatamento das relações diplomáticas com Portugal, a Guerra de Canudos, a Campanha Civilista.

⁶⁴ SANTOS, Sílvio Coelho dos, *ibidem*, p. 115

⁶⁵ VICENTINO, Claudio. *Brasil : período imperial e republicano*. São Paulo : Scipione, 1994. p. 83
(História, memória viva)

Os balanços dos maiores jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo, relativos a 1914 1915, indicam quedas da receita líquida em consequência do aumento nos preços do papel. Estes reflexos, também, deixaram sua marca registrada na imprensa florianopolitana, onde também as assinaturas d'O Estado que tiveram seus preços majorados.

Quando foi declarada a guerra entre Alemanha e Brasil, a edição de 28/10/1917, ocupou 4 páginas, contendo matérias sobre as manifestações que estavam acontecendo na capital, no interior do Estado e no Brasil. Em 11 de dezembro do mesmo ano, o diário, publicou uma "Edição Extraordinária" a respeito do conflito.

De outubro de 1917 até abril de 1918, veicularam no Jornal matérias comentando sobre os alemães em Santa Catarina, o seu comportamento, as represálias efetuadas, a invasão e destruição por parte da população florianopolitana de imóveis, localizados em Florianópolis, de propriedade dos alemães, como a destruição do Clube Germania e o incêndio do Tiro Alemão.

O ataque às casas e instituições alemãs localizadas em Florianópolis, além de causarem prejuízos, introduziu o medo entre os alemães. João Klug, na sua obra **Imigração e luteranismo em Santa Catarina** demonstra que o medo disseminado entre os alemães tomou proporções tão sérias que era praticamente impossível reunir os membros em torno da Igreja Luterana.

Em Florianópolis, Klug aponta consequências imediatas dentro da própria comunidade alemã, como a demissão de membros, "*temendo sua identificação com uma Igreja que se declarava francamente alemã*"⁶⁶. O Dia da Reforma - 31 de Outubro - foi e continua sendo até hoje um marco histórico para a comunidade luterana, que comemora a data em que Lutero fixou suas 95 teses na porta da igreja do Castelo de Wittenberg. Esta "*data nobre*"⁶⁷ do luteranismo, no ano de 1917, ao comemorar o seu 4º centenário da Reforma, em função da guerra, foi praticamente impossível realizá-la. O momento político era delicado para os alemães, especialmente com a resolução assinada em 1917 pelo governador Felipe Schmidt, proibindo o culto e atividades em língua alemã. A partir de 1918, o Governo do Estado autorizou o reinício dos cultos, "*com a ressalva de que as pregações tinham que ser feitas em*

⁶⁶ KLUG, João. **Imigração e luteranismo em Santa Catarina** : a comunidade alemã de Desterro. Florianópolis : Papa-Livros, 1994. p. 165

⁶⁷ KLUG, João, *ibidem*, p. 166

português”⁶⁸. Como “*a pregação era o centro do culto luterano, o governo estadual permitiu pregar em alemão, desde que também em português*”⁶⁹.

Nomes de ruas, localizadas em Florianópolis, que homenageavam imigrantes alemães, foram substituídos por outros nomes. A Diretoria do Clube do Brasil eliminou de seu quadro de sócios todos os alemães⁷⁰. Professores alemães foram demitidos de escolas do governo, como foi o professor Alberto Schroeder, do Grupo Escolar de Itajaí⁷¹. Num período em que se buscava construir uma nacionalidade ao país, todas as manifestações reforçavam o exercício e a prática do patriotismo.

Notas policiais, quando referiam-se aos alemães, tinham destaque no Jornal, onde a nacionalidade da vítima era evidenciada, ressaltando uma negatividade quanto a presença dos “estrangeiros” nos limites da cidade.

O Estado, na época dirigido por Marinho Lobo⁷², refletia o receio de que inquietações populares tomassem rumo mais sério, empenhando esforços no sentido de fazerem “serenar os ânimos escaldados e evitar males maiores, que iriam, por certo, alarmar a população inteira da capital”. Então, o diário dirigiu um apelo “revestido” de patriotismo, concebido nos seguintes termos:

“(...) solicitamos encarecidamente aos populares envolvidos nas agitações destes últimos dias tenham a máxima calma, moderando quanto possível o ardor e o acalorado entusiasmo das suas manifestações.

O povo catarinense tem o dever de honrar e respeitar as forças no nosso invicto e glorioso Exército a quem, em boa hora, foi entregue ao serviço de manutenção da ordem da cidade.

(...) Brasileiros, tenhamos a ativa preocupação de nos mantermos sempre dignos do nosso passado. Não o maculemos agora, nem nunca, com excessos e tumultos que não dizem com os nossos generosos sentimentos de povo superior e bom.

*Façamos isso pela honra e pela glória do Brasil! (...)”*⁷³

Este apelo, em forma de boletim, foi afixado e distribuído em vários lugares da cidade.

⁶⁹ KLUG, João, *ibidem*, p. 168

⁷⁰ **O Estado**, Florianópolis, n. 785, 18 nov. 1917.

⁷² A DECLARAÇÃO de guerra. **O Estado**, Florianópolis, n. 745, 30 out. 1917, p. 1 c. 1-5

⁷³ OS ACONTECIMENTOS de ontem : um apelo d’O Estado. **O Estado**, Florianópolis, n. 746, 30 out. 1917. p. 1, c. 4-5

A Liga da Defesa Nacional, por intermédio da imprensa, dirigia apelo à nação, dizendo que a atitude de brasileiro digno não poderia ser outra senão obedecer ao governo brasileiro⁷⁴.

Com este discurso, o governo alertava aos homens para estarem de prontidão a qualquer momento que o país deles necessitasse. Em Florianópolis, o capitão Joe Collaço e os oficiais do Tiro 40, colocaram os seus serviços à disposição do Ministério da Guerra⁷⁵.

Para aqueles alemães que não promoviam ataque ao governo brasileiro, o povo recebia “conselhos” de bom tratamento, como explicita Venceslau Brás, através de um telegrama:

*“Respeite a pessoa de bem e bens dos alemães, porque o Governo punirá severamente aqueles que atentarem contra a defesa nacional (...)”*⁷⁶

Os Governadores de Estado eram orientados e alertados pelo Presidente da República a controlarem os gastos, tanto públicos, quanto particulares:

*“Alerta!
É oportuno que aconselhemos a maior parcimônia nos gastos de qualquer natureza, públicos ou particulares. Intensifique-se, tanto quanto possível, a produção dos campos, a fim de que a fome que bate já às portas da Europa, não nos aflija também, e, antes, possam ser o celeiro de nossos aliados. Estejam todas as atenções alerta aos manejos da espionagem, que é multiforme, e emudeçam todas as bocas quando se tratar do interesse nacional (...)”*⁷⁷

A Diocese de Florianópolis proibiu, em qualquer circunstância, nas paróquias sob sua jurisdição e nos atos do culto público, o emprego da língua alemã⁷⁸. Também, crônicas do Jornal, condenavam o uso da língua alemã, inclusive em animais falantes, como está evidente na crônica *O papagaio do alemão*. O cronista narra o caso de um alemão, hospedado no Hotel Metropol, que adquiriu um papagaio no mercado público. Fascinado pela linda plumagem do bichinho, verde-amarelo e, mais ainda, quando um

⁷⁴ O BRASIL na guerra : apelo patriótico à nação. *O Estado*, Florianópolis, n. 756, 13 nov. 1917. p. 1, c. 1-2

⁷⁵ TIRO 40. *O Estado*, Florianópolis, n. 744, 28 out. 1917. p. 1

⁷⁶ O BRASIL na guerra : telegramas. *O Estado*, Florianópolis, n. 755, 11 nov. 1917. p. 1

⁷⁷ ALERTA! *O Estado*, Florianópolis, n. 768, 28 nov. 1917. p.1, c. 4

⁷⁸ AVISO : sobre o emprego da língua alemã. *O Estado*, Florianópolis, n. 875, 07 abr. 1918. p. 1, c. 3-4

cidadão informou-lhe que, se pacientemente ensinado, aprenderia a falar até o alemão. Envaidecido, o alemão levou o papagaio para morar, também no hotel. E o papagaio, todos os dias ao almoço e ao jantar, lá estava a embrulhar o alemão. A princípio divertiu os hóspedes, depois aborreceram-se com a falação. Reclamações e protestos levaram o papagaio e seu dono a mudarem de residência. Passaram a comer e dormir no Clube Germania. Foi toda a desgraça do papagaio. Populares invadiram e depredaram o casarão do Clube. O bichinho foi poupado. De cabecinha de banda, *“olhara de esquelha aquilo surpreso e assustado e como visse toda a gente a falar, teve por bem que seria prudente dizer o que lhe ensinara o alemão, seu fiel amigo e dono. E sem mais demora abriu o bico:*

Vorwärtz! March!

*Links, rum! Parademarch!*⁷⁹

O papagaio ao exprimir estas palavras deixou a multidão inquieta, provocando ira e rancor. Na sua ingenuidade e desprovido de raciocínio, o bichinho continuou serenamente a embrulhar o alemão: *Halt! Wohin gehen wir?*⁸⁰ O popular que o trazia, revoltado, pôs-lhe a mão “crispada” no seu pescoço e falava:

“(...) - Até tu desgraçado, que és brasileiro, que tens as cores da nossa bandeira e que nasceste ali nos matos de S. José, até tu miserável, já sabes falar o alemão? Pois toma ...

*E num gesto de raiva torceu o pescoço do bichinho, tão delicado, tão pequenino e tão macio, jogando após um repelão o seu corpinho frio e morto de encontro ao muro do Cinema Círculo (...)*⁸¹

O enredo desta crônica vem demonstrar o “castigo” prometido para os que dialogassem em alemão, mesmo em locais privados, como o Hotel Metropol e o Clube Germania, mas que transformavam-se em lugares de domínio público, isto em consequência dos conflitos mundiais.

Leitores do Jornal, certamente com temor a represálias, permaneciam no anonimato, mas colaboravam ao divulgarem informações que delatavam os alemães, como foi o caso da carta oriunda de Itajaí. O signatário relatava que os alemães domiciliados em Itajaí, continuavam a ter a mesma liberdade de ação como nos tempos

⁷⁹ Tradução para o português: Em frente! Marcha! Esquerda!, volver! Alto!

⁸⁰ Tradução para o português: Parem! Para onde vamos nós?

⁸¹ O PAPAGAIO do alemão. *O Estado*, Florianópolis, n. 748, 02 nov. 1917. p. 2, c. 1

normais. “O governo não tomou nenhuma providência contra os espiões e nem contra as reuniões secretas que fazem todas as noites. Não mandou fechar o escritório da Companhia Estrada de Ferro (chefiada pelo engenheiro alemão Eugene Block), nem tomou conta da Companhia Fluvial⁸² (dirigida pelo alemão Benedict Hoffmann). Ainda, a carta descrevia: os principais pontos de reunião aconteciam no Palace Hotel, de propriedade de um teuto-brasileiro e germanófilo, Pedro Burghardt e numa confeitaria, do alemão Otto Stender. A escola alemã continuava a afrontar a população, ostentando na sua fachada um grande letreiro gravado em letras de alto relevo, onde se lê: “Die deutsche schule”⁸³. Também, no teor da correspondência, o autor evidenciava que os alemães “possuíam boas armas de guerra. Os súditos do Kaiser, aqui estão na ponta, ninguém os incomoda, nem o ordeiro povo desta cidade, nem às autoridades, que não têm nenhuma ordem contra eles (...)”. Finalizando, informava que em Brusque “foi retirado da sala do Conselho Municipal o retrato do sr. Carlos Renaux, Comandante da Guarda Nacional daquela cidade, em represália às suas destemperadas expansões germânicas”⁸⁴.

Assim, frente a um contexto conturbado e em constante transformação, **O Estado** procurou refletir ou repassar, através de suas páginas, esse contexto a um público desejoso de novidades. Entretanto, o mesmo não ficou apenas em nível de apresentação do real, ele por si só foi um importante fator de transformação concreta no cotidiano das pessoas, a partir do momento em que tornou-se “reordenador”, através de seus discursos de hábitos e costumes.

O Estado, ainda era divulgador de uma cultura literária, através da criação de colunas específicas para obras de literatos nem sempre conhecidos do público.

Estrategistas articulavam temas a serem publicados no periódico, dando prioridade a questões locais, que interessariam à população, bem mais do que as relacionadas ao contexto nacional ou internacional em geral, as quais apareciam em segundo plano no diário, o que conseqüentemente, ocasionaria uma maior venda com relação à concorrência. É assim que vimos o Jornal suscitar melhorias urbanas e modernas que iriam interferir diretamente no cotidiano da cidade.

⁸² O BRASIL na guerra : de Itajaí, graves denúncias. **O Estado**, Florianópolis, n. 760, 18 nov. 1917. p. 1, c. 1-2

⁸³ Tradução para o português: A escola alemã

⁸⁴ O BRASIL na guerra, ibidem, p. 1, c. 2

O Estado tinha como pano de fundo uma tendência de base ideológica contemplada por um forte nacionalismo, a qual foi largamente usada pelos poderes públicos para garantir uma difusão e vivência de sentimentos patrióticos e homogeneizadores.

ALÉM DE UMA MATÉRIA

Correr atrás dos fatos; buscar notícias; trazer novidades, apresenta-se hoje como uma tarefa facilitada pela tecnologia.

Os avanços da informática e a evolução dos meios de transportes, entre outros, fazem com que um jornalista que vive em determinado continente do globo, apresente matérias ou reportagens a respeito de fatos acontecidos em outros continentes, distantes de seu dia-a-dia, de seu mundo real, tendo assim a possibilidade de ter uma relação impessoal e imparcial com os fatos noticiados, para fora de seu contexto territorial.

Esta realidade da rapidez, agilidade e facilidade na relação entre empresa jornalística e mensagem transmitida, pouco lembra a maneira de fazer as matérias pela imprensa no início do século XX, em Florianópolis, mais precisamente pelo jornal **O Estado**.

Numa cidade com hábitos “provincianos”, limitada por falta de técnicas e recursos financeiros, as notícias eram feitas e construídas por homens ligados aos fatos apresentados nas páginas do diário, portanto, impossível de apresentá-los de maneira imparcial, sem carregá-los de seus credos ideológicos. Homens estes, que na esfera pública do Jornal, articulavam-se em partidos políticos, ficando o mesmo á mercê das oscilações do poder. Sendo que, no âmbito público do Jornal os mesmos destacavam-se como construtores de hermas ao direcionarem campanhas de enaltecimentos de figuras ligadas aos seus círculos de poder.

Assim, **O Estado**, inserido neste contexto, como outros periódicos, fez de suas páginas um veículo de transmissão das convicções e preceitos de alguns homens que, pertencendo a um grupo, à elite, tinha como pretensão, tornar Florianópolis uma cidade moderna e civilizada à sua imagem e semelhança. Entretanto, pensar que o objetivo dos mesmos em atingirem de forma homogênea o público leitor teve êxito, através das publicações de suas páginas, é negar as específicas visões de mundo inerentes a diferentes pessoas, pois como ressaltou Roger Chartier, ao discutir a impressões de textos nos primórdios da Europa Moderna “*o ato de ler não pode amular-se no próprio texto, assim como as significações não podem ser aniquiladas*

*mediante significados impostos. A aceitação de mensagens sempre opera através de ajustes, combinações ou resistências*¹.

Com particularidades que o diferenciavam de outros periódicos, **O Estado** conseguiu manter-se à frente na imprensa florianopolitana, resistindo às intempéries que ocasionaram a falência e o fechamento de outros jornais. A prática de atos de benemerência e o arremedo de esfera pública constituíram-se em estratégias de sobrevivência articuladas pelo Jornal.

Apresentando-se como órgão defensor e articulador dos interesses públicos, o Jornal, constituía-se em um agente participativo na discussão do projeto de cidade que era desejado ser posto em prática. Assumindo desta forma um papel de defensor da moralidade e progresso da cidade. Assim, ultrapassando os limites de ser apenas uma empresa jornalística, o Jornal constituiu-se em uma “Instituição”, que, paralelo à sua utilidade de controle e difusão de normas e preceitos de um grupo sobre outro, serviu também de auxílio e ponto de referência da população, envolvendo-se no seu dia-a-dia, procurando espelhar a realidade de uma época, ao mesmo tempo em que tentava mudá-la interferindo no cotidiano da cidade.

¹ CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo : Martins Fontes, 1992. p. 234

FONTES

1 PRIMÁRIA

O Estado, Florianópolis, n. 1-5287, 13 maio 1915/13 maio 1931.

2 SECUNDÁRIAS

2.1 LIVROS

ALBERT, P., TERROU, F. **História da imprensa**. São Paulo : Martins Fontes, 1990.

AMARAL, Luiz. **Jornalismo** : matéria prima de primeira página. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1978.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral** : reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. São Paulo, 1989. Dissertação (Mestrado em História) PUC, São Paulo, 1989.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 7. ed. rev. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1995.

BAHIA, Eliana Maria. **Perfil de José Boiteux** : um construtor da cultura catarinense. Florianópolis, 1994. Dissertação (Mestrado em História) UFSC, Florianópolis, 1994.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica** : história da imprensa brasileira. 4. ed. rev. e aum. São Paulo : Ática, 1990. v. 1 (Básica universitária)

- BÍBLIA. N. T. ATOS 6. PORTUGUÊS. ALMEIDA. 1969. A Bíblia Sagrada : Antigo e Novo Testamento. Ed. rev. e atual. no Brasil. Brasília : Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.**
- BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO (SC) (Org.). Catálogo de jornais catarienses : 1850-1989. Florianópolis : FCC, 1990.**
- BURKE, Peter. A fabricação do rei : a construção da imagem pública de Luís XIV. Rio de Janeiro : Zahar, 1994.**
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. História de Santa Catarina. Florianópolis : Lunardelli, 1987.**
- **A imprensa e os partidos políticos. In: PEREIRA, Moacir (Org.). A imprensa em debate. Florianópolis : Lunardelli, 1981.**
- CALLADO JÚNIOR, Martinho. Imprensa catarinense : resumo histórico (1831-1961) In: EL-KHATIB, Faissal (Org.) História de Santa Catarina. Curitiba : GRAFIPAR, 1979. v. 3**
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. Imprensa e história do Brasil. São Paulo : Contexto : EDUSP, 1988. (Repensando a história)**
- CAPELATO, Maria Helena Rolim, PRADO, Maria Lígia. O bravo matutino : imprensa e ideologia, o jornal O Estado de S. Paulo. São Paulo : Alfa-Omega, 1980.**
- CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo : Martins Fontes, 1992. p. 211-238**
- CÓDIGO de catalogação anglo-americano. 2. ed. São Paulo : FEBAB, 1978. v. 1**

CORRÊA, Carlos Humberto. Um estado entre duas Repúblicas : a Revolução de 1930 e a política de Santa Catarina. até 35. Florianópolis : Ed. da UFSC, 1984.

CORRÊA, Nereu. Perfis e retratos em vários tons : em memoriam. Florianópolis : Lunardelli, 1986.

DE MARCO, Benhur. O controle da mídia : elites e a radiofusão em Santa Catarina. Florianópolis, 1991. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) UFSC, Florianópolis, 1991.

DINES, Alberto. O papel do jornal : uma releitura. 5. ed. ampl. atual. São Paulo : Summus, 1986. (Novas buscas em comunicação ; v. 15)

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. Pequeno dicionário da língua portuguesa. 11. ed. Rio de Janeiro : Gamma, [19--].

FERREIRA, Sérgio Luiz. O banho de mar na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis, 1995. Dissertação (Mestrado em História) UFSC, Florianópolis, 1995.

HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública : investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1984.

HICKEL, Maria do Carmo rodrigues. Das memórias de Solange. Florianópolis : M. C. R. Híckel, 1991.

KLUG, João. Imigração e luteranismo em Santa Catarina : a comunidade alemã de Desterro. Florianópolis : Papa-Livros, 1994.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo : Ática, 1985.

----- **Ideologia e técnica da notícia**. São Paulo : Ática, 1979.

----- **Linguagem jornalística**. São Paulo : Ática, 1981.

LENZI, Carlos Alberto Silveira. **Partidos políticos em Santa Catarina**. Florianópolis : Ed. da UFSC, 1983.

LOPES, José Lupércio. Notas para a história da imprensa. In: **ECNCICLOPÉDIA DO VICENTE ALMIRANTE CARLOS DA SILVEIRA CARNEIRO**. [S. l. : s. n., 19--]. v. 10 (datilogr.)

MATTOS, J. B. de. **Os monumentos nacionais** : Santa Catarina. Rio de Janeiro : Imprensa Militar, 1940.

MELO, Osvaldo Ferreira de (Org.). **História sócio-cultural de Florianópolis**. Florianópolis : Clube Doze de Agosto : IHGSC : Lunardelli, 1991.

MOTA, Carlos Guilherme, CAPELATO, Maria Helena Rolim. **História da Folha de S. Paulo (1921-1981)**. São Paulo : Impress, 1981.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres faladas e mulheres honestas** : uma questão de classe. Florianópolis : Ed. da UFSC, 1994.

----- **Nas tramas entre o público e o privado** : a imprensa de Desterro (1831-1889). Florianópolis, 1993. (Trabalho apresentado à UFSC no Concurso de Professor Titular, abril de 1993)

PEREIRA, Ivonete. **“As decaídas” : mulheres no cotidiano de Florianópolis (1900-1940)**. Florianópolis, 1996. Dissertação (Mestrado em História) UFSC, Florianópolis, 1996.

PEREIRA, Moacir. **Imprensa & poder : a comunicação em Santa Catarina**. Florianópolis : Lunardelli : FCC, 1992.

PIAZZA, Walter Fernando. **Santa Catarina sua história**. Florianópolis : UFSC : Lunardelli, 1983.

PIAZZA, Walter Fernando (Org.). **Dicionário político catarinense**. Florianópolis : Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985.

PIAZZA, Walter Fernando, HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina : história da gente**. 3. ed. rev. e ampl. Florianópolis : Lunardelli, 1989.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. 3. ed. São Paulo : Brasiliense, 1981. (Primeiros passos ; 15)

SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Nova história de Santa Catarina**. Florianópolis : Terceiro Milênio, 1995.

SCHAEFFER, Maria Lúcia Garcia Pallares. **“The Spectator”, o teatro das luzes : diálogo e imprensa no século XVIII**. São Paulo, 1986. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 1986.

SCHILICHITING, Aída Melo. **Catálogo analítico descritivo dos jornais de Florianópolis (1914-1930)**. Florianópolis, 1989. Dissertação (Mestrado em História) UFSC, Florianópolis, 1989.

SENNET, Richard. **O declínio do homem público** : as tiranias da intimidade. São Paulo : Cia. das Letras, 1988.

SERRA, Antônio A. **O desvio nosso de cada dia** : a representação do cotidiano num jornal popular. Rio de Janeiro : Achiamé, 1980.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 3. ed. São Paulo : Martins, 1983.

TERNES, Apolinário. **História do jornal A Notícia** : 1923-1983. Joinville : A Notícia, 1983.

VICENTINO, Cláudio. **Brasil** : período imperial e republicano. São Paulo : Scipione, 1994. (História, memória viva)

VIEIRA, Amazile de Hollanda. **O Instituto Polytechnico no contexto sócio-cultural de Florianópolis**. Florianópolis, 1979. Dissertação (Mestrado em História) UFSC, Florianópolis, 1979.

2.2 ARTIGOS DE PERIÓDICOS

ADOLPHO Konder. **Diário Catarinense**, Florianópolis, n. 2777, 25 nov. 1993. Suplemento Governadores de Santa Catarina. p. 45. c. 2

ALTINO Flores, um bravo jornalista. **O Estado**, Florianópolis, n. 25520, 13-14 maio 1995. Suplemento especial comemorativo dos 80 anos de fundação de O Estado. p. 10, c. 1

ALTMAM, Fábio. As imagens do poder. **Veja**, São Paulo, n. 1365, p. 144-145, 9 nov. 1994.

CALLADO, Antônio. A quem serve a imprensa? **Folhetim**, São Paulo, 30 mar. 1980.

CORRÊA, Carlos Humberto. O governo Vidal Ramos e a reforma do ensino público **Diário Catarinense**, Florianópolis, n. 3243, 04 mar. 1995. Suplemento Diário da Cultura. p. 7, c. 2-3

----- O poder era a sua paixão. **Diário Catarinense**, Florianópolis, n. 2777, 25 nov. 1993. Suplemento Governadores de Santa Catarina : 1739/1993. p. 26. c. 3

----- Proposta inovadora : educação para o povo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, n. 3243, 04 mar. 1995. Suplemento Diário da Cultura. p. 8, c. 1

Diário Catarinense, Florianópolis, n. 3645, 07 abr. 1996. Suplemento Os sobreviventes do Contestado.

DORALÉCIO relembra o período do romantismo. **O Estado**, Florianópolis, n. 25520, 13-14 maio 1995. Suplemento especial comemorativo dos 80 anos de fundação de O Estado. p. 77, c. 2

O Estado, Florianópolis, n. 25520, 13-14 maio 1995. Suplemento especial dos 80 anos de fundação de O Estado. 88 p.

O Estado, Florianópolis, n. 25812, 20-21 abr. 1996. Suplemento Projeto Cultura Viva. p. 3

Folha Nova, Florianópolis, n. 366, 18 jan. 1928. p. 1, c. 1-2

MEIRINHO, Jali. Militar valente, político inábil. **Diário Catarinense**, Florianópolis, n. 2777, 25 nov. 1993. Suplemento Governadores de Santa Catarina : 1739/1993. p. 36, c. 3

OLIVEIRA, Lúcia Helena de, PRADO, Regina. O mundo no tempo das pestes. **Super Interessante**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 33, jan. 1992.

PELUSO JÚNIOR, Victor Antônio. O crescimento populacional de Florianópolis e suas repercussões no plano e na estrutura da cidade. **Revista IGH-SC**, Florianópolis, v. 3, n. 3, p. 26, dez. 1981.

PÍTICA, Paschoal Apóstolo. A contribuição do jornal O Estado às letras de SC. **O Estado**, Florianópolis. n. 25520, 13-14 maio 1995. Suplemento especial comemorativo dos 80 anos de fundação de O Estado. p. 83.